

Fabiola de Araujo Cabral

FUTSAL: PROCESSOS METODOLÓGICOS PARA DESENVOLVER A
CAPACIDADE DE JOGO

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG
2010

Fabiola de Araujo Cabral

FUTSAL: PROCESSOS METODOLÓGICOS PARA DESENVOLVER A
CAPACIDADE DE JOGO

Monografia apresentada ao Colegiado de Graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, como requisito para obtenção do título de Graduado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Juan Greco

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG
2010

Dedico este trabalho a minha família que esteve sempre ao meu lado durante esta jornada, ao meu orientador Pablo Juan Greco, que acreditou em mim e a Camila que me ajudou na realização do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele não teria conseguido chegar até aqui, por mais esforços que tenha feito, foi por me ter capacitado que conquistei tudo em minha vida.

Aos meus pais que fizeram o possível para me manter todos esses anos para que eu pudesse me dedicar totalmente aos meus estudos, que me deram amor e me acolheram em todos os momentos. Que me deram colo quando precisei chorar e sorriram com todas as minhas conquistas. Sem vocês não teria conseguido, devo e dedico a vocês essa conquista.

Ao meu irmão pelo apoio e por muitas vezes abrir mão de uma boa noite de sono para que eu pudesse estudar e fazer meus trabalhos. Que assim como meu pai, saiu do seu conforto para me buscar na faculdade ou para entregar alguma coisa que havia esquecido. Sua compreensão foi fundamental.

Aos meus avós, pela torcida, pelo carinho e pelas conversas, vocês me ensinaram muito sobre a vida e principalmente a vovó Ana sobre Deus. Vocês são exemplos a serem seguidos.

Aos meus familiares, que acreditaram e os que não acreditaram em mim, pois tudo me deu força para lutar e alcançar meus objetivos.

À tia Zana e o Tio Marquinho, que muitas vezes me acolheram em casa para me ajudar, me aconselharam e me ouviram nas minhas angustias durante essa trajetória, compartilharam junto aos meus pais de muitos momentos da minha vida.

Ao professor Pablo, meu orientador, que acreditou e confiou em mim mesmo quando pouco me conhecia. Obrigada pela paciência, pelo conhecimento transmitido e pelo exemplo de bom profissional que é. É de grande riqueza o convívio com você.

À professora Micena, pela amizade, carinho e respeito dedicados a mim. Pelas

caronas e pelas conversas que tivemos. Pelo conhecimento adquirido em anatomia e para vida. Você é muito importante para mim.

À Camila pela amizade e incondicional ajuda, tanto nas coletas como em vários momentos que precisei. Sua amizade foi muito importante, me ajudou a passar vários dias ruins na faculdade e na vida, além de ter me salvado com a coleta de dados.

À bolha, Fernanda Ribas, Fernanda Tatiana e Mari, por fazerem dos meus momentos em sala de aula muito mais divertidos e pela amizade que me dedicaram nesses anos. Amo vocês!!

Ao time de futsal EU + 10 e em especial ao Vinícius Bernutti, pela oportunidade de voltar a jogar futsal.

À equipe de futsal feminino da UFMG, pelas viagens, pela amizade, pelos campeonatos perdidos e conquistados. Por tornarem meu horário de almoço muito mais divertido. E à Jessica Buere, minha incontestável dupla, afinal animamos as viagens com nossos shows.

Às minhas alunas do Segundo Tempo Universitário, que me ajudaram muito para a concretização deste trabalho, se doaram e me proporcionaram uma rica experiência. Vocês foram essências nesse processo.

“O meu lúdico é a Vitória.”

Fabiola de Araujo Cabral

RESUMO

Saber o que fazer e como fazer dentro das diferentes situações da competição determina o sucesso ou fracasso no jogo. Neste estudo objetiva-se verificar os efeitos dos métodos incidentais (GRECO; BENDA, 1998) no desenvolvimento do conhecimento tático declarativo (CTD) e no desenvolvimento das habilidades técnicas (HT) em praticantes universitárias de futsal. Participaram deste estudo 20 praticantes de futsal feminino ($22,5 \pm 2,89$). O teste de conhecimento tático declarativo em futsal (TCTD:F), proposto por Souza (2002) e o teste de habilidades técnicas (THT), proposto por Greco (2002), foram utilizados para determinar o nível do CTD e das HT's, respectivamente, entre 16 sessões de treinamento. As sessões foram filmadas usando uma câmera Sony DCR-SR45 e categorizadas conforme o protocolo proposto por Stefanello (1999) adaptado para o futsal por Saad (2002) a fim de controlar a aplicação do método. Na categorização das atividades do treino os jogos para o desenvolvimento da inteligência tática (JDIT) ocuparam (4,91 hs), as estruturas funcionais (EF) (4,58 hs), as habilidades técnicas (HT) (2,34 hs), as capacidades táticas (CT) (2,66 hs) e capacidades coordenativas (CC) (2,14 hs) do tempo total de treinamento (16,63 hs). O teste não paramétrico de Wilcoxon confirmou diferenças significativas entre os escores do pré-teste e do pós-teste nas provas, acertar o alvo com o pé não dominante ($Z = -2,194$ e $p = 0,028$) e condução de bola com pé dominante ($Z = -2,138$ e $p = 0,033$). Backes (2009) em seu estudo encontra que houve apenas modificações no teste de Acertar o Alvo com a mão dominante, uma queda com a mão não dominante, mas com os pés, este estudo corrobora com o estudo deste autor. Confirmou também diferenças significativas do pré-teste para o pós-teste nos escores do teste do CTD ($Z = -3,752$ e $p = 0,000$). Os resultados confirmam que o método de E-A-T aplicado foi eficiente para melhora do conhecimento declarativo do jogo de futsal. Acredita-se que tal fato tenha ocorrido pela ênfase dada aos aspectos táticos nas sessões de treinamento, o que não corrobora com o estudo de Lima *et al.* (2009), que apesar de ser em voleibol, ao analisarem o CTD dos praticantes não encontraram diferenças significativas no nível de CTD após sessões de treinamento com método situacional. As propostas

metodológicas não foram eficientes para promover mudanças gerais nas HT's das praticantes de futsal. O reduzido número de sessões de treinamento pode ser uma das causas, assim recomenda-se uma maior quantidade de sessões para observar efeitos.

Palavras-chave: Futsal. Metodologia de Ensino. Capacidade de Jogo. Conhecimento Tático Declarativo. Habilidades Técnicas.

Abstract

Knowing what to do and how to do within the different situations determine the success or failure in the game. This study aims to evaluate the effects of incidental methods (GRECO; BENDA, 1998) on the development of declarative tactical knowledge (DTK) and on the development of technical skills (TS) at university futsal practitioners. Participated in this study 20 female futsal practitioners ($22,5 \pm 2,89$). The declarative tactical knowledge test on futsal (DTKT:FS), proposed by Souza (2002) and the technical skills test (TST), proposed by Greco (2002), were used to determinate the level of DTK and TS respectively, among 16 training sessions. The sessions were videotaped using a Sony DCR-SR45 and categorized according to the protocol proposed by Stefanello (1999) adapted for soccer by Saad (2002) in order to monitor the application of the method. In the categorization of the activities of the training, games for the development of tactical intelligence (GDTI) occupied 4.91 hours, the functional structures (FS) 4.58 hours, the technical skills (TS) 2.34 hours, the tactical capabilities (TC) 2.66 hours and coordinative capabilities (CC) 2.14 hours of the total training time (16.63 hours). The nonparametric Wilcoxon test confirmed significant differences between the scores of the pretest and posttest exams for: hit the target with the non-dominant foot ($Z = -2.194$, $p = 0.028$) and driving the ball with the dominant foot ($Z = -2.138$, $p = 0.033$). Backes (2009) in his study found that there was modifications only in the hit the target test with the dominant hand, lower scores with the nondominant hand, but with the feet, this study confirms the study of Backes (2009). It also confirmed significant differences from pretest to posttest scores of the declarative tactical knowledge test ($Z = -3.752$, $p = 0,000$). The results confirm that the method of teaching-learning-training (TLT) was efficient to improve the DTK of the futsal game. It is believed that this had actually happened by the emphasis on the tactical aspects in the training sessions, which does not corroborate with the study of Lima *et al.* (2009), which despite being in volleyball, found no significant differences in the level of DTK after the training sessions with situational method. The methodological approaches were not effective in promoting general changes in the technical skills of

the futsal practitioners. The small number of training sessions can be one of the causes, so it is recommended a greater number of sessions to observe effects.

Keywords: Soccer indoor. Teaching Methodology. Playability. Tactical Declarative. Knowledge. Technical Skills.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Classificação dos esportes de cooperação/oposição _____	23
Figura 2	O contínuo do jogo de futsal _____	39
Figura 3	Fluxograma de desenvolvimento das estruturas dos jogos esportivos coletivos _____	41
Figura 4	Característica do Jogo _____	42
Figura 5	Traços característicos do jogo de futsal _____	44
Figura 6	Quadra de futsal e suas dimensões _____	49
Figura 7	Medida do tempo total de jogo (TT) e porcentagens do tempo real (TR) e pausa (TP) _____	51
Figura 8	Médias de substituição por posição durante os jogos, da Copa Capão de Canoa – RS _____	52
Figura 9	Valores médios do tempo (min) de permanência em quadra por posição, na Copa Capão de Canoa – RS _____	53
Figura 10	ações de ataque – defesa por intervalos de duração _____	54
Figura 11	Componentes do Rendimento Esportivo _____	71
Figura 12	A dimensão estratégico-tática enquanto pólo de atração, campo de configuração e território de sentido das tarefas dos jogadores no decurso do jogo _____	73

Figura 13	Integração de ações como elementos de formação da equipe e sua relação com os sistemas de jogo _____	75
Figura 14	O pêndulo das estruturas Substantiva, Temporal e Pedagógico-Metodológica do SFTE e os sistemas inerentes à estrutura temporal _____	91
Figura 15	Modelo simplificado de processamento da informação _____	99
Figura 16	O modelo do processo de percepção _____	101
Figura 17	As três estruturas da tomada de decisão e suas interações _____	102
Figura 18	Modelo Pendular da tomada de decisão _____	103
Figura 19	Percepção de objetos nos jogos esportivos _____	106
Figura 20	Desenho da Pesquisa _____	108
Figura 21	Categorização das sessões de treinamento _____	110
Quadro 1	Classificação dos JEC em função de diferentes categorias de referência _____	22
Quadro 2	Dados e acontecimentos históricos do futsal _____	30
Quadro 3	Data, local e campeões da Liga Internacional de Futsal masculino _____	34
Quadro 4	Dados do campeonato sul-americano de futsal feminino _____	35
Quadro 5	Relação entre ataque e defesa nos Jogos Desportivos Coletivos _____	43
Quadro 6	Distâncias percorridas em um jogo de futsal nas diferentes posições _____	50

Quadro 7	Distância percorrida pelo goleiro em um jogo de futsal _____	50
Quadro 8	Capacidades Técnicas no Futsal _____	56
Quadro 9	Relação entre o tipo de passe e sua execução no futsal _____	58
Quadro 10	Fatores que contribuem para a execução do passe _____	59
Quadro 11	Relação entre trajetória do passe e a execução da recepção ____	60
Quadro 12	Relação trajetória e execução da condução _____	61
Quadro 13	Tipos de chute e suas formas de execução _____	62
Quadro 14	Média, desvio padrão, valor mínimo e máximo da velocidade da bola _____	63
Quadro 15	Valores Percentuais em Relação à Circunstância da Finalização_	64
Quadro 16	Posicionamento do corpo na queda lateral do goleiro de futsal _____	69
Quadro 17	Classificação dos arremessos do goleiro de futsal _____	70
Quadro 18	Características das capacidades táticas relacionadas ao futsal _____	77
Quadro 19	Capacidade de jogo ao treinamento tático e as idades para desenvolvimento _____	93
Quadro 20	Processos Cognitivos _____	98

LISTA DE TABELAS

1	Síntese das características do Futsal _____	46
2	Síntese do perfil das atletas _____	88
3	Análise descritiva do teste de Habilidades Técnicas (THT) _____	111
4	Análise em percentil dos valores agrupados do pré-teste no Teste de Habilidades Técnicas (THT) _____	113
5	Análise em Percentil dos valores agrupados do pós-teste no Teste de Habilidades Técnicas (THT) _____	114
6	Análise descritiva dos resultados obtidos no Teste de Conhecimento Tático Declarativo _____	115
7	Análise em percentil, dos valores agrupados, do Teste de Conhecimento Tático Declarativo _____	116

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E-A-T	-	Ensino - Aprendizagem - Treinamento
JEC	-	Jogos Esportivos Coletivos
IE	-	Iniciação Esportiva Universal
EB	-	Escola da Bola
CTD	-	Conhecimento Tático Declarativo
TCTD	-	Teste de Conhecimento Tático Declarativo
THT	-	Teste de Habilidades Técnicas
HT	-	Habilidades Técnicas
CTP	-	Conhecimento Tático Processual
ACM	-	Associação Cristã de Moços
BM	-	Bola em Movimento
BP	-	Bola Parada
CBD	-	Conselho Brasileiro de Desportes
CBDU	-	Confederação Brasileira do Desporto Universitário
CBFS	-	Confederação Brasileira de Futebol de Salão
CND	-	Conselho Nacional de Desportos
CT	-	Capacidades Táticas
EF	-	Estruturas Funcionais
FCmáx	-	Frequência Cardíaca Máxima

FIFA - Federação Internacional de Futebol

FIFUSA - Federação Internacional de Futebol de Salão

JDI - Jogos para Desenvolver A Inteligência

TAQ - Tempo de Atuação em Quadra

TD - Tomada de Decisão

TP - Tempo de Pausa

TR - Tempo Real de Jogo

TT - Tempo Total de Jogo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	Justificativa	18
1.2	Objetivos	19
1.3	Problema	19
1.4	Delimitação do Estudo	19
2	REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1	Jogos Esportivos Coletivos	20
2.2	Futsal	24
2.2.1	Histórico	24
2.2.2	Caracterização da Modalidade	35
2.2.3	Técnica	54
2.2.4	Tática	71
2.2.5	Aspectos da Fisiologia do Exercício que Caracterizam o Futsal	79
2.3	A Questão do Gênero	81
2.4	Metodologia de Ensino: IEU	90
2.5	Conhecimento Tático	96
3	METODOLOGIA	108
3.1	Tipo de Pesquisa	108

3.2	Design da Pesquisa _____	108
3.3	Materiais e Métodos _____	108
3.4	Amostra _____	108
3.5	Procedimento _____	109
3.6	Análise Estatística _____	109
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS _____	110
4.1	Apresentação da Categorização das sessões de treinamento _____	110
4.2	Nível de Desenvolvimento das Habilidades Técnicas _____	110
4.3	Apresentação dos dados do TCTD _____	115
5	CONCLUSÃO _____	118
	REFERÊNCIAS _____	120
	ANEXOS _____	131

I INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

Apesar de muito praticado no Brasil, o número de mulheres envolvidas no futsal ainda é muito pequeno. Segundo Silva (2001) nas 19 instituições de escolinhas de futsal, pesquisadas, a maioria das garotas que praticam a modalidade tinham idade superior a 14 anos. De acordo com esse dado, supõe-se que a prática do futsal para as meninas tem um início tardio, se comparada com os meninos, sendo assim, compreende-se porque atualmente não se tem um número grande de praticantes do futsal entre alunas universitárias.

Devido a não experiência com a modalidade em questão, observa-se a necessidade de se projetar processos de iniciação esportiva no ambiente universitário que sejam diferenciados dos processos com crianças e adolescentes, e que tenham um impacto educacional consistente para aderir as praticantes a continuar e gostar da modalidade. Como existem poucos ou nenhum estudo relacionado a metodologia de ensino para adultas iniciantes do futsal, o presente estudo adota esta perspectiva. Questiona-se, neste estudo, os efeitos do método situacional, no qual se tem por princípios jogar para aprender e posteriormente aprender jogando. Objetiva-se analisar a eficiência desse método no ensino-aprendizagem na modalidade futsal com adultas universitárias iniciantes.

Na iniciação esportiva destacam-se duas grandes correntes de ensino-aprendizagem-treinamento (E-A-T) dos esportes, o tradicional que abrange os métodos analíticos, global e misto e uma perspectiva atual que pela sua vez se divide em duas grandes concepções, os métodos formais e os métodos incidentais. Abordaremos neste estudo os processos metodológicos sugeridos na proposta da Iniciação Esportiva Universal (GRECO, *et al.* 1998) sugerida para o futsal.

Segundo estudos de alguns autores brasileiros (FERREIRA, 2005; SILVA, 2007; MOREIRA, 2005), o método IEU, se mostrou eficiente na aprendizagem de modalidades esportivas, por isso a escolha deste método para aplicar no grupo de universitárias que serão objeto de análise neste estudo.

Apesar de existirem muitos estudos sobre a necessidade de serem

diferentes os métodos utilizados para aprendizagem de crianças e adultos como cita Ferreira (2005), entretanto ao iniciar uma atividade esportiva, o ponto de destaque em comum consiste na necessidade que esta seja feita de forma ampla e variada.

Este estudo mostra-se importante devido a formação de equipes universitárias, pela demanda de participação em campeonatos e festivais de futsal.

1.2 Objetivo

Verificar os efeitos do processo de E-A-T conforme a proposta de aprendizado incidental nos modelos do IEU para iniciação esportiva no futsal com mulheres universitárias. Para tal serão analisados os parâmetros do conhecimento tático declarativo e processual e das habilidades técnicas na modalidade.

1.3 Problema

Analisar os efeitos da aplicação do método incidental, processo de E-A-T da modalidade futsal, em mulheres universitárias observando especificamente os parâmetros do conhecimento tático declarativo e processual e das habilidades Técnicas. Objetiva-se considerar se o método IEU, acarretará melhora significativa nos parâmetros de conhecimento tático declarativo e processual e nas habilidades técnicas.

1.4 Delimitação do estudo

Este estudo se delimitou a verificar o método de ensino-aprendizagem-treinamento aplicado em uma turma de futsal feminino de uma Universidade em Belo Horizonte. Além disso procurou também avaliar o nível de conhecimento tático declarativo e de habilidades técnicas das alunas pertencentes a essa turma. Pesquisas em outras modalidades poderão ser realizadas pelo grupo de estudos do Centro de Estudos de Cognição e Ação (CECA)/ CENESP – UFMG.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Jogos esportivos coletivos

Para Moreno (1994) o esporte se define como uma situação motriz de competição, regada, de caráter lúdico e institucionalizada.

Teodeorescu (1984), citado por Moutinho (1998), por sua vez, define os Jogos esportivos coletivos (JEC) como uma atividade social organizada, com uma forma específica de prática na qual o exercício físico assume um caráter eminentemente lúdico e processual na qual os participantes estão agrupados em duas equipes numa relação de adversidade típica não hostil.

Garganta (1998a) coloca que os JEC são atividades táticas em situações imprevistas às quais o indivíduo que joga tem que responder. O comportamento dos jogadores é determinado pela interligação complexa de vários fatores (de natureza psíquica, física, tática, técnica,...).

Os JEC possuem um sistema de referencia com vários componentes em que se integram todos os jogadores e com o qual se confrontam constantemente. Ambas as equipes formam dois coletivos que planificam as suas ações e agem através de comportamentos sempre determinados pela relação de contraste: ataque-defesa ou defesa-ataque. (KONZAG, 1985, citado por GARGANTA, 1998)

Garganta e Pinto (1998) afirma que é a relação de oposição entre os elementos das duas equipes em confronto e a relação de cooperação entre os elementos da mesma equipe, ocorridos num contexto aleatório, que traduzem a essência dos JEC. Outros autores (MESQUITA, 1998; MOUTINHO, 1998; TAVARES, 2002) reforçam esta idéia.

Moutinho (1998) considera as categorias de equipe e adversário, como sendo uma das mais importantes caracterizadoras dos JEC, uma vez que a elas são relacionados os conceitos de comunicação e cooperação, e de contra-comunicação e oposição respectivamente.

Para este mesmo autor, o conceito de comunicação e cooperação está relacionado com uma forma mais abrangente de integração dos planos de ação individual no projeto de organização coletiva, ou seja, uma resposta coletiva única e coordenada, construída por ações individuais dos jogadores. Já o conceito de

contra-comunicação e oposição, vêm no sentido de superação mútua entre as duas equipes que estabelecem ações individuais e coletivas. Assim, as ações de jogo são ações individuais e coletivas específicas de cada equipe, sendo que estas ações quando executadas frente a um adversário, tem um caráter específico em cada modalidade esportiva e constitui o seu conteúdo (TEODORESCU, 1984, citado por MOUTINHO 1998; TAVARES 2002).

Há mudanças alternadas de comportamento e atitudes, de acordo com o objetivo do jogo e com as finalidades de cada fase ou situação seja ela de ataque ou defesa, impostas, segundo Garganta e Pinto (1998) pela permanente relação de sinal contrário entre as equipes que se opõem. Dessa forma, de acordo com este mesmo autor, é dever dos jogadores, de ambas as equipes, se comportarem de forma a induzir, dentro das regras do jogo, o aparecimento de situações favoráveis a concretização dos objetivos.

Nos JEC, a essência do rendimento é fundamentalmente tática (GARGANTA, 1998 A, 2000; GRECO, 2003; TAVARES, 2002; TAVARES, GRECO, GARGANTA, 2006). Assim, é importante que o jogador saiba primeiramente o que fazer, problema de ordem tática e posteriormente como fazer, quando seleciona uma resposta motora adequada a solução do problema anterior. Neste sentido, a escolha da técnica a ser executada, estará sempre determinada por um contexto tático, sendo então entendida como um meio para realização deste último.

Moutinho (1998) dentro desta mesma perspectiva afirma as ações realizadas individualmente pelos jogadores, constam de procedimentos técnicos com uma estrutura específica, subordinados ao denominado pensamento tático.

Moreno (1994) afirma que com a classificação dos esportes, podemos analisar suas diferentes estruturas e sua lógica interna, podendo assim estabelecer processos de ensino e treinamento. Nesse contexto, torna-se necessária uma classificação dos Jogos

Esportivos Coletivos que possa nos permitir caracterizar as diferentes modalidades de acordo com suas estruturas funcionais ou lógica interna, de forma que posteriormente haja a contextualização do futsal.

Dentro dos esportes, há classificações que consideram aspectos externos e internos das modalidades, sendo que o último segue o critério da estrutura funcional da atividade e do desenvolvimento da mesma.

É possível encontrar diferentes classificações para os JEC, em função das categorias que se pretende destacar (QUADRO 1).

QUADRO 1
Classificação dos JEC em função de diferentes categorias de referência

Categorias	Classificação
Fontes Energéticas	Aeróbico, anaeróbico, misto.
Ocupação do Espaço	De invasão, de não invasão.
Disputa de bola	De disputa direta, de disputa indireta.
Trajetórias Predominantes	De troca de bola, de circulação de bola.

FONTE: GRAÇA & OLIVEIRA (1998 p.16)

Este estudo então adota uma classificação de caráter interno, proposta por Moreno (1994), também utilizadas nos trabalhos de (SOUZA 2002; TAVARES, 2002; SAAD, 2002; MOREIRA, 2005; SILVA, 2007).

Moreno (1994) baseado em Parlebas (1981), propõe uma classificação dos jogos esportivos coletivos, em relação ao espaço e a participação dos jogadores. Podendo ser o espaço: comum ou separado e a participação: simultânea ou alternada.

Moreno (1994) classifica então os esportes em três tipos:

1. Oposição: Nesta classificação há necessidade de um adversário.
2. Cooperação: Nesta classificação o jogo deve ser realizado com mais de um jogador em uma mesma equipe.
3. Cooperação/Oposição: Se tem a noção de uma equipe, com mais de um jogador, que se opõe a outra equipe na qual os seus jogadores também cooperam entre si.

Neste estudo vamos nos ater apenas na classificação de cooperação/oposição (FIG. 1), a qual como anteriormente dita representa a maioria dos jogos esportivos coletivos (GARGANTA, 1998B).

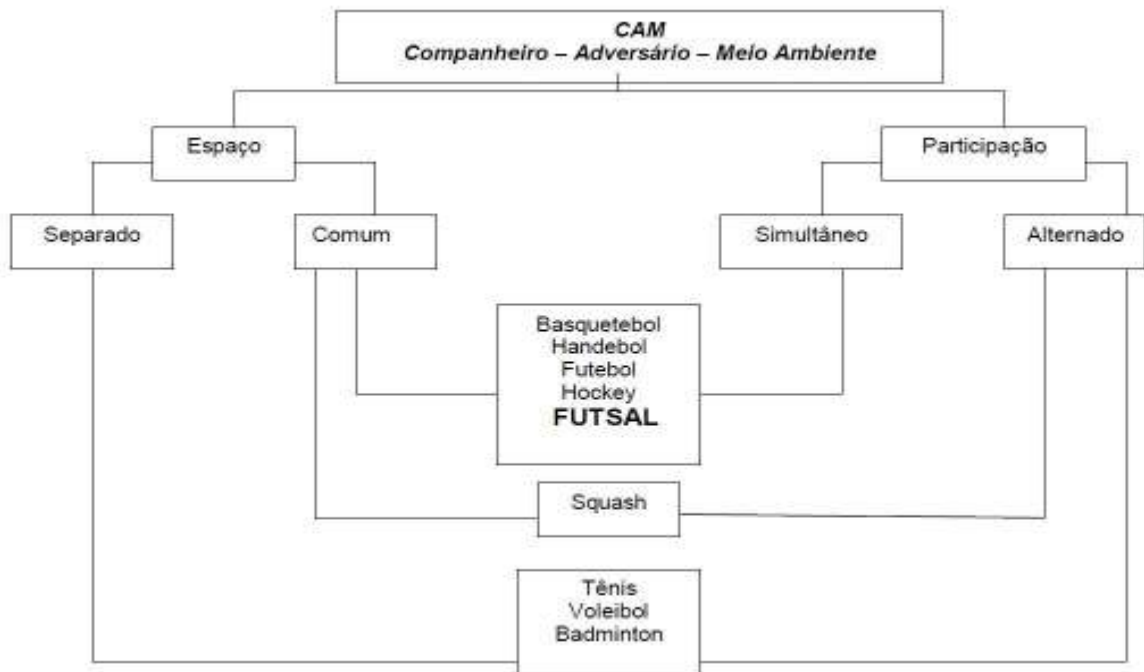


FIGURA 1. Classificação dos esportes de cooperação/oposição
Fonte: MORENO (1994, p. 39)

Nestes esportes, as ações do jogo podem se desenvolver em espaço separado com a participação de forma alternada. Segundo Moreno (1994) uma rede divide o espaço de jogo e cada uma das equipes se situa em um dos lados enquanto a posse da bola, objeto de jogo, é tida pelas equipes de forma que cada uma delas intervém de forma separada, uma após a outra.

Há também as modalidades que possuem um espaço de jogo comum para as duas equipes, mas a participação ocorre de forma alternada, ou seja, uma equipe não pode intervir sobre o objeto de jogo antes que a outra equipe tenha terminado.

E por fim, um grupo de esportes cuja participação ocorre de forma simultânea e em um espaço comum. Segundo Moreno (1994) isto quer dizer que as duas equipes podem atuar sobre a bola sem esperar a ação final do adversário, desde o momento que tem seu controle, até que se alcance o objetivo final do jogo (marcar o gol ou ponto), ou recuperando o controle dela quando esta estiver em posse da outra equipe. Há dentro destes esportes um luta incessante pela posse da

bola, com invasão do meio campo adversário e as trajetórias predominantes são de circulação de bola. Garganta 1998a reforça colocando que em um plano geral: existe uma bola, pela qual lutam as equipes; existe um terreno de jogo, onde se desenvolve o “confronto”; há um alvo a atacar e outra o defender; há regras a respeitar; existem colegas com quem cooperar e adversários cuja oposição importa vencer.

Dessa forma, definem-se estes esportes como esportes de forte apelo a inteligência, sendo imprescindível uma atitude tático-estratégica, as quais englobam processos cognitivos relativos a percepção e tomada de decisão. Ressaltando que estes processos deverão ser desenvolvidos nos processos de E-A-T.

2.2 Futsal

2.2.1 Histórico

Segundo Tolussi: “O futebol de salão não foi inventado, ele nasceu do próprio futebol [...]”. A prática do Futebol de Salão se iniciou na década de 30 (Tolussi, 1986). Sabe-se que a prática desse novo esporte surgiu por meio de jovens que, por falta de espaço para jogar futebol, começaram a jogá-lo em quadras de basquete (TOLUSSI, 1986.; VOSER, 1999; SOUZA, 2002; FERREIRA, 1994). Tolussi (1986) e Ferreira (1994) afirmam que as primeiras regras, criadas pelo professor Juan Carlos Ceriani, foram fundamentadas no futebol, basquete, handebol e pólo aquático. Saad (2000) e Braz (2006) ainda complementam que do pólo aquático foi criada toda a regulamentação relacionada ao goleiro; do handebol tirou-se as medidas da quadra bem como a proibição de se finalizar ao gol de qualquer posição da quadra; do basquetebol o número de jogadores que podem estar dentro da quadra bem como a duração de cada tempo de jogo e o futebol de campo como base de criação da nova modalidade. É importante ressaltar que várias dessas regras sofreram alterações durante o desenvolvimento do futebol de salão.

De acordo com Andrade JR. (1999), encontramos divergências na literatura quanto à criação do futebol de salão. Alguns estudos afirmam que o mesmo foi criado no Uruguai (FERREIRA, 1994; VOSER, 1999; BRAZ, 2006), outros

afirmam que a modalidade surgiu no Brasil (ARJONES, 2008, ANDRADE JR., 1999) e, até mesmo há estudos que não se arriscam a fazer afirmações pelo fato da discordância nas literaturas (SILVA, 2001), apesar de Voser (1999), Silva (2001), Ferreira (1994) e Tolussi (1986), acreditarem que no Brasil o esporte cresceu, se organizou e divulgou-se para todo o mundo.

De acordo com Tolussi (1986), Voser (1999), Ferreira (1994) pode-se colocar que o futebol de salão surgiu na Associação Cristã de moços (ACM) de Montevideu pelo o professor Juan Carlos Ceriani e 15 anos após a criação das regras, um curso oferecido pelo Instituto Técnico da Federação Sul- Americana das associações cristãs de moços em 1948, o professor de Montevideu explicou as normas do jogo e enfatizou a necessidade de se aplicar esse esporte nas aulas de educação física.

Tolussi (1986), em seu livro narra algumas situações inusitadas quanto à dificuldade de se encontrarem bolas para a prática do futebol de salão. A bola de futebol, inicialmente usada na prática do futebol de salão às vezes causava problemas, por quicar muito na quadra e para contornar o problema, a bola passou a ter seu enchimento com crina vegetal, serragem e até cortiça granulada. Problemas também surgiram com estes tipos de bola, pelo fato do seu peso (aproximadamente 1 quilo) exceder as especificações de peso contidas nas regras (peso máximo de 350 gramas). Durante os jogos, ocorriam situações engraçadas, como o rompimento das mesmas durante a partida, espalhando-se pedaços de cortiça ou serragem pela quadra. Devido ao seu peso excessivo, a bola às vezes se deformava e tomava diferentes direções ao ser chutada, além dos problemas físicos que causava aos adversários ao serem atingidos pela mesma.

Segundo Ferreira (1994), Tolussi (1986), Voser (1999), em 1936 ,no Brasil, Roger Grain publicou as regras do esporte na Revista de Educação Física nº 6 e na década de 40 os estudantes da ACM de São Paulo começaram a praticar a modalidade. A prática desse novo esporte fez tanto sucesso que já estava presente em escolas e clubes. (FERREIRA, 1994; SAAD, 2000)

Acredita-se que o fato da discordância da criação do futebol de salão encontra-se nestes dados que, à primeira vista, se mostram confusos. Em 1948 é oferecido um curso para explicação das regras para os professores das ACM's da

América Latina, sendo que a prática deste esporte já acontecia com antecedência? Concorde que a iniciativa partiu do professor Ceriani de Montevideu, mas de acordo com a cultura futebolística dos países, o fervor das copas do mundo e o rápido crescimento das cidades, era óbvia a tentativa de prática do futebol de campo em espaços reduzidos e nem sempre gramados. Assim ia surgindo o futebol de salão.

De acordo com Tolussi (1986), inicia-se a caminhada por outra vertente, que comprova o recebimento das regras pelo secretário geral do Rio de Janeiro: “Um dos testemunhos vivos dos mais importantes sobre a autenticidade destas regras é a de um honrado brasileiro, sr. Asdrúbal Monteiro, na época secretário geral da ACM do Rio de Janeiro, que declarou ao autor ter recebido em 1933 do próprio sr. Juan C. Ceriani uma cópia destas regras e que trouxe para o Brasil, tendo-as arquivadas.” Ainda, segundo o autor, o sr. Juan Carlos Ceriani organizou as regras pela necessidade de uniformizar a prática das “peladas” jogadas nas quadras da A.C.M uruguaia. Esta última fala do autor de certa forma confirma as conclusões tiradas neste trabalho, de que o mundo praticava o futebol de salão informalmente.

Segundo Ferreira (1994), em 1940 as regras do jogo foram unificadas para a prática em todo o Brasil, assim a ACM foi a primeira entidade responsável por realizar o primeiro campeonato entre clubes e outras associações. De acordo com Andrade Jr. (1999), foi criada até uma comissão de futebol de salão da ACM de São Paulo.

Ainda em 1942 a ACM proibiu a prática de futsal em todas as suas sedes na América Latina, devido à grande indisciplina de seus praticantes. A única sede a desrespeitar essa ordem foi a ACM de São Paulo (ARJONES, 2008).

Na década de 50 começaram a surgir federações de futebol de salão de vários estados. Também nessa década, Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes (presidente da Federação de São Paulo) decidiu editar e fazer um livro das regras criadas a fim de padronizá-las. Segundo Silva (2001), em 1957 o Conselho Técnico de Assessores de Futebol de Salão é criado para discutir e tirar as divergências que ainda remanesciam no futebol de salão. No mesmo ano da criação do conselho, houve uma tentativa da criação da Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) em Minas Gerais, Belo Horizonte, mas o Conselho Brasileiro de Desportes (CBD) não aceitou a proposta (TOLUSSI, 1986), pois em 1958, de acordo com

Ferreira (1994), Tolussi (1986) e Souza (2001), a CBD resolveu oficialmente oficializar a prática do futebol de salão, o qual teve todas as federações estaduais como filiadas. Em 1959 ocorreu o primeiro Campeonato Brasileiro de Seleções e o Rio de Janeiro foi campeão (SILVA, 2001; FERREIRA, 1994)

De acordo com Andrade Jr. (1999), CBFS (2010) e Silva (2001), na década de 60 é criada a Federação Sul Americana de Futebol de Salão em Assunção, no Paraguai. Já na década de 70 é fundada a Federação Internacional de Futebol de Salão – FIFUSA (ANDRADE JR., 1999; ARJONES, 2008; CBFS, 2010; FERREIRA, 1994; SAAD, 2000; SOUZA, 2002). Segundo Pássaro (2005), Silva (2001) e os autores anteriormente citados, a CBD é extinta e a Confederação Brasileira de Futebol de Salão é criada com sede em Fortaleza, tendo como primeiro presidente Aécio de Borba Vasconcelos. A confederação teve todos os estados do Brasil filiados à ela.

A partir de todas essas mudanças, reformulações e padronizações das regras, foi possível a realização de um maior número de campeonatos e, portanto, uma maior disseminação do esporte. Na década de 80 realizou-se o primeiro Pan-Americano de Futebol de Salão (ARJONES, 2008; CBFS, 2010; SILVA, 2001), e 3 campeonatos mundiais (SAAD, 2000). O Brasil venceu o Pan-Americano, o 1º e o 2º campeonatos mundiais e o Paraguai venceu o 3º. Segundo Sanches e Borim [s.d.] e Silva (2001), em 1983, o Conselho Nacional de Desportos (CND), oficializou a prática do futebol e do futebol de salão para mulheres. Campeonatos estaduais, brasileiros, começaram a ocorrer, mas antes da data de oficialização, campeonatos de futebol de salão feminino de pequeno porte aconteciam pelo país. Com tantos campeonatos de peso acontecendo, a FIFA se interessou em agregar o futsal à sua federação e segundo a CBFS (2010), a FIFA ainda criou empecilhos para a realização de campeonatos pela Federação Internacional de Futebol de Salão. A FIFUSA resolve se fundir à FIFA e então o Brasil participa da 1ª Copa do Mundo de Futsal da FIFA realizada na Holanda e vence. Segundo Sanches e Borim [s.d.], a partir do momento que a FIFA agrega a FIFUSA, seu objetivo é de colocar a modalidade de Futebol de salão nos Jogos Olímpicos, já que agora a modalidade feminina estava oficializada.

De acordo com Ferreira (1994), Saad (2000) e Silva (2001, 2007), em

1990 o Brasil se desliga oficialmente da FIFUSA e a FIFA renomeia o Futebol de Salão que passa a se chamar Futsal, fusão do futebol de salão e do futebol de 5. sendo esta última modalidade reconhecida pela FIFA em 1985 como tentativa de impedir que a FIFUSA desenvolva-se exageradamente. Posteriormente, a FIFA sentiu a necessidade de aproximar as características do futebol de 5 às características do futebol de salão de forma a atrair, para o seu controle os praticantes ligados à FIFUSA (BRAZ, 2006).

Segundo Arjones (2008) e a CBFS (2010), sob a organização da FIFA, ocorreram mais 6 campeonatos mundiais (Copas do Mundo de Futsal), o Brasil foi campeão em 4 edições (1989, 1992, 1996 e 2008) e a Espanha foi campeã em duas edições (2000 e 2004). A partir de 1992 a FIFA decidiu realizar essas copas de 4 em 4 anos, como no futebol (CBFS, 2010). Essas competições vêm ocorrendo desde então e a última edição foi realizada em 2008. O Brasil foi campeão do mundo 6 vezes contando com as competições mundiais da FIFUSA (1982, 1985 e 1988), sendo o Brasil campeão em 1982, 1985 e o Paraguai como campeão em 1988. De acordo com Sanches e Borim [s.d.], também em 1992, ocorreu a I Taça Brasil de Clubes, campeonato de futsal feminino realizado em São Paulo com a participação de 10 equipes. A bola utilizada pelo gênero feminino teria tamanho diferenciado (menor), que, mais tardiamente, se adequaria ao tamanho de bola utilizado no futsal masculino. Bordon, time de São Paulo foi o primeiro a ganhar a Taça Brasil de Clubes. As equipes de São Paulo foram as que mais ganharam nas edições dessa taça. Ainda, segundo as autoras, a partir de 1992, os times femininos de futsal que eram campeões nos campeonatos estaduais, passaram a garantir vaga para esta competição. Portanto, o número de campeonatos estaduais cresceu e a rivalidade também. De 10 equipes participantes da Taça Brasil de Clubes na categoria feminino adulto, atualmente a taça conta com 25 equipes de todo o país.

Segundo Sanches e Borim [s.d.], no ano de 2001, um passo importante acontece no futsal feminino. A técnica Maria Cristina Oliveira convoca pela primeira vez a Seleção brasileira para o Desafio Internacional contra o Paraguai. A seleção brasileira de futsal goleou o Paraguai nas duas partidas.

Em 2002, ocorre o primeiro Campeonato de Seleções de futsal feminino adulto, que passa a ocorrer de 2 em 2 anos. Nos anos ímpares ocorre o Campeonato de Seleções feminino na categoria sub-20. (SANCHES E BORIM, S.D.).

Em 2003, ocorrem os primeiros campeonatos de futsal para a categoria sub-20 em nível nacional (Taça Brasil de Clubes e Campeonato de Seleções). A partir daí, abrem-se as portas para os campeonatos femininos de futsal de grande peso para categorias sub-17 e sub-15. (SANCHES E BORIM, s.d.).

De acordo com as autoras acima citadas, em novembro de 2005 a seleção brasileira feminina de futsal foi convocada para uma série de 3 amistosos com a Espanha e para o I Sul Americano com a participação da Argentina, Uruguai, Paraguai, Equador, Peru e o próprio Brasil. Nos amistosos, a seleção teve a oportunidade de confrontar uma das melhores seleções de futsal feminino do mundo assim como a equipe masculina. O Brasil ganhou 1 jogo e perdeu 2. Já no I Sul Americano, o Brasil confrontou as seleções do Peru, Argentina, Uruguai e Equador e venceu todas as partidas. Também em 2005, ocorre a primeira Liga de futsal feminino, com as mesmas regras do masculino. A partir de então, a Liga de Futsal Feminino passa a ser realizada todos os anos (CBFS, 2010). A equipe brasileira é bicampeã sul-americana nas edições realizadas aqui no Brasil, em 2005 e no equador, em 2007.

Já em 2006, a seleção brasileira de futsal feminino foi convocada pelo técnico Marcos Sorato (auxiliar do técnico Paulo César de Oliveira da seleção masculina) para amistosos contra a Espanha. O Brasil, venceu 1 partida e perdeu 2 novamente. (SANCHES E BORIM, s.d.)

Atualmente, ocorrem várias competições de futsal feminino tanto em âmbito nacional quanto internacional, mas ainda assim, não se tem a confirmação da existência de uma seleção brasileira feminina de futsal. Este aspecto leva a muitas praticantes da modalidade a pensar que o gênero feminino seria alvo de preconceitos. O futsal feminino é tido como marginalizado e praticado somente por homossexuais, uma visão muito preconceituosa e que tem que ser mudada.

Por mais que haja discordância quanto à criação do futsal é claro o envolvimento e a importância que o Brasil deu para o mesmo. Até mesmo para ter-se uma visão positiva da modalidade feminina. Esse país desenvolveu, modificou, aperfeiçoou o esporte e luta há muito tempo para que ele faça parte dos Jogos Olímpicos. Desde Sydney (1996) o futsal tenta ganhar espaço, mas até nas

olimpíadas de 2014 que ocorrerão no Brasil, não se tem notícia de que ele fará parte do quadro de esportes destes Jogos. Uma grande conquista para o futsal foi a incorporação nos Jogos Pan-Americanos de 2007 no Rio de Janeiro, o que já é um grande ganho para o esporte.

Abaixo no QUADRO 2, observa-se uma resenha com datas e acontecimentos organizados na modalidade.

QUADRO 2
Dados e acontecimentos históricos do futsal

DÉCADA	DATAS	ACONTECIMENTOS
30	1933	O futebol de salão é criado no Uruguai pelo professor Juan Carlos Ceriani na ACM de Montevideu.
	1936	As regras são publicadas na revista de Educação Física nº6 por Roger Grain no Brasil.
40		Prática e divulgação do Futebol de Salão no Brasil por meio das ACM's cariocas e paulistas.
	1942	Criação da Comissão de Futebol de Salão da ACM de São Paulo.
	1950	Regras do futebol de salão são redigidas. O futebol de salão é lançado como esporte de dimensões populares, nacionais e internacionais.

50	1954	Surge a 1º entidade oficial de Futebol de Salão, a Federação Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro e no mesmo ano a federação de Minas Gerais e de São Paulo.
		Fundada a federação paulista.
	1955	Federações cearense, paraense, gaúcha e baiana são fundadas;
	1956	
		As federações catarinense e potiguar são criadas;
60	1957	As primeiras regras criadas são editadas por Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes. Lança-se o livro de regras.
		O conselho Técnico de Assessores de Futebol de Salão é criado, tendo federações estaduais filiadas à ela;
		É criado o conselho técnico de futebol de salão, órgão subordinado à CBD.
	1958	Tentativa de fundar-se a CBFS em Minas Gerais, mas a ata não é aceita pela CBD.
		Federação Sergipana é fundada;
70	1959	Ocorre o 1º campeonato Brasileiro de Seleções em São Paulo. 10 estados participam e o rio de Janeiro é campeão.
		Década de 60: federações do Pernambuco, Distrito Federal e Paraíba são criadas na década de 60.
	1964	O Paraguai sagra-se campeão do 1º Campeonato Sul-Americano de Futebol de Salão em Assunção. (o Brasil não participou)
	1965	É fundada a Federação Uruguaia de Futebol de Salão.
		Fundada a Federação Sul Americana de Futebol de Salão em Assunção no Paraguai.
70	1969	Década de 70: Surgem as federações: acreana, do Mato Grosso do Sul, goiana, piauiense, mato grossense e maranhense
	1971	Criada a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) no Rio de Janeiro com a filiação de 32 países com João Havelange como presidente.
	1979	Confederação Brasileira de Desportos (CBD) é extinta. Surge, em Fortaleza, a Confederação Brasileira de Futebol de Salão com Aécio de Borba Vasconcelos como presidente.

		Década de 80: as federações amazonense, alagoana, amapaense e de Rondônia, Pará e Espírito Santo são fundadas
	1980	Realizado o 1º Pan Americano de Futebol de Salão no México. O Brasil é campeão.
	1982	1º Campeonato mundial é realizado em São Paulo. 11 países participaram e o Brasil foi campeão.
80	1983	FIFUSA oficializou a prática do futebol e futebol de salão para mulheres.
	1984	2º Pan-Americano de Futebol de Salão, agora realizado no Brasil. A seleção brasileira é bicampeã.
	1985	2º Campeonato mundial é realizado na Espanha e mais uma vez, o Brasil consagra-se campeão.
	1988	O 3º campeonato mundial é realizado na Austrália e o Paraguai vence. O Brasil é vice;
		Encontro no Rio de Janeiro entre o presidente da FIFA João Havelange e o presidente da CBFS Álvaro Melo Filho.
		Acordo de fusão FIFUSA/FIFA;
	1989	Brasil participa da 1ª Copa do Mundo de Futsal da FIFA na Holanda e vence.
		Década de 90: Por fim são fundadas as federações Roraimense e Tocantinense
90	1990	Brasil se desliga oficialmente da FIFUSA. FIFA muda as regras do Futebol de Salão, o funde com o Futebol de Cinco e a modalidade passa a se chamar Futsal.
	1992	As Copas do Mundo de Futsal da FIFA passam a ser realizadas de 4 em 4 anos. Nesta edição da Copa, o Brasil é campeão.
		I Taça Brasil de Clubes acontece (futsal feminino).
	1996	Outra edição da Copa do Mundo de Futsal, o Brasil vence.

2000	2000	Espanha é campeã da Copa do Mundo de Futsal na Guatemala.
		Primeira vez que a seleção brasileira de futsal feminino é convocada.
	2001	Primeiro Campeonato de Seleções adulto feminino, que passou a ser realizado de 2 em 2 anos.
	2002	Criação de competições de categorias de base no futsal feminino em nível nacional.
	2003	Primeiro Campeonato de Seleções categoria sub-20 feminino.
		Espanha repete o feito de 2000 e é novamente campeã da Copa do mundo de futsal.
	2004	I Taça Brasil de Clubes categoria sub-15 (feminino).
		Seleção brasileira de futsal feminino é convocada para uma série de 3 amistosos contra a Espanha.
	2005	Ocorre o I Sul Americano de futsal feminino, que conta com a participação do Brasil, que vence.
		I Liga de futsal Feminino.
		I Copa Brasil de Clubes categoria sub-17 (feminino).
	2006	Seleção brasileira feminina de futsal é novamente convocada para amistosos contra a Espanha.
		Ocorre o II Sul Americano de Futsal Feminino no Equador. O Brasil é bicampeão.
	2007	Brasil volta a ser campeão da Copa Mundial de Futsal.
	2008	3 ^a edição do Sul Americano de Futsal Feminino acontece no Brasil (SP). As meninas do Brasil são tricampeãs.
	2009	

A ênfase no quadro de históricos de 2001 até 2010 é dada à seleção brasileira feminina de Futsal, visto que a seleção masculina já participa de inúmeros campeonatos internacionais se consagrando campeão em vários deles: Jogos Sul-Americanos, Jogos da Lusofonia, Gran Prix, Torneio da Hungria, Copa do Mundo de Futsal e etc. (CBFS 2010).

É interessante observar que ainda não há um campeonato mundial de futsal feminino, mas a modalidade se encontra no caminho de alto desenvolvimento e que,

em um futuro próximo teremos um campeonato mundial. Segundo a Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU), foi realizado o primeiro campeonato mundial de futsal feminino universitário em 2008, no Brasil. O futsal feminino, internacionalmente, caminha lentamente, com outras Entidades organizando torneios já que a FIFA não os organiza. Acredito que o futuro do futsal feminino será bem parecido com o do masculino, de modo que a FIFA passe a assumir os campeonatos femininos internacionais, sendo este um grande passo para que o futsal faça parte das Olimpíadas.

A seguir os QUADROS 3 e 4, apresentam um resumo do ano de realização, campeão do e local de realização das principais competições de futsal para as equipes masculina e feminina, respectivamente:

QUADRO 3
Datas, local e campeões da Liga Internacional de Futsal masculino

Ano	Campeão	Local	Entidade
1982	Brasil	Brasil	Fifusa
1985	Brasil	Espanha	Fifusa
1988	Paraguai	Austrália	Fifusa
1989	Brasil	Holanda	Fifa
1992	Brasil	Hong Kong (China)	Fifa
1996	Brasil	Espanha	Fifa
2000	Espanha	Guatemala	Fifa
2004	Espanha	Taipei (China)	Fifa
2008	Brasil	Brasil	Fifa

Fonte: CBFS 2010

QUADRO 4
Dados do campeonato sul-americano de futsal feminino

Ano	Campeão	Local	Países participantes
2005	Brasil	São Paulo (Brasil)	Argentina, Brasil, Peru, Paraguai, Uruguai e Equador.
2007	Brasil	Equador	Argentina, Brasil, Equador, Venezuela, Uruguai, Peru e Colômbia
2009	Brasil	São Paulo (Brasil)	Argentina, Bolívia Brasil, Colômbia, Peru, Venezuela e Uruguai.

Fonte: CBFS, 2010

2.2.2 Caracterização da modalidade

Inicialmente, caracteriza-se o futsal em relação aos jogos esportivos coletivos, para tal caracterização se levam em consideração as teorias da aprendizagem motora, nas quais ao se considerar a grande imprevisibilidade do ambiente de jogo do futsal, expressa pelas ações dos colegas e dos adversários, de acordo com o conceito de Schmidt e Wrisber (2010), o definem como uma modalidade aberta, tendo dessa forma, o atleta, que buscar soluções diferenciadas adaptando assim seus movimentos para resolução do problema de forma a responder as propriedades dinâmicas deste ambiente, podendo ser essas soluções de ordem técnica ou tática.

Saad (2002), também, levando em consideração a teorias dos programas motores generalizados, formulada por Schmitd (1975,1992), classifica o Futsal como uma modalidade predominantemente aberta, no qual suas capacidades técnicas e táticas implicam na necessidade de se adaptar às ações motoras de diferentes elementos presentes no jogo, como os colegas e adversários. Para Souza (1999), por ser uma modalidade aberta, às vezes, não é possível repetir o gesto de forma ideal, tendo que ser executadas ações que se desviam do programa ideal.

O Futsal se integra no grupo dos jogos esportivos coletivo, já que o mesmo é jogado por duas equipes, cada uma com 5 jogadores (goleiro, alas, fixo e

pivô, de acordo com a função que cumprem em quadra e da distribuição dos mesmos no espaço da quadra), cujas ações se desenvolvem em um espaço comum, com a participação simultânea de atacantes e defensores em relação a bola (objeto de jogo), sem esperar a ação final do adversário. Portanto, de acordo com Silva e Greco (2009) o futsal é um esporte de invasão. Nesse contexto e considerando a classificação proposta por Moreno (1994), é um esporte de oposição/cooperação, no qual os jogadores de uma mesma equipe cooperam entre si, tendo como meta atingir seus objetivos como conquistar tentos (gols) e manter a posse de bola, em oposição a esses jogadores, a equipe adversária tem por objetivo impedir que essa meta seja atingida.

Assim, para Silva e Greco (2009), em determinados momentos, os jogadores se concentram em pequenos espaços o que, aliado ao fato do controle da bola ser feito com os pés, diferentemente de outros esportes, exige dos mesmos, além da capacidade de tomada de decisão, um elevado refinamento técnico no domínio da bola para executar suas intenções táticas, aplicando uma das técnicas específicas da modalidade (passe, chute, condução, recepção, etc.) com os pés.

A seguir apresentaremos uma breve caracterização dos jogadores de acordo com sua função dentro de quadra.

- Goleiro: garante a meta e orienta seus companheiros quanto às deslocamentos e coberturas. Além disso, este tem uma importância ofensiva, quando , com as mãos faz lançamentos para seus colegas. É o único jogador que pode usar as mãos e sua ação é limitada pela área de gol (TEIXEIRA, 1979).

Saad 2000, afirma que o goleiro constitui 50% de uma equipe. Além disso fala de estatísticas para um bom goleiro que deve defender 85% das bolas fáceis, 10% das bolas difíceis e 5% das bolas quase impossíveis.

Existem alguns requisitos necessários para um goleiro:

1. Precisão nos lançamentos (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD, 2000)
2. Antecipação (ANDRADE JUNIOR, 1999)
3. Flexibilidade (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD 2000)
4. Agilidade (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD 2000)

5. Resistência (ANDRADE JUNIOR, 1999)
6. Bom passe (ANDRADE JUNIOR, 1999)
7. Velocidade de reação (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999, SAAD, 2000)
8. Bom chute (ANDRADE JUNIOR, 1999)
9. Potência (ANDRADE JUNIOR, 1999)
10. Visão periférica (ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD, 2000)
11. Capacidade de orientação (TEIXEIRA, 1979; TOLUSSI, 1986; SAAD, 2000)
12. Coragem (TOLUSSI, 1986; SAAD, 2000)

- Fixo: jogador que se desloca dentro da quadra, a fim de lançar bolas para os companheiros bem colocados, desarmar os contra-ataques, receber bolas recuadas dos companheiros em dificuldade. Eram jogadores apenas de marcação. Hoje o fixo pode tornar-se um goleador da sua equipe, pois geralmente é marcado pelo pivô da equipe adversária que normalmente não é um bom marcador, o que o facilita de jogar no ataque. Uma das suas características é a facilidade em destruir jogadas adversárias.

1. Passe (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999)
2. Antecipação (ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD 2000)
3. Desarme (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999)
4. Cobertura (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD 2000)
5. Chute (TOLUSSI 1986, ANDRADE JUNIOR, 1999)
6. Drible (ANDRADE JUNIOR, 1999)
7. Cabeceio (ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD 2000)
8. Bom introsamento com os alas (SAAD, 2000)
9. Marcação (TOLUSSI 1986, SAAD, 2000)
10. Ter bom domínio (SAAD, 2000)
11. Agilidade (SAAD, 2000)
12. Boa estatura (SAAD 2000)
13. Velocidade (TOLUSSI 1986, SAAD 2000)

14. Explosão (SAAD, 2000)

15. Boa recuperação (TOLUSSI 1986)

- Ala: Se deslocam pelas laterais da quadra, alternando sua ação na defesa e no ataque. Eles recebem os passes do goleiro e do fixo, armam jogadas, finalizam ou penetram na defesa adversária. Devem ser bons finalizadores, armadores e bons nas coberturas defensivas. (TEIXEIRA, 1979). Saad, 2000 completa afirmando que seria ideal ter na equipe alas com características diferentes, sendo um habilidoso com a bola e com facilidade de deslocar-se e o outro com boa noção de cobertura e marcação, para que se possa montar várias situações de jogo

1. Velocidade (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD, 2000)
2. Passe (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD, 2000)
3. Bom finalizador (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD 2000)
4. Bom chute (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD, 2000)
5. Deslocamento com ou sem bola (TOLUSSI, 1986; SAAD, 2000)
6. Jogadas com dupla função (TOLUSSI, 1986; SAAD 2000)
7. Agilidade (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999)
8. Criatividade (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999)
9. Drible (TOLUSSI, 1986; ANDRADE JUNIOR, 1999)

- Pivôs: Tem função de atrapalhar e confundir os jogadores da equipe adversária, além disso, ele cria situações em que seus companheiros possam penetrar na defesa adversária e ainda arrematam contra a meta. O jogo ofensivo geralmente gira em torno desse elemento. Ele ainda recua para ajudar a defesa no caso do adversário atacar com todos os seus homens. É geralmente o jogador que tem dificuldade para marcar na equipe e pode ser o pretenso goleador da equipe.

1. Domínio de costas (ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD 2000)
2. Drible de costas para o gol (ANDRADE JUNIOR, 1999)
3. Proteção de bola (ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD, 2000)
4. Chute em espaços curtos (ANDRADE JUNIOR, 1999)

5. Resistência (ANDRADE JUNIOR, 1999)
6. Drible (ANDRADE JUNIOR, 1999)
7. Agilidade (ANDRADE JUNIOR, 1999; SAAD, 2000)
8. Assistência (ANDRADE JUNIOR, 1999)
9. Finalização (SAAD, 2000)

Entretanto, Souza 1999, também afirma que estas posições serão determinadas basicamente em função do sistema de jogo adotado pela equipe. Para ele, a especialização relativa às funções e posições ocupadas na quadra de jogo tende a desaparecer progressivamente (exceto o goleiro).

Os sistemas mais utilizados pelas equipes segundo Saad (2000), são:

- Sistema 2x2
- Sistema 3x1
- Sistema 2x1x1
- Sistema 2x2x1

No desenvolvimento do jogo, há uma linguagem de comunicação comum entre os seus participantes que adquire uma conotação diferente em função da posse ou não da bola. (FIG. 2).

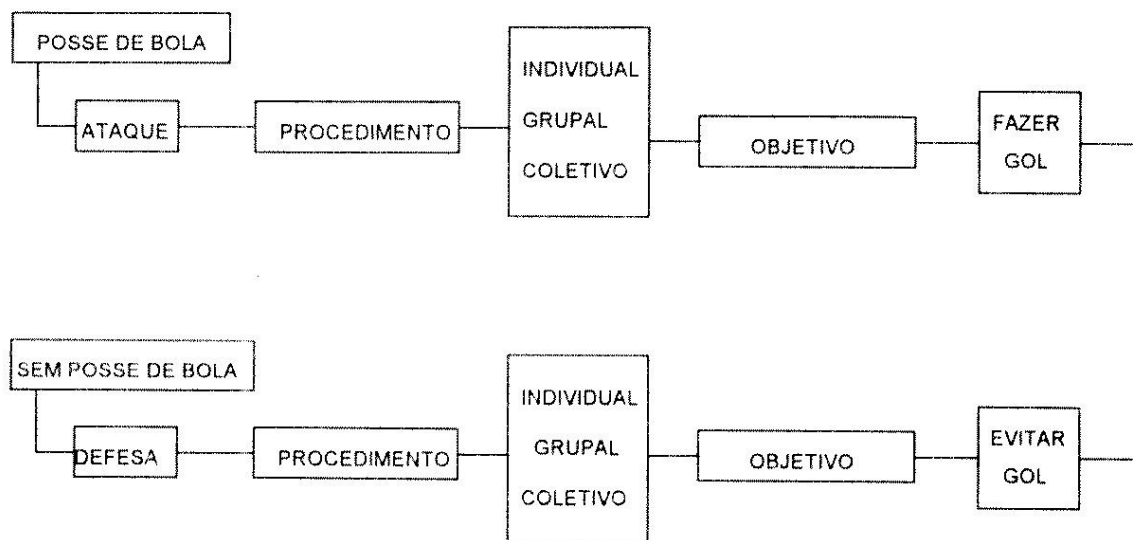


FIGURA 2: O contínuo do jogo de futsal.
Fonte: Adaptado de GRECO, 1995. p. 21

Assim, no início do jogo é decidida a posse de bola por uma das equipes que estará em posição de ataque (SAAD, 2002; SILVA, 2001; SILVA 2007), assim, as equipes tem objetivos que podem ser:

Parcial: Recuperar a posse de bola

Final: Marcar o gol

As ações de ataque e a defesa estão relacionadas, inseparavelmente ligados, como as atuações dos jogadores e das equipes. A posição de cada um destes jogadores está ligada aos seus movimentos que irão tomar uma determinada forma. Quando a bola passa de uma equipe para a outra, esses movimentos se modificam instantaneamente, trocando de função imediatamente, passando os jogadores para atacantes ou defensores (SILVA, 2001; SAAD 2002). Todo jogador em qualquer ponto da quadra, pode passar do ataque para a defesa e vice-versa (GRECO, 1995 citado por SAAD 2002), (FIG. 3).

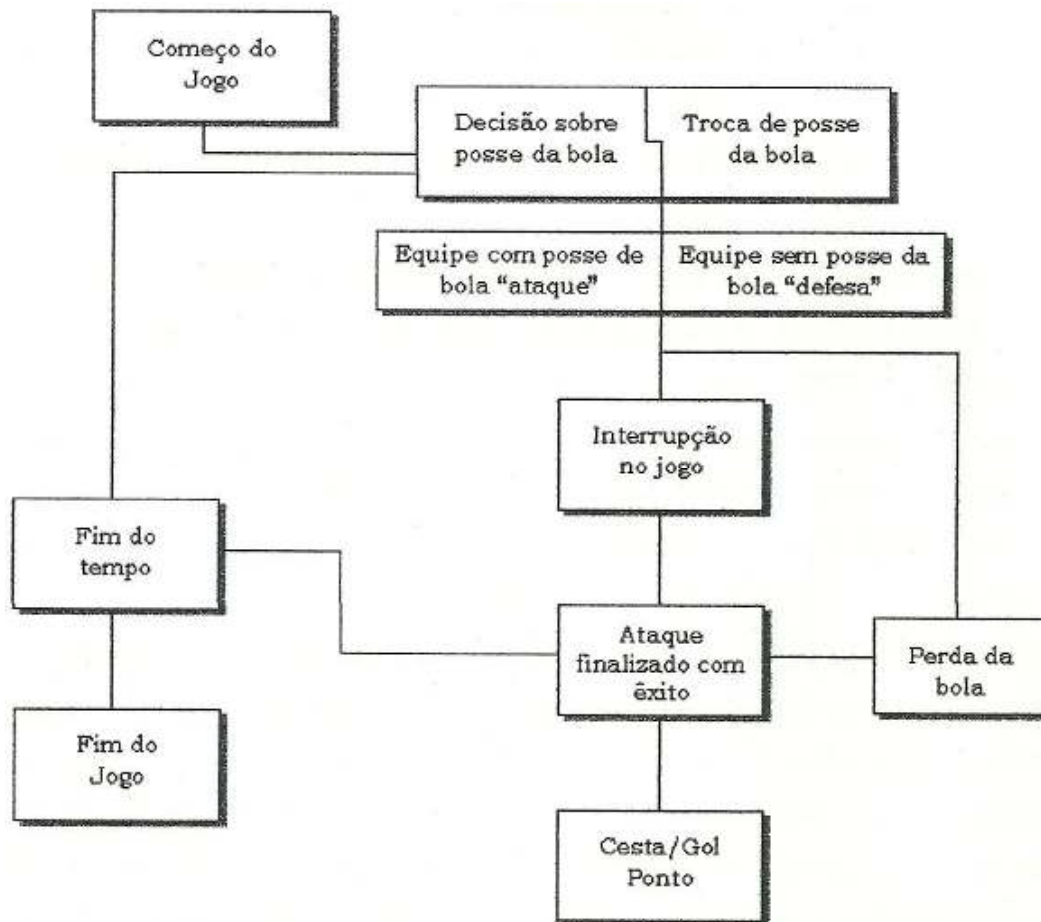


FIGURA 3: Fluxograma de desenvolvimento das estruturas dos jogos esportivos coletivos (Hagedorn 1985:31)
 Fonte: Souza 1999

Segundo Silva 2001, estas duas situações distintas, de ataque e defesa, caracterizada pela posse ou não da bola, é bem detalhada na (FIG. 4) de Queiroz (1983, p.28) para o futebol, mas pode ser utilizado também como modelo para o futsal.

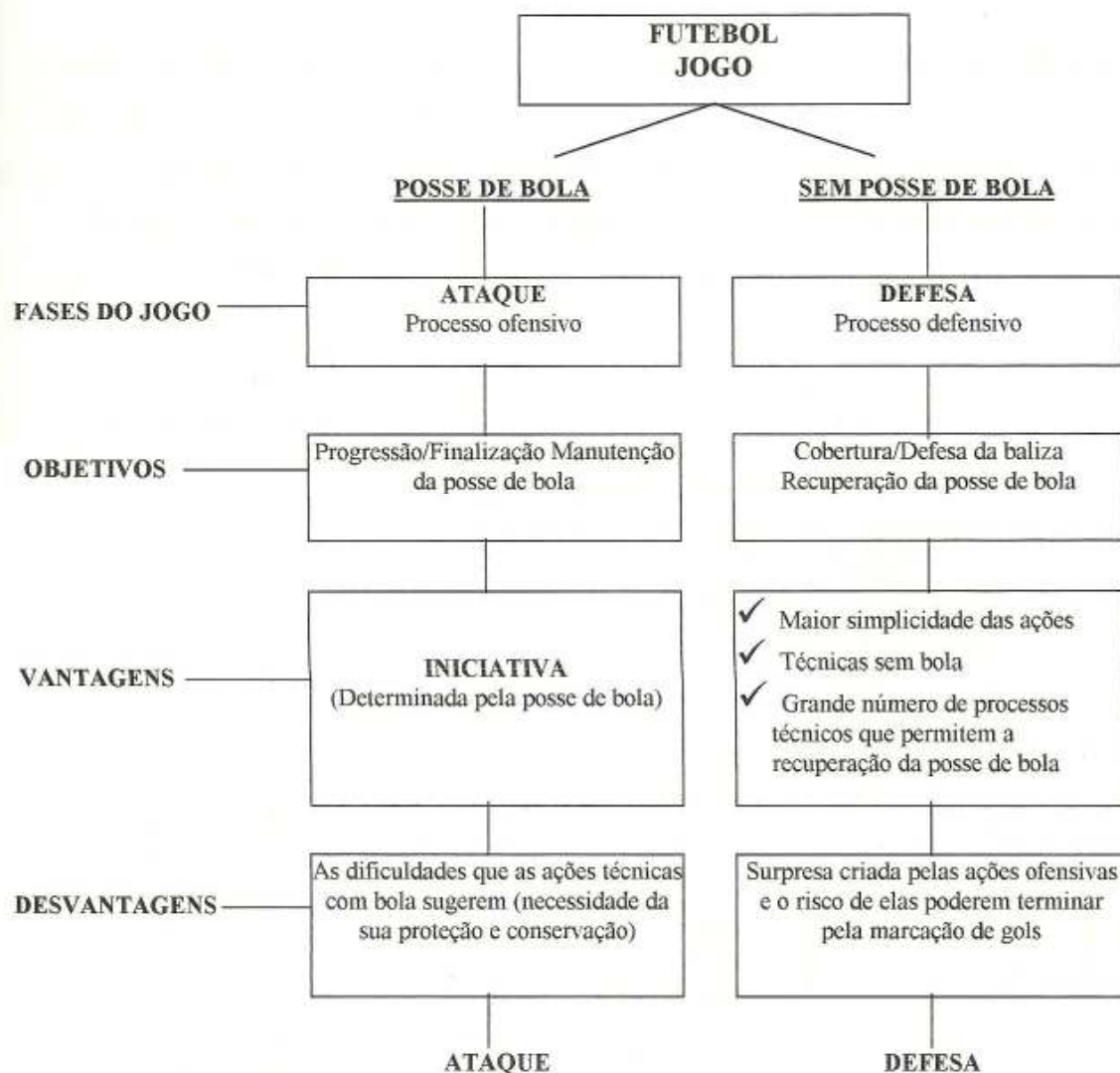
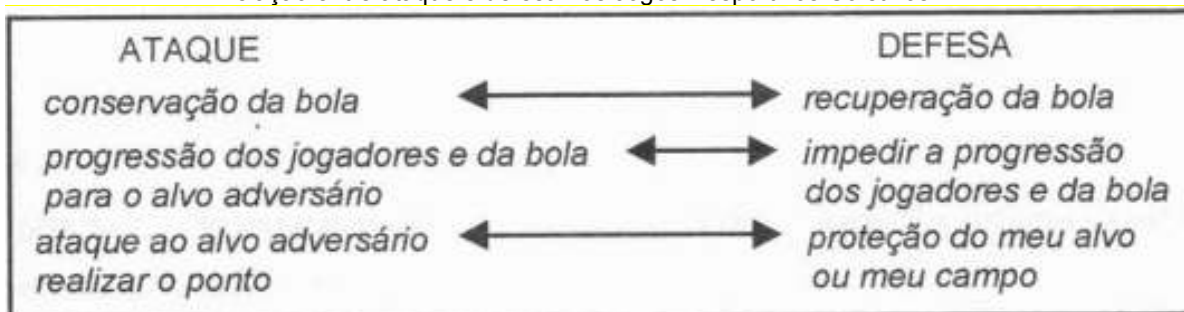


FIGURA 4: Característica do Jogo (QUEIROZ, 1983:28)
Fonte: SILVA, 2001 p.17

Para Bayer (1986), numa perspectiva dialética, os princípios Gerais de ataque e defesa podem ser apresentados conforme o QUADRO 5.

QUADRO 5
Relação entre ataque e defesa nos Jogos Desportivos Coletivos



Adaptado de Bayer, 1986

Fonte: Saad (2002, p.23)

Segundo Santana 2006, citado por Silva 2007, quando o atleta tem a bola, procura jogar rapidamente, e não retê-la excessivamente ao passo que, quando está sem a posse da mesma. Portanto o mesmo precisa se movimentar constantemente a fim de recebê-la (no caso do ataque) ou se mobilizar para recuperá-la (no caso da defesa). O mesmo autor também afirma que o comportamento técnico-tático do jogador é realizado principalmente sem a posse da bola. Esta afirmação pode ser confirmada com o estudo realizado por Santana e Félix (2006) apud Santana (2006), no qual os atletas que permaneceram cerca de 30 minutos no jogo (tempo total dentro da quadra), não mantiveram durante 2 minutos a posse da bola somando todas as suas ações.

No futsal, comparado com outros esportes de invasão em quadra, possui uma luta direta pela posse da bola, objeto de jogo, porém assim como no futebol, devido a grande exigência da coordenação e controle óculo-pedálico exigido do objeto de jogo, as possibilidades de assegurar esse controle são menores que em esportes com uso das mãos como basquete e handebol uma vez que os membros inferiores são implicados no equilíbrio do corpo e nos deslocamentos. Além disso, a visão do jogo para a sua leitura é dificultada pelo desenvolvimento do mesmo que se dá predominantemente no solo. (adaptado de Garganta e Pinto, 1998)

O jogo de futsal possui uma lógica interna com traços característicos, seus parâmetros podem ser observados na (FIG. 5).

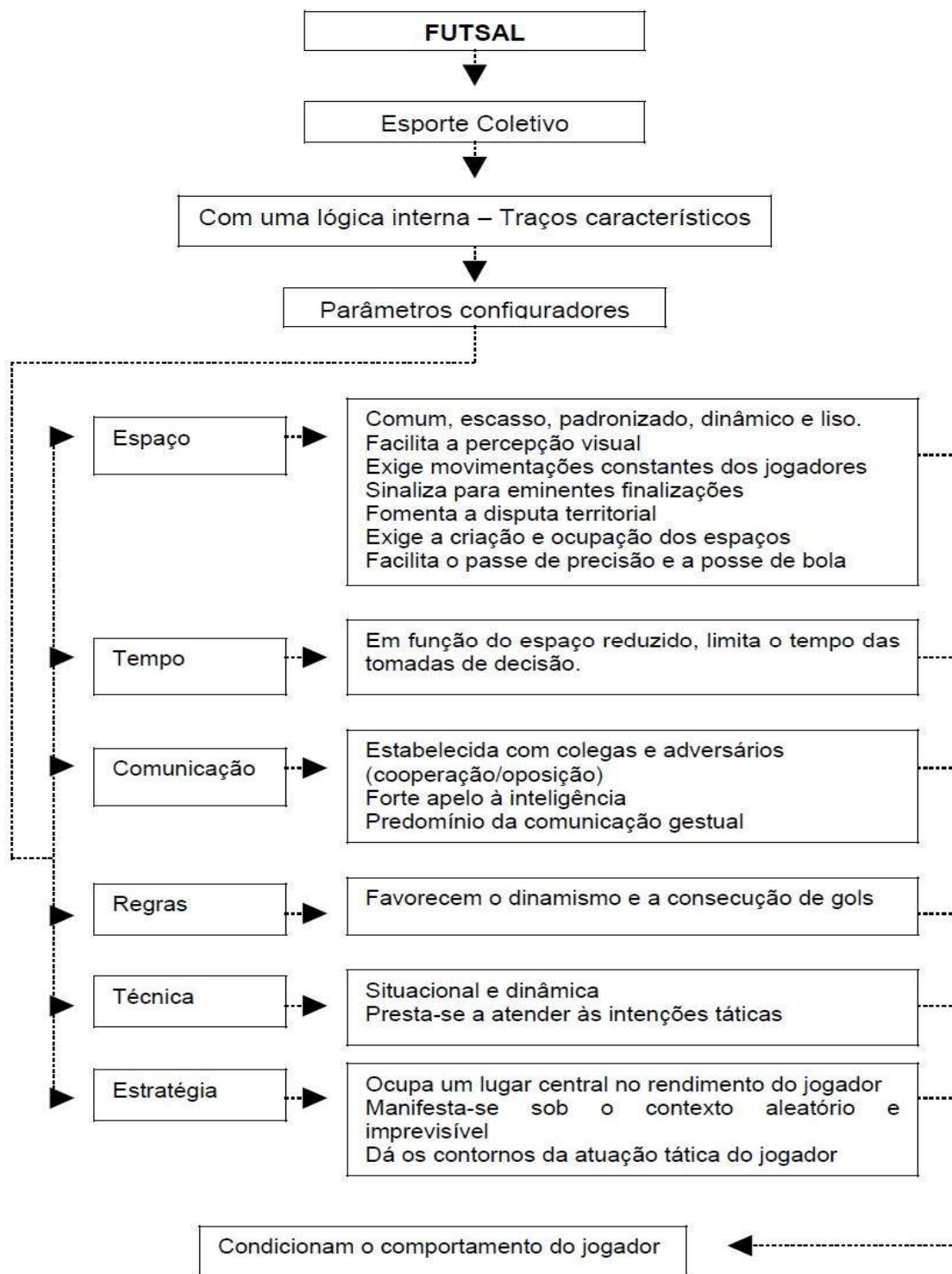


FIGURA 5: Traços característicos do jogo de futsal (Santana, 2006)
 Fonte: Silva (2007, p. 35)

Saad (1997) coloca alguns itens que se deve considerar para organização da equipe de futsal. São eles: Características básicas do jogo, condições básicas para o atleta, perfil ideal para a equipe, critérios para formação da equipe base e a ordem dos tentos (gols).

Segundo este autor, o jogo de futsal é rápido e veloz, possui movimentações constantes por todo espaço útil da quadra (com ou sem posse da bola), com mudanças constantes da posse de bola, ocorrendo constantes choques corporais, com predominância de bolas paradas (faltas, laterais, canto, início ou reinício de jogo). Assim o atleta deverá possuir um bom condicionamento físico, apresentar um bom domínio dos fundamentos (principalmente passe), ser capaz de assimilar e raciocinar os sistemas e manobras, com boa noção espacial e visão periférica bem desenvolvida (senso de cobertura e ocupação dos espaços úteis da quadra), estar bem concentrado e ter uma predisposição ao treinamento.

Para Saad (1997) a equipe deve fazer uma ótima marcação geral (ataque, defesa e retorno), equilibrando ataque e defesa, movimentando a posse de bola, tem que saber alternar o ritmo de jogo entre o veloz e o lento, aplicando técnica e tática, sendo veloz e objetivo no contra-ataque. Ocupar bem os espaços úteis do jogo (ofensivos e defensivos), variar as jogadas, e nas substituições, é importante que se mantenha em equilíbrio o nível técnico da equipe.

Saad (1997) também afirma que a maioria dos gols em jogos de equipes do mesmo nível ocorre através de erros do adversário, de contra-ataques, com a criatividade dos jogadores e com manobras ensaiadas (quadra e bola parada).

Com o objetivo de oferecer um referencial mais amplo a respeito da modalidade, pode-se observar na (TAB. 1) uma síntese das características deste esporte considerando os planos: regulamentar, energético, técnico e tático descrito na segunda coluna as características das ações.

TABELA 1 – Síntese das características do Futsal.

Plano Regulamentar	- O espaço disponível por jogador é de 80 m², sem qualquer tipo de restrição, como acontece no handebol (área do goleiro) ou no basquetebol ("garrafão"); - O regulamento prevê existência de faltas acumulativas, descontos de tempo e um número ilimitado de substituições de jogadores; - Tempo de jogo efetivo (cronometrado)
Plano Energético	- Esforço de natureza intermitente e aleatória; - Mudanças de direção e sentido, como as travagens bruscas são frequentes; - Número ilimitado de substituições permite a recuperação dos atletas, possibilitando manutenção ou aumento do ritmo do jogo.
Plano Técnico	- Elevada velocidade de execução de gestos técnicos; - Controle da bola com a palma do pé, e a finalização com - As pontas dos pés são dois gestos técnicos muito característicos; - Elevado número de contatos com a bola por jogador, assim como de situações de finalização em uma partida;
Plano Tático	- A utilização do goleiro como um elemento integrante do processo ofensivo. - Rápida alternância entre as situações de ataque e defesa; - Crescente exigência de jogadores polivalentes, com uma elevada capacidade rapidez de decisão.

Fonte: SOUZA (2002, p 42).

Realizada a breve contextualização do futsal dentro dos esportes coletivos, é necessário neste momento classificar o mesmo de acordo com as dimensões do terreno de jogo, do número de jogadores, do controle da bola e da duração da partida.

Segundo a Confederação Brasileira de Futsal (CBFS), a quadra de jogo deve ter o formato de um retângulo com 40 metros de comprimento e 20 metros de largura, tendo como demarcação desse espaço, linhas na lateral e no fundo,

deverão estar afastadas a dois metros de qualquer obstáculo. Construído de madeira, material sintético ou cimento, rigorosamente nivelado, o piso não poderá ter declives, nem depressões, de forma a prevenir escorregões e acidentes.

Pertencentes a quadra de jogo, as linhas demarcatórias devem ser bem visíveis, sendo que as mesmas devem ter 8 centímetros de largura. Dentre as linhas de limites da quadra, as maiores são as linhas laterais e as menores são as linhas de meta. Paralela e equidistante a estas e no meio da quadra, é traçada a linha divisória. Esta linha estabelece o campo de defesa e ataque das equipes (CBFS, 2010).

O centro da quadra será demarcado por um círculo que terá um raio de 10 centímetros. Neste centro, será realizada a saída de bola. Ao redor dele, há um círculo maior, com raio de 3 metros (CBFS, 2010).

Nos quatro cantos da quadra, no encontro das linhas laterais com as linhas de meta será demarcado um quarto de círculo com 25 centímetros de raio no qual serão cobrados os arremessos de canto. O raio de 25 centímetros partirá do vértice externo do ângulo formado pelas linhas lateral e de meta até o extremo externo da nova linha (CBFS, 2010).

Nas extremidades das quadras, a seis metros da linha de meta será traçada a linha de meta, a qual delimita a ação do goleiro com as mãos. Essa linha se dá na forma de um semi-círculo de seis metros de raio. A parte superior deste semicírculo será uma linha reta de três metros e 16 centímetros, paralela a linha de meta, entre os postes. A distância desse semi-círculo, assinalada por um pequeno círculo de 10 cm, encontra-se a marca de penalidade máxima medida por uma linha imaginária em ângulo reto com a linha de meta (CBFS, 2010).

A uma distância de 10 metros do ponto central da meta, medida por uma linha imaginária em ângulo reto com a linha de meta, serão marcados os respectivos sinais, de onde serão cobrados os tiros livres sem barreira, nas hipóteses previstas nestas regras. Há uma linha tracejada de 60 centímetros paralela a linha de meta à uma distância de cinco metros do ponto central da meta em ângulo reto com a linha de meta, para demarcar a distância mínima em que o goleiro poderá ficar na cobrança dos tiros livres sem barreira (CBFS, 2010).

Sobre as linhas de meta, serão colocados dois postes verticais com 2

metros de comprimento, que serão ligados por um travessão que terá 3 metros. Esses postes e travessão, deverão ter 8 centímetros de largura e 8 de espessura, podendo ter como material madeira, plástico, ferro ou material similar; e pintados de cor contrastante com o fundo da quadra, de preferência que não sejam fixados ao solo; esse conjunto recebe o nome de meta. Serão fixados a eles e ao chão uma rede, que deverão estar convenientemente sustentadas e colocadas de modo a não perturbar ou dificultar a ação do goleiro. Estas poderão ser confeccionadas em corda, em material resistente e malhas de pequena abertura para não permitir a passagem da bola. As metas não devem possuir ferro ligando o travessão ao suporte de sustentação (CBFS, 2010).

Além disso, na quadra deve haver a zona de substituição, que é o espaço determinado na linha lateral, do lado onde se encontra a mesa de anotações e cronometragem. Cada zona terá um espaço de cinco metros identificados com linhas de 80 centímetros, ficando centímetros no interior da quadra e 40 centímetros para fora da quadra. Por entre estas linhas de 80 centímetros os atletas deverão entrar e sair da quadra por ocasião das substituições. O espaço a frente da mesa do anotador e do cronometrista deve apresentar 5 metros de cada lado da linha divisória do meio da quadra que sempre deverá permanecer livre. Assim a uma distância de 5 metros para cada lado partindo da linha divisória do meio da quadra inicia-se a mesma (CBFS, 2010).

Há algumas obrigatoriedades durante os jogos quanto a utilização do espaço. Nas quadras deverão estar dispostas mesa e cadeiras, em lugar central e inteiramente inacessível aos assistentes, para que o representante da entidade, o anotador e o cronometrista possam exercer com segurança e tranquilidade suas funções (CBFS, 2010).

Além disso, as quadras estarão equipadas com placar ou mostrador onde serão afixados ou indicados os tentos da partida e o cronômetro eletrônico para controle do tempo de jogo. Estes deverão estar em perfeitas condições de uso e visibilidade para o público, atletas, membros da comissão técnica e para a equipe da arbitragem (CBFS, 2010).

Deve haver dois locais privativos e adequados, situados a margem das linhas laterais ou de meta, neles ficarão sentados os atletas reservas que não

estejam em aquecimento e a comissão técnica das equipes disputantes. Os bancos de reservas se localizarão do mesmo lado da mesa de anotações e da zona de substituições. Cada uma das equipes ficará ocupando o banco colocado ao lado da meia quadra de defesa e guardará, obrigatoriamente uma distância nunca inferior a cinco metros de cada lado da mesa. Quando colocados junto a linha de meta, não deverão permanecer entre os postes e a marcação dos cinco metros da linha lateral (CBFS, 2010).

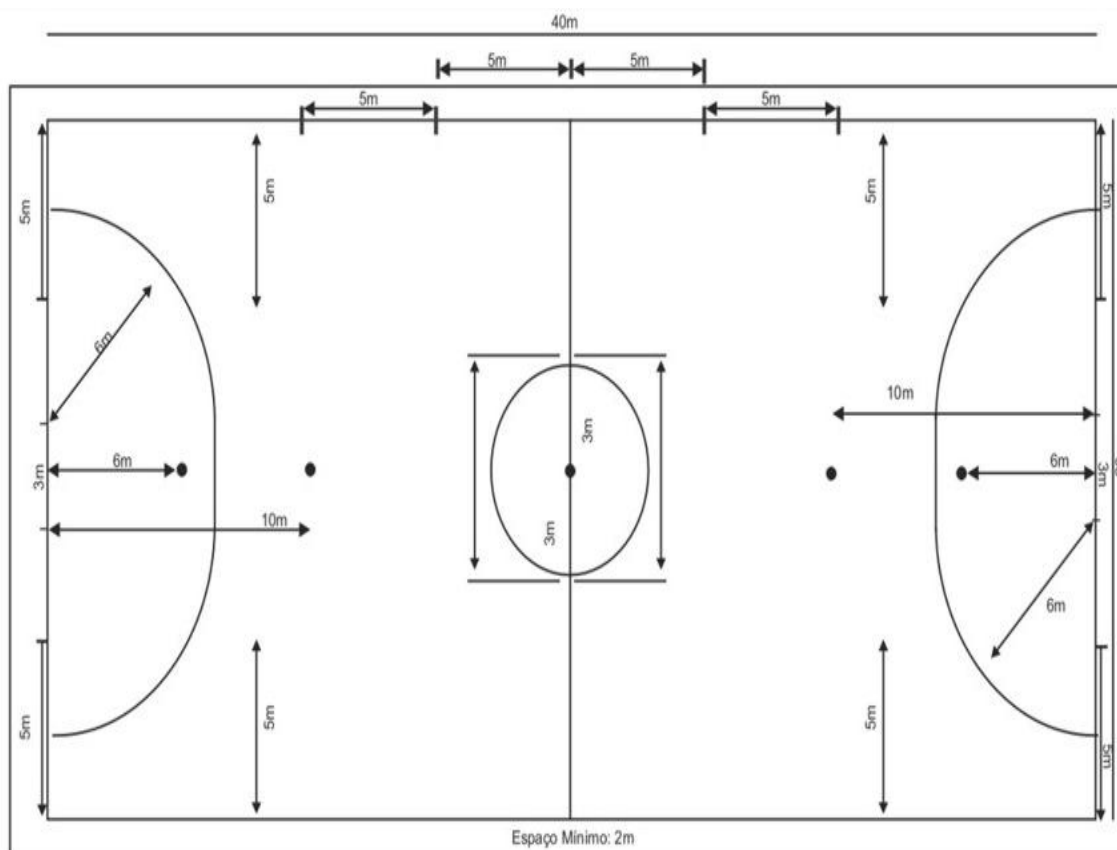


FIGURA 6: Quadra de futsal e suas dimensões.
Adaptado: CBFS 2010

Dentro deste espaço de jogo, os jogadores percorrem distâncias diferentes de acordo com a sua posição e tempo de jogo. Essas distâncias são percorridas de diferentes formas podendo ser andando, trotando, correndo, deslocando-se para trás e lateralmente de acordo com (ARAUJO, *et al.* 1996; SOARES e TOURINHO, 2006), Moreno (2001) ainda separa as corridas em, média e alta velocidade e “sprints”.

Assim temos no quadro abaixo distâncias percorridas por jogo de acordo com diferentes autores, sendo que o conhecimento dessas distâncias pode ser importante para realização de um treino físico de uma equipe.

QUADRO 6
Distâncias percorridas em um jogo de futsal nas diferentes posições, de acordo com diferentes autores.

Autores	Fixo	Ala	Pivô
Araujo, <i>et al.</i> 1996	4494	4877	4304
Moreno 2001	1940	3042	1967
Soares e Tourinho	4168,94	3146,63	3348,2

Além do fixo, dos alas e do Pivô, Moreno 2001 e Soares e Tourinho 2006, ainda analisaram a distância percorrida pelo goleiro mostradas no QUADRO abaixo:

QUADRO 7
Distância percorrida pelo goleiro em um jogo de futsal, de acordo com diferentes autores.

Moreno 2001	3030,71
Soares e Tourinho 2006	2602,06

Dentro desse aspecto, Moreno 2001 afirma que o deslocamento mais utilizado na partida pelos jogadores, é o trote. Soares e Tourinho 2006, discordam desta afirmação apenas no que diz respeito ao fixo que no estudo feito por estes autores, passa a maior parte do tempo andando. Araujo, *et al.* 1996 por sua vez afirma que os jogadores passam a maior parte do tempo correndo. Para os mesmos, os jogadores utilizam deslocamentos predominantemente de baixa intensidade.

De acordo então com estes estudos, temos que o pivô é o jogador que mais anda, trota, desloca-se para trás e lateralmente, e que o ala é o jogador que mais corre durante o jogo. Entretanto, Soares e Tourinho (2006) afirmam que o fixo é o jogador que mais anda dentro de quadra.

Estes estudos estão baseados no tempo de permanência dos jogadores em quadra.

Assim, de acordo com o livro de regras 2010 da CBFS, uma partida de futsal tem a duração de 40 minutos para categoria adulta, sub-20 e sub-17, divididos em dois tempos iguais de 20 minutos, tanto para o masculino como para o feminino, cronometrado e com 10 minutos de descanso entre eles. Na categoria sub-20, os tempos serão de 15 minutos cada, com o mesmo intervalo e igualmente cronometrado.

Levando-se em consideração esta regra, Barbero (2003) diz que o tempo total das partidas de Futsal é de cerca de 75 minutos e 49,2 segundos, em função das constantes interrupções no cronômetro, que acontecem nas faltas, gols, bola fora de jogo, tempo técnico, etc. Este mesmo autor menciona que a partida tem 40 minutos de tempo real de jogo e 35 minutos e 49,2 segundos de pausa.

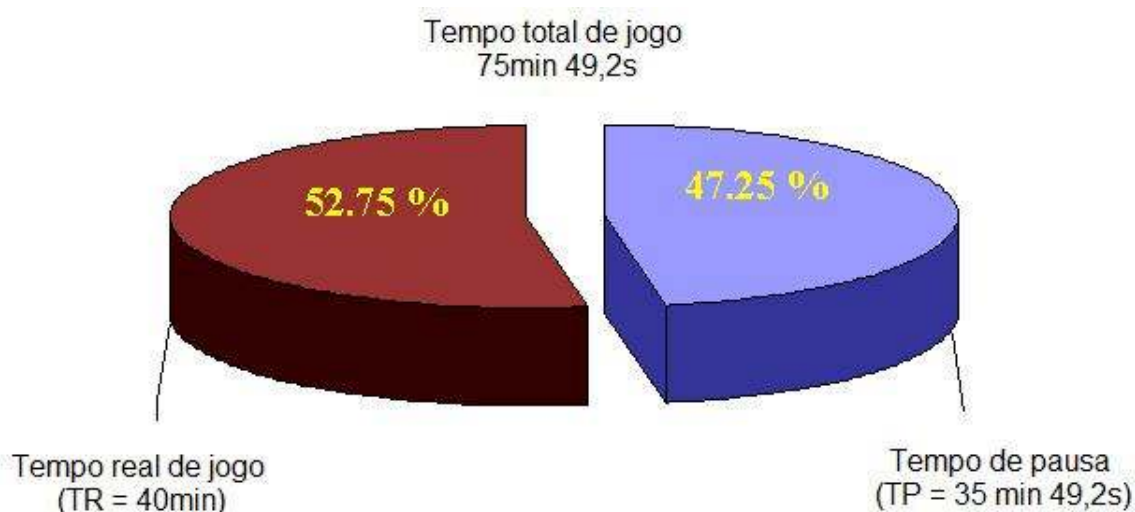


FIGURA 7 – Medida do tempo total de jogo (TT) e porcentagens do tempo real (TR) e pausa (TP).
Fonte: adaptado de Barbero, 2003.

Neste espaço e neste tempo de jogo, podem-se atuar 12 jogadores, sendo que em quadra, permanecerão 4 jogadores de linha e 1 goleiro participando diretamente do jogo e mais 7 jogadores no banco de reservas com participação indireta. Estes jogadores, poderão substituir qualquer jogador quantas vezes forem necessárias, tendo assim no futsal um número de substituições ilimitada.

De acordo então com esta regra, o tempo de permanência em quadra de um determinado jogador está condicionado ao número de substituições a que é submetido. Soares e Torinho (2006) propõem que há uma diferença na proporção de substituições nas diferentes posições, assim, tem-se que a posição de pivô é a que se tem maior rotatividade durante a partida.

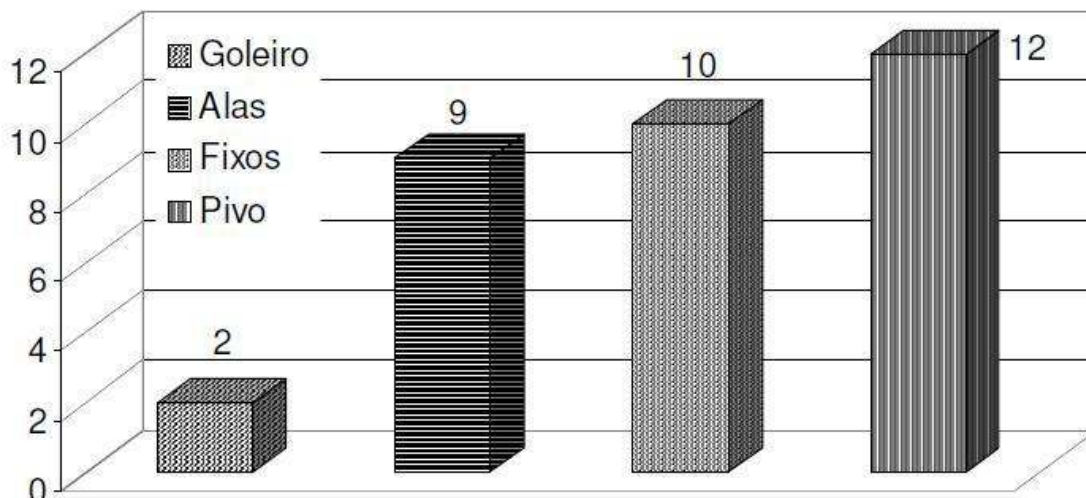


FIGURA 8: Médias de substituição por posição durante os jogos, da Copa Capão de Canoa - RS.
Fonte: Soares e Tourinho Filho, 2006

De uma forma geral, os goleiros por apresentarem uma baixa média de substituição por jogo, permanecem em quadra 37 min e 38 s aproximadamente. Depois dos goleiros, os fixos são os jogadores que permanecem mais tempo no jogo, cerca de 29 min e 14 s. Já os pivôs, com média de 12 substituições por jogo, permanece em quadra 21 min e 29 s. Araujo, *et al.*, confirma em seu estudo que pivôs permanecem menor tempo em quadra e os fixos dentre os jogadores de linha o maior tempo.

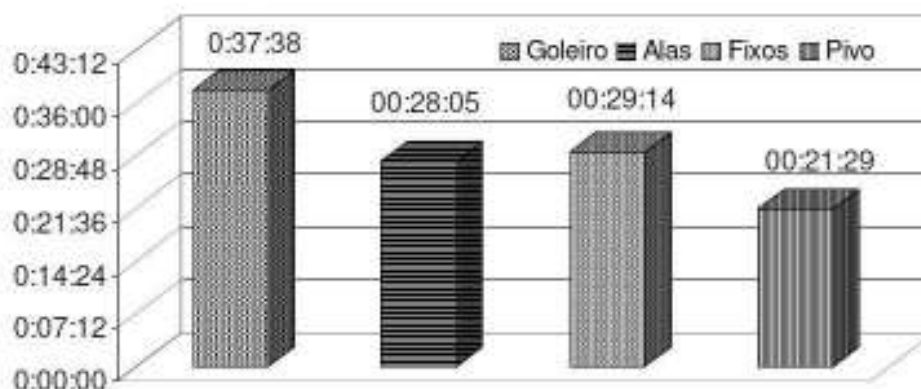


FIGURA 9: Valores médios do tempo (min) de permanência em quadra por posição, na Copa Capão de Canoa - RS.
Fonte: Soares e Tourinho Filho, 2006

Enquanto permanecem em quadra, os jogadores se organizam em ações ofensivas e defensivas, de acordo com a posse da bola ou não. Assim, Barbero (2003) afirma que entre o número de ações realizadas e a duração das mesmas, um dado importante a destacar é que 95% que se produzem durante uma partida duram de 0 a 20 segundos. Neste sentido, se produzem 208.5 ações (75,96%) cuja duração oscila entre os 0 e 10 segundo e 51,9 ações (18,91%) entre os 11 e 20 segundos. 4,15% das ações tem uma duração entre 21 e 30 segundos, apenas 11.4 ocasiões, sendo infrequentes as ações de duração superior a 30 segundos.

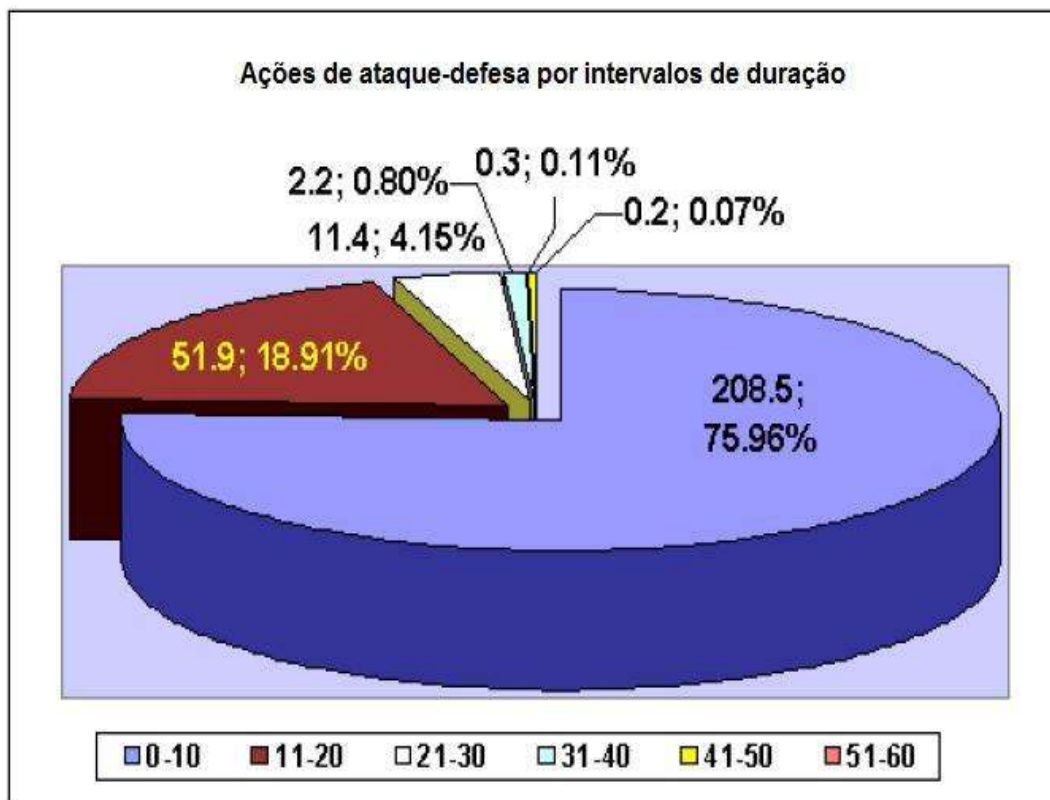


FIGURA 10: ações de ataque – defesa por intervalos de duração
 Fonte: Adaptado de Barbero, 2003

Analizando então todos estes aspectos, será possível organizar uma equipe e as sessões de treinamento, considerando aspectos físicos, técnicos e táticos.

2.2.3 Técnica

“A técnica consiste na execução individual dos fundamentos básicos do futsal, isto é, do passe, do chute, da recepção de bola, do drible etc; no caso do goleiro, consiste na pegada, lançamento, espalmada, entre outras.” (Mutti, 2003)

Técnica, para Greco (1998) é a “interpretação do tempo-espaço e situação do meio instrumental operativo necessária à solução e execução da tarefa ou problema que se defronta no esporte”.

No futsal as capacidades técnicas representam os instrumentos que os jogadores possuem para resolver as tarefas/problemas com que eles se defrontam nas diferentes situações de jogo, ou seja, são os meios (passe, chute, drible, etc.) que eles utilizam para alcançar um objetivo previamente estabelecido (fazer o gol, dar uma assistência a um companheiro melhor posicionado, etc.). Esses objetivos são determinados pela posse ou não da bola. Assim, ao entendermos como necessária a apresentação das capacidades técnicas básicas de ataque, defesa e goleiro, as mesmas podem ser visualizadas no (QUADRO 8):

QUADRO 8
Capacidades Técnicas no Futsal.

ATAQUE	DEFESA	GOLEIRO
1 - Ações motoras sem bola: • deslocamentos e corridas em linha reta e sinuosa; • deslocamentos de frente, costas e lateralmente; • deslocamentos com paradas bruscas, com giros bilaterais, com acelerações e desacelerações, com mudanças de direção; • saltos partindo de posição estática ou dinâmica, com queda nos dois pés ou em um pé.	1 - Ações motoras: • deslocamentos e corridas em linha reta e sinuosa; • deslocamentos de frente, costas e lateralmente; • deslocamentos com paradas bruscas, com paradas e giros bilaterais, com acelerações e desacelerações, com mudanças de direção; • saltos: partindo de posição estática ou dinâmica, com queda nos dois pés ou um pé.	1 - Ações motoras: • deslocamentos para frente, para trás, laterais e diagonais; • rolamento; • saltos; • <i>sprints</i>.
2 - Condução: • quanto à trajetória: - retilínea, sinuosa, rasteira e em suspensão; • quanto ao toque: - face interna, externa, dorso, sola do pé, coxa e cabeça.	2 - Uso do corpo: • disputa da bola (tranco); • proteção da bola.	2 - Empunhadura: • bolas rasteiras, baixas e altas.
3 - Passe: • quanto à distância: - curto, médio e longo. • quanto ao espaço de jogo: - lateral, diagonal e paralelo. • quanto à trajetória: - rasteiro, parabólico e meia altura. • quanto ao toque: - faces interna, externa, anterior, solado e dorso do pé, coxa, peito, cabeça e calcanhar.	3 - Tomada da bola: A) Acompanhamento B) Antecipação - passe - jogador C) Aproximação - frente - lateral - por trás D) Abordagem - de frente - lateral - por trás E) Desarme	3 - Saídas do gol: • fora ou dentro da área; • com os pés, mãos etc; • deitado, agachado ou em pé.
4 - Chute: • quanto ao movimento: - bola e executante parados ou em movimento. • quanto ao tipo: - simples, bate-pronto, bico, voleio, bicicleta. • quanto à trajetória: - rasteiro, alto e meia altura. • quanto ao toque: - faces interna, externa, anterior interna, dorso, calcanhar e ponta.		4 - Lançamentos: • quanto à distância: - curtos, médios e longos. • quanto à trajetória: - rasteiro, parabólico e oblíquo. • quanto ao toque: - pé, uma mão, duas mãos. • quanto ao movimento: - goleiro parado ou em movimento • quanto à realização: - finta de braço, de pernas, olhar etc.
5 - Drible: • quanto ao movimento: - bola e exec. parados/movim. • quanto ao tipo: - direita, esquerda e especiais.		5 - Queda lateral: • direita, esquerda; • bola rasteira, baixa ou alta; • defesa firme ou espalmar.
6 - Recepção: • quanto à trajetória: - rasteira, parabólica e meia altura. • quanto ao domínio: - faces interna, externa, sola, dorso, peito, coxa e cabeça.		6 - Espalmar: • com uma mão, duas mãos; • mão trocada ou do mesmo lado; • bolas rasteiras, baixas e altas.

Para uma maior compreensão do tema, dividi-se didaticamente em técnica de ataque e defesa. Com relação ao goleiro, Souza e Leite (1998) colocam

que existem dois tipos de capacidades diferenciadas, uma relacionada ao seu comportamento padrão e a outra ao seu comportamento como jogador de linha. No primeiro, ele defende sua meta e repõe a bola em jogo, utilizando para isso técnicas específicas como empunhadura, lançamentos, queda lateral, dentre outras. O segundo, ele utiliza todas as capacidades dos outros jogadores de linha, tornando-se assim um importante elemento ofensivo, quando tem o domínio das mesmas.

No Futsal atual o goleiro tem sido muito utilizado como jogador de linha, o que é facilitado após as mudanças na regra, principalmente em situações quando se está perdendo o jogo ou precisa-se de aumentar o placar.

Para Garganta (1998), citado por Silva (2001), nos JEC as técnicas não se restringem a movimentos específicos mas constituem ações motoras, formas de expressão do comportamento, que são realizados na tentativa de solucionar os problemas que as várias situações de jogo colocam ao praticante.

A seguir, será apresentada uma breve descrição das capacidades técnicas do futsal.

a) Passe

Para Saad (2000), o passe é a ação de enviar a bola a um companheiro ou determinado setor do espaço de jogo.

Mutti (2003) por sua vez, define o passe como meio de comunicação entre os jogadores de uma mesma equipe, é a ação que possibilita o jogo em conjunto e a progressão das jogadas.

O passe por ser classificado em relação a sua trajetória, podendo ser rasteira, parabólica ou perpendicular, ou seja, meia altura; a distância percorrida, como curto, médio e longo; ao espaço de jogo, lateral, diagonal (para trás ou para frente) ou paralelo; e por último, quanto a sua execução.

O passe pode ser executado com a parte interna, externa, dorso (peito de pé), sola e parte anterior do pé, sendo estes últimos denominados como passe de bico, gancho e cavado. Além destes temos a utilização do calcanhar, coxa, peito, cabeça e ombro sendo considerados passes de habilidade. No QUADRO 9, pode-se observar a relação de alguns passes com a sua execução.

QUADRO 9

Relação entre o tipo de passe e sua execução no futsal.

Passe curto:

- Parte interna do pé
- Parte externa do pé

Passe longo:

- Dorso do pé, pois o impacto é mais forte

Passe Cavado:

- Ponta do pé: toca-se a parte de baixo da bola com um movimento rápido de baixo para cima, fazendo com que a bola passe por cima do adversário e chegue ao companheiro de equipe.
-

É importante observar alguns aspectos ao passar a bola para que ocorra com qualidade e de forma eficiente. Deve-se então estar em equilíbrio, manter a cabeça erguida, para que se tenha uma maior noção espacial e melhor visão periférica, o pé de apoio deve ficar próximo a bola (aproximação do centro de gravidade); adequação da força a distância a ser percorrida e a movimentação dos braços buscando o equilíbrio anteriormente mencionado. Mutti (2003) afirma que os passes devem ser efetuados sempre com firmeza e precisão independente da sua distância ou trajetória. Para ele, a bola deve rolar firmemente na direção desejada e de preferência no solo de forma a facilitar a recepção. Saad (2000) reforça essa afirmação dizendo que o passe deve ser rápido, preciso e de fácil recepção pelo companheiro.

Para além disso, Saad (2000) ainda coloca que o passe é o elemento que dá sequência ao jogo junto aos arremessos e que o bom passe cobre mais rápido às distâncias que os deslocamentos.

Assim, encontram-se ressaltados no QUADRO 10 os fatores que contribuem para a realização de um bom passe.

QUADRO 10
Fatores que contribuem para a execução do passe

Oportunidade:
• Colega em condições de receber a bola
Segurança:
• Passe sem risco, somente com a certeza de que a bola chegará ao seu colega de equipe.
Surpresa:
• Não demonstrando o local para o qual será executado
Rapidez:
• Dificulta a interceptação por parte do adversário
Precisão:
• Facilita a recepção do companheiro de equipe

É necessário que as pernas estejam sempre soltas para que se possa tocar na bola rapidamente com as várias partes dos pés. Para que garanta a segurança do passe, o jogador deve perceber o posicionamento do adversário além de garantir a visualização do companheiro para o qual pretende realizar o passe, pois se este estiver se deslocando, será necessário o controle do ângulo e da força para que a bola seja passada exatamente no local de chegada do receptor.

Levando-se em consideração este aspecto, torna-se importante que o jogador que irá receber a bola se ofereça e se oriente dentro da quadra, a fim de recepcionar a bola.

b) Recepção

“Movimento com qualquer parte do corpo ou membros permitidos pela regra, visando reduzir a velocidade da bola e dar sequência a jogada” (SAAD, 2000).

Durante o jogo, é importante, para que as jogadas tenham continuidade, que não só o passe, mas também a recepção, seja feita com qualidade e sucesso, de forma que o jogador que receberá a bola amortecia-a e a mantenha sob seu controle.

O tipo de recepção efetuada está diretamente ligada a trajetória do passe, podendo ser esta rasteira, parabólica ou perpendicular.

No QUADRO 11, veremos as formas de execução destas recepções relacionadas à trajetória da bola.

QUADRO 11
Relação entre trajetória do passe e a execução da recepção.

TRAJETÓRIA	EXECUÇÃO
Rasteiro	Parte interna Parte externa Solado do pé
Parabólica	Peito Cabeça Coxa Pés (solado e dorso)
Perpendicular	Parte interna do pé Parte externa do pé Parte interna da coxa Parte externa da coxa

Para se recepcionar uma bola, o jogador deve adequar seu corpo em relação à trajetória da bola, permanecendo equilibrado afim de dar continuidade a jogada, os seus olhos devem se manter fixo na bola até o momento de contato com a mesma. Neste momento, a musculatura que encontrará a bola deve estar relaxada e a chegada da bola e o movimento de recuo bem coordenados.

Ao ser recepcionada, a bola deve ser mantida perto do corpo do jogador que deve procurar estar sempre em posição de dar o passe ou finalizar ao gol. Uma boa recepção agiliza o jogo.

c) Condução

“Conduzir a bola é a ação de carregá-la de uma zona para outra da quadra principalmente naquele avanço em direção à meta adversária” (Mutti, 2003).

Para Saad (2000), “condução é o ato do jogador se movimentar pela quadra de jogo com a bola nos pés”.

Na condução de bola, a bola é mais empurrada que batida, o toque deve acontecer de forma leve e sutil, conservando a sua posse próxima ao corpo protegendo-a do marcador se colocando quando preciso entre eles, utilizando o corpo e a perna de apoio.

Ao conduzir a bola, deve-se manter a cabeça erguida, o equilíbrio, o corpo ligeiramente inclinado a frente, deve-se entre um toque e outro sempre se situar no espaço, observando tudo ao redor.

A condução pode ser classificada em relação a sua execução e a sua trajetória, o que pode ser verificado no QUADRO 12.

QUADRO 12
Relação trajetória e execução da condução

TRAJETÓRIA	EXECUÇÃO
Retilínea	Parte interna do pé Parte externa do pé Solado do pé
Sinuosa	Parte interna do pé Parte externa do pé Solado do pé

c) Chute

“É o ato de imprimir uma força na bola parada ou em movimento com o objetivo de atingir o gol adversário” (SAAD, 2000).

Conforme publicado no site pedagogia do futsal (2010), o chute surge quando há o contato da criança com a bola em direção à meta adversária ou para afastar o perigo de um ataque adversário. Para ele, o chute sempre é o mesmo, mas o seu objetivo pode variar podendo ser ofensivo ou defensivo.

Pode-se distinguir algumas fases no chute:

1. Corrida: Corpo ligeiramente inclinado para frente;

2. Preparação: O pé deve ser levantado para trás, no movimento de flexão do joelho e extensão da o quadril;
3. Contato: O pé deve estar contraído, mas a perna solta;
4. Final: Após o impacto na bola, o pé continua a sua trajetória para frente e para cima, completando assim um meio círculo.

O chute, é a principal técnica utilizada pelos jogadores para se alcançar o gol adversário. Ele pode variar de acordo com sua trajetória (Rasteiro, meia altura e alto) e forma de execução (Dorso do pé, parte interna e externa do pé, bico do pé, calcanhar e parte ântero-superior do pé). Quanto a essa execução tem-se também alguns tipos de chute (QUADRO 13).

QUADRO 13
Tipos de chute e suas formas de execução

TIPO	EXECUÇÃO
Chute Simples	Dorso do pé Parte interna do pé Parte externa do pé
Chute Voleio/Sem pulo	Peito do pé
Chute Bate-pronto	Peito do pé Parte interna do pé Parte externa do pé
Chute Cavado	Parte ântero-superior do pé
Chute de Bico	Bico do pé

Para que se realize o chute, é preciso observar alguns aspectos, são eles:

- a) Posição do pé de apoio: Na linha da bola (ao lado da bola). Esse aspecto é muito importante pois esse posicionamento decidirá a trajetória da bola;

b) Posição do pé de chute: É necessário para uma melhor qualidade do chute, para que se imprima maior ou menor velocidade, ou seja, para o controle do mesmo, que realize-o com a maior superfície de contato do pé com a bola;

c) Estar com o corpo em equilíbrio. Para isso há movimento dos braços e tronco

Na força que se aplica na bola.

Além disso, ao chutar, segundo Saad 2000 deve-se considerar a intenção e objetivo do chute, a precisão e a força do mesmo, o estado de equilíbrio e a coordenação entre pé de apoio e o pé que toca na bola.

O chute pode ser dado tanto com a bola em movimento como com a bola parada. Normalmente o chute com a bola parada no jogo de futsal acontece em faltas diretas com ou sem barreira, as que acontecem dentro ou fora da área do goleiro adversário. Barbieri, *et al.* (2007) analisaram a velocidade da bola parada e em movimento com o pé dominante, concluindo que não há diferença significativa entre os dois. (QUADRO 14).

QUADRO 14
Média, desvio padrão, valor mínimo e máximo da velocidade da bola.

		Mínimo (m·s ⁻¹)	Máximo (m·s ⁻¹)
BP	23,99±0,33	23,48	24,32
BM	22,37±1,20	20,61	23,62

Fonte: Barbieri, *et al.* 2007.

Neste contexto, Irokawa, *et al.* (2010) analisaram a relação de finalizações e a circunstância (QUADRO 15) que as permitiram e obteve que nos 4 jogos finais da Copa do Mundo de Futsal-FIFA 2008, ocorrerão 271 finalizações ao gol, sendo que apenas 15 delas terminaram em gols.

QUADRO 15
Valores Percentuais em Relação à Circunstância da Finalização

Circunstância da Finalização	N	%
Jogo Organizado	103	38.00%
Contra-ataque	62	22,9%
Bola Parada	100	36,9%
Jogador Expulso	0	0.00%
Goleiro-Linha	6	2,2%
Total	271	100.00%

Fonte: Irokawa, et al, 2010.

O estudo feito por Silva, *et al.* (2004) mostrou que, de 156 finalizações realizadas pela seleção brasileira sub-20 no mundial do Egito (2003), 102 (65,38%) aconteceram em situações de jogo organizado (J.O.), 33 (21,15%) em contra-ataques (C.A.) enquanto que somente 21 finalizações foram provenientes de situações de bola parada (B.P.). Em contra partida, quando analisados os resultados obtidos, observou-se que no jogo organizado somente 5 finalizações das 102 realizadas se tornaram gols (efetividade de finalização de 4,9%). Os contra-ataques somaram 7 gols em 33 finalizações realizadas (efetividade de finalização de 21,21%) confirmando assim a importância desta fase do jogo. Já em situações de bola parada o Brasil marcou apenas 1 gol, das 21 finalizações realizadas (efetividade de finalização de 4,76%).

Estes estudos podem direcionar os treinadores na organização dos seus treinos, podendo dar ênfase a aspectos que considerar mais importantes.

Além disso, de acordo com os dados de Irokawa, *et al.* (2010), a cada 18 finalizações, aproximadamente, apenas uma delas resulta em gols; Silva, *et al.* (2004), observaram em seu estudo a proporção de 12 finalizações para se ter um gol. Isso nos leva a inferir que no futsal equipes que tem menor nível de rendimento tem maior possibilidade de conseguir bons resultados quando comparadas ao handebol, voleibol e basquetebol, que de acordo com Garganta e Pinto (1998) a relação de finalizações e êxito nestes esportes, é de aproximadamente 2:1.

d) Drible

“Ação individual com a bola, visando ludibriar o adversário, tentando ultrapassá-lo” (SAAD, 2000).

Os dribles, de acordo com Saad (2000), podem ser classificados em drible com os pés ou com o corpo.

Ao driblar, deve-se considerar que o drible para ser bem aplicado exige bom tempo de reação, velocidade de execução, noção de espaço, coordenação, a capacidade de improvisar na utilização das demais técnicas individuais e observar o posicionamento do adversário.

O drible pode ser executado de forma ofensiva, com o objetivo de se chegar ao gol adversário ou de forma defensiva: manter a posse da bola em segurança.

Para Amaral e Garganta (2005) através do 1x1 no Futsal, uma equipe pode rapidamente provocar o desequilíbrio defensivo do adversário no caso do 1x1 ser bem sucedido, mas, em contrapartida, pode também ela ver-se desequilibrada em termos defensivos, se o 1x1 conduzir à recuperação de bola por parte do adversário. Por este motivo trata-se de uma situação crítica do jogo, devendo merecer especial atenção por parte de treinadores.

Amaral e Garganta (2005) concluíram que o 1x1 parece fomentar o desequilíbrio defensivo do adversário, uma vez que é ativador de situações de falta e de remate; retrospectivamente, o 1x1 parece ser ativado por condutas de condução de bola, combinação tática com progressão e recuperação de bola; à medida que o 1x1 é realizado numa zona mais ofensiva do campo, parece

aumentar a probabilidade de este originar um desequilíbrio na estrutura defensiva adversária; o drible de progressão e o drible para remate são os tipos de 1x1 que mais provocam o desequilíbrio defensivo do adversário; ao nível do contexto de cooperação, o 1x1 com vários apoios é aquele que apresenta maior probabilidade de conduzir a uma situação de remate.

Estes mesmos autores, afirmam que é conveniente que o jogador tome consciência de que o 1x1 não se limita ao tipo drible de progressão, no qual se procura ultrapassar o adversário direto. Embora seja o mais utilizado, existem outros tipos de drible que conduzem naturalmente a diferentes produtos (drible para remate, drible para passe ou drible de proteção).

e) Finta

“É o ato de ludibriar o adversário em um curto espaço sem a posse da bola, objetivando confundi-lo, com a finalidade de ganhar (abrir) espaços na quadra sendo geralmente para si” (SAAD, 2000).

Na finta, o jogador ameaça, por exemplo, se deslocar para um lado e vai para o outro, abrindo uma distância entre ele e o marcador e, conseqüentemente, maior espaço para receber a bola com mais liberdade.

Ao fintar Saad (2000) destaca como importante a visão de jogo, a noção de espaço em relação a quadra de jogo e ao adversário, a percepção – tempo de bola, a sincronização dos movimentos, a manutenção do equilíbrio e a criatividade do jogador.

A finta dependendo da região pode receber outros nomes como gato e vai e vem.

f) Cabeceio

Para Saad (2000) o cabeceio é a ação de golpear a bola com as regiões da cabeça, tanto ofensivamente como defensivamente.

Já Mutti (2003) afirma que o cabeceio deve ser executado com a testa, na parte frontal da cabeça, na qual o impacto é mais potente, jamais com a parte superior.

O cabeceio é uma importante qualidade técnica no futsal atual, utilizada para o passe, para o ataque e para defesa. Apesar de ainda pouco utilizada, o cabeceio tem ganhado espaço com a utilização de algumas de jogas com bolas aéreas.

Mutti (2003) coloca que ao cabecear os olhos devem estar abertos para se perceber como vem a bola e para onde se vai enviá-la, o tronco deve ser arqueado para trás e levado à frente em um movimento rápido, a fim de dar mais potência a cabeçada, mantendo a musculatura do pescoço contraída mas com possibilidade de movimento.

Além destes aspectos abordados, o cabeceio exige que o jogador esteja equilibrado para que esta técnica seja executada com qualidade. A noção de espaço e tempo de bola também se torna importante, assim como a sincronização dos movimentos (SAAD, 2000).

Quando se vai cabecear uma bola, em uma situação de disputa da mesma, também se tem necessidade que se proteja o corpo e a bola utilizando para isso, segundo (SAAD 2000), os braços semi flexionados.

g) Marcação

A marcação tem como objetivo evitar que o adversário receba a bola ou tente progredir com a mesma. Assim, ela é feita sobre o jogador com ou sem a bola e não sobre o objeto do jogo.

Ao marcar é importante que o marcador esteja atento ao adversário, entretanto o ideal é que, os dois, tanto o jogador como a bola estejam sob a sua visão. Este deve estar em equilíbrio ao abordar seu oponente, mantendo sempre uma distância, evitando levar o drible. Neste sentido, ele deve oferecer somente as laterais da quadra para o adversário progredir, pois o ângulo desse jogador estará diminuído em relação ao gol e ele terá somente em direção para o drible.

É importante que a distância seja mantida inclusive do jogador sem

posse de bola para que ele não se desloque deixando seu marcador para trás. Como o marcador está geralmente de frente para o adversário, se o mesmo se deslocar, ele terá que girar e correr perdendo tempo e podendo assim chegar atrasado para a disputa da bola.

O bom marcador estuda seu oponente, isto é, observa as características do seu adversário. Ao abordar-lo, deve fazer isso de forma a tirar-lhe a posse da bola no momento em que este ainda não dominou a bola, no momento que a bola estiver chegando ao seu encontro, pois este ainda não tem o seu domínio o que dificultará qualquer ação de drible ou passe que o jogador possa tentar efetuar (SAAD 2000).

É importante destacar que as capacidades técnicas driblar, fintar, conduzir, chutar, passar e receber, são técnicas utilizadas no ataque, assim como a marcação é uma técnica defesa, apenas o cabeceio se caracteriza como uma técnica utilizada tanto para atacar como para se defender.

Além dessas capacidades técnicas, o goleiro como descrito anteriormente tem algumas técnicas em particular, as quais serão caracterizadas de forma sucinta

a) Empunhadura

Saad, (2000) coloca que a empunhadura é o posicionamento básico das mãos para ações de defesa da bola nos diferentes planos. O mesmo autor afirma que pode-se separar defesa em baixas e altas. A diferença entre as duas se estabelece pela linha da cintura.

Por sua vez, Mutti, (2003) afirma que os braços devem ficar soltos e as mãos firmes, a fim de que a bola não ultrapasse essa resistência.

Para realizar se realizar a pegada na bola, as mãos tomam o formato de concha, com os polegares voltados para dentro em bolas altas e para fora em bolas baixas e rasteiras Mutti, (2003). Em bolas rasteiras o goleiro deverá entrar na frente da bola, mantendo a perna de apoio flexionada e ajoelhando a outra na direção da bola, servindo como segundo obstáculo.

Mutti, (2003) também afirma que o segredo de se empunhar a bola, está no recuo dos braços no instante anterior ao contato com a bola, amortecendo a sua velocidade.

Entre algumas ações de defesa, temos a ação de encaixar uma bola, defesa com queda lateral e com recursos (pés, etc.).

b) Quedas:

Para Saad (2000) executa-se a queda lateral com o objetivo de colocar o corpo em uma posição favorável que possibilite uma defesa da bola.

Nas quedas, é importante considerar alguns movimentos corporais descritos no QUADRO 16, baseado em Saad (2000).

QUADRO 16
Posicionamento do corpo na queda lateral do goleiro de futsal

Parte do corpo	Contato
Ombro	Parte posterior toca o solo
Antebraço	Antecede o ombro com um leve contato com o solo
Perna	A que toca o solo estará ligeiramente Flexionada. A perna que não toca o solo estará estendida e elevada
Mãos	A mão que defende a bola está atrás da mesma. A mão que não defende vem por cima abafando a bola e completando a defesa

c) Saída de gol

“Intervenção do goleiro fora da sua área de meta, objetivando impedir ações de ataque ou chutes do adversário” (SAAD, 2000).

O goleiro deve sair do gol com decisão, coragem, arrojo e principalmente com técnica. Deve considerar que ao sair não poderá

tomar o drible e deverá sempre fechar o ângulo do atacante que tem a posse da bola. Mutti (2003) afirma que para fechar o ângulo o goleiro deve ter uma perfeita colocação se posicionando favorável a defesa no traçado entre a bola e as traves, deve ter noção de profundidade e relevo entre ele, o gol e o atacante.

d) Arremessos (lançamentos)

Para Saad (2000) o lançamento é a ação do goleiro de colocar a bola em jogo, visando um companheiro ou espaço da quadra.

O lançamento feito pelo goleiro, deve ser feito de forma segura, precisa, rápida, inteligente e oportuna (Mutti, 2003). Dessa forma, o goleiro durante a partida deve estar atento ao posicionamento de seus colegas e adversários de forma que consiga perceber a situação de jogo para tomar a decisão correta, para que se assegure a posse de bola para sua equipe.

O lançamento é classificado por Saad (2000) em relação a distância e a trajetória conforme apresenta o QUADRO 17 baseado nas informações deste autor.

QUADRO 17
Classificação dos arremessos do goleiro de futsal

Classificação	Arremesso
Distância	Curto
	Médio
	Longo
Trajetória	Rasteiro
	Parabólico
	Oblíquo

Além dessas capacidades, como dito anteriormente, o goleiro possui características dos jogadores de linha descritas.

Relacionando todos os aspectos abordados, fica evidente que é necessário o treino da técnica porém de forma integrada com o treino tático pois segundo Souza (1999) para desenvolver as funções de atacante e defensor, com a mesma versatilidade, é necessário: acumular experiências em situações de jogo, em escala sempre crescente, examinar cada vez melhor estas mesmas situações e resolvê-las com medidas adequadas, priorizando o sentido básico do futsal não sofrendo gols e organizando-se para fazê-los.

2.2.4 Tática

Garganta (2002) afirma que identificar os fatores associados à eficiência e eficácia dos jogadores equipes nos JEC, tem se tornado umas das principais tarefas dos investigadores, na perspectiva de perceber qual a influencia dos diferentes fatores no rendimento (FIG. 11) e das características da equipes bem sucedidas. Dentro destes fatores, nos ateremos à tática.

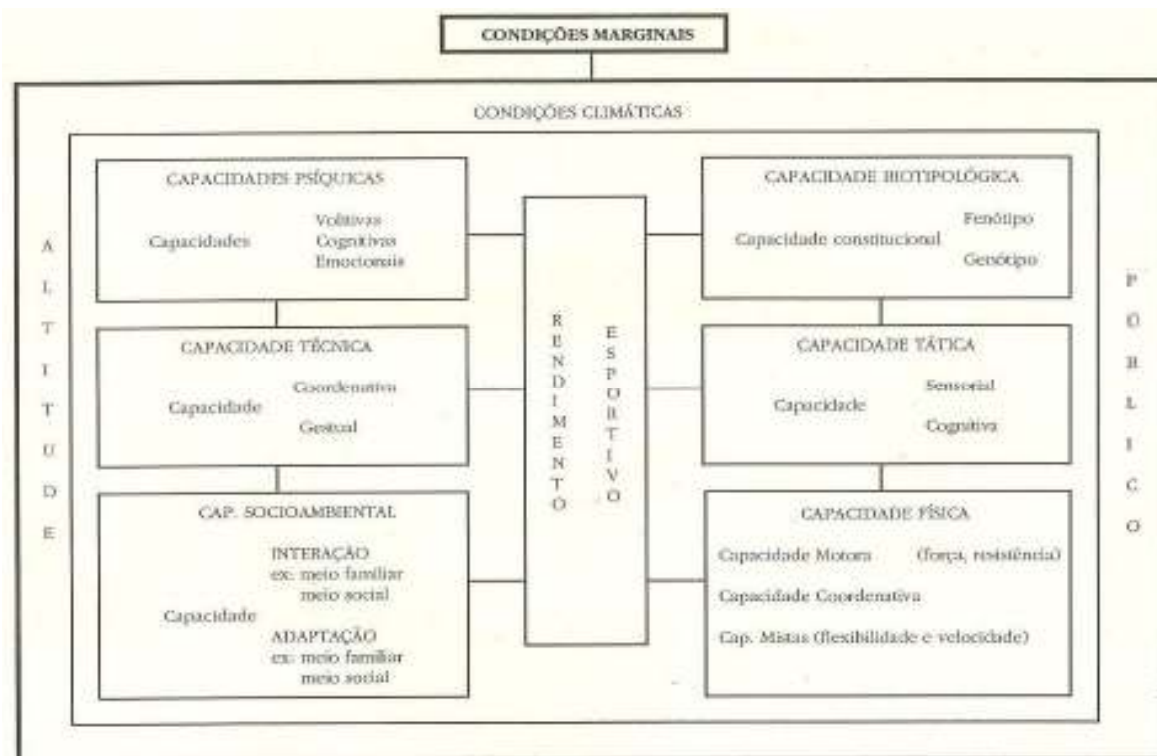


FIGURA 11: Componentes do Rendimento Esportivo

Fonte: GRECO & CHAGAS, 1992. Baseado em GROSSER, NEUMAIER, 1982

Souza (1999) define tática como forma de resolução dos problemas que o atleta enfrenta em forma de jogo, através de um ato orientado, consciente, visando um objetivo específico.

Sendo que Greco e Benda (1998) definem:

Organização: disponibilizar todos os meios para participação na competição analisando todos os fatores que a influencia. Com o desenvolvimento dessa análise, exercita-se um conceito tático que abrange as diferentes situações que se unem as opções de ação. Considera-se então na organização os aspectos externos que conduzem e regulam os componentes táticos.

Orientação com Ação: Abrange as ações e as formas de comportamento que o próprio atleta conduz e regula, objetivando o êxito na competição.

Para Greco (1995); Paula, Greco e Souza (2000) quando nos referimos a tática nos jogos esportivos coletivos, estamos inter-relacionando os fatores ESPAÇO – TEMPO – BOLA – COLEGA – ADVERSÁRIO numa situação de jogo que será um situação a ser resolvida pelo atleta, cuja resolução esta relacionada a sua tomada de decisão que significa ter um objetivo na ação executada.

Garganta (2000) coloca que a tática é entendida como algo que se refere à forma como os jogadores e as equipes gerem no decorrer do jogo cada um de seus momentos

Greco e Chagas (1992) definem tática como capacidade senso-cognitiva, baseada e, processos psicofisiológicos de recepção, transmissão de informações, análise da mesma, elaboração de uma resposta até a execução da ação motora (ou técnica) específica. Garganta (2002) baseado em Garganta e Pinto (1994); Deleplace, (1994), Gréhaigne, (1989), afirma que a dimensão estratégico-tática assume grande importância emergindo, simultaneamente, como polo de atração, campo de configuração e territorio de sentido das tarefas dos jogadores no decurso do jogo. (FIG.12).



FIGURA 12: A dimensão estratégico-tática enquanto pólo de atração, campo de configuração e território de sentido das tarefas dos jogadores no decurso do jogo.
Fonte: Garganta 2002

No futsal, assim como nos JEC, no qual o espaço é compartilhado por ambas as equipes, segundo Paula, Greco e Souza (2000) existe uma pressão de tempo para resolver problemas e tarefas do jogo, dessa forma, o atleta deve saber inter-relacionar e organizar as informações inerentes a situação de jogo, decidindo o que fazer, ou seja o objetivo, quando fazer, o momento ideal, onde fazer, relativo ao espaço, e como fazer, a melhor forma.

Souza (1999) afirma que a decisão sobre “o que fazer”, “quando fazer” e “porque fazer”, constituem elementos importantes de compreensão do jogo, possibilitando um comportamento inteligente.

Segundo Souza (1999) e Paula, Greco e Souza (2000) a tática no futsal representa possibilidades de tomada de decisão ou de escolhas de alternativas, baseadas em conhecimentos previamente adquiridos, que procuram resolver situações problemas que o atleta encontra numa situação de jogo. Assim, ao escolher e executar uma ação, o jogador está caracterizando sua tomada de decisão que foi baseada nos conhecimentos prévios que o mesmo tem do jogo.

Assim baseado em Paula, Greco e Souza (2000) os jogadores devem agir de forma tático/estratégica de forma a superar a imprevisibilidade da estrutura que as situações de jogo lhes impõe, colocando em um lugar central a capacidade de

decidir, ou seja, sua tomada de decisão (TD). Sendo que toda decisão é uma decisão tática e indica uma atitude cognitiva do jogador possibilitando-o a reconhecer, orientar-se e regular suas ações motoras e sua emoção (Paula, Greco e Souza, 2000). Dessa forma, atuar taticamente implica estar capacitado para se sobrepor às exigências que o jogo impõe.

Greco e Benda (1998) colocam que o processo de E-A-T, contemple o desenvolvimento das capacidades táticas, pois estas representam o meio operativo para obtenção de êxito na competição.

Estes mesmos autores definem então capacidade tática como “o complexo conjunto de processos psíquico-cognitivo-motor que conduz a tomadas de decisão adequadas para resolver a tarefa-problema de jogo, permitindo um comportamento adaptado às situações de jogo ou atividade.

Ainda afirmam que “as capacidades táticas representam a síntese operacional no processo de caracterização das capacidades preceptivas, intelectuais e psicomotoras que têm influência para a realização de uma ação”.

Para Greco e Benda (1998) e Greco (1995), o comportamento tático nas situações de competição expressão a funcionalidade das capacidades táticas que são constituídas pelo seguinte grupo de capacidades:

- Capacidade perceptiva: percepção/antecipação/atenção
- Capacidade mnemônica: recordação/reconhecimento;
- Capacidade do pensamento: pensamento divergente e pensamento convergente;
- Capacidade de coordenação tempo-espacial de ações (timing);
- Capacidade de tomada de decisão: elaboração de planos e chamada veloz dos mesmos;
- Resistência e perseverança psíquica: para aplicação no jogo dos conceitos táticos elaborados.

Para Greco (1995) acionar taticamente na competição esta diretamente

relacionado com o nível de desempenho da capacidade tática. Para ele “uma marcada experiência, bom nível de antecipação, segurança na tomada de decisão, etc, estão em relação direta com o desenvolvimento das capacidades psicológicas através da melhoria dos processos cognitivos”.

Baseado em Greco e Benda (1998) classifica-se as capacidades táticas relacionando dois aspectos: A função do jogador e a característica da ação.

- Função: “diz respeito as ações do atleta na situação de ataque ou defesa, determinadas pela posse ou não da bola” (PAULA, GRECO E SOUZA, 2000).
 - a) Ataque
 - b) Defesa
 - c) Goleiro
- Característica: diz respeito ao número de atletas envolvidos na ação, podendo ser individual, de grupo ou coletiva. (FIG.13).

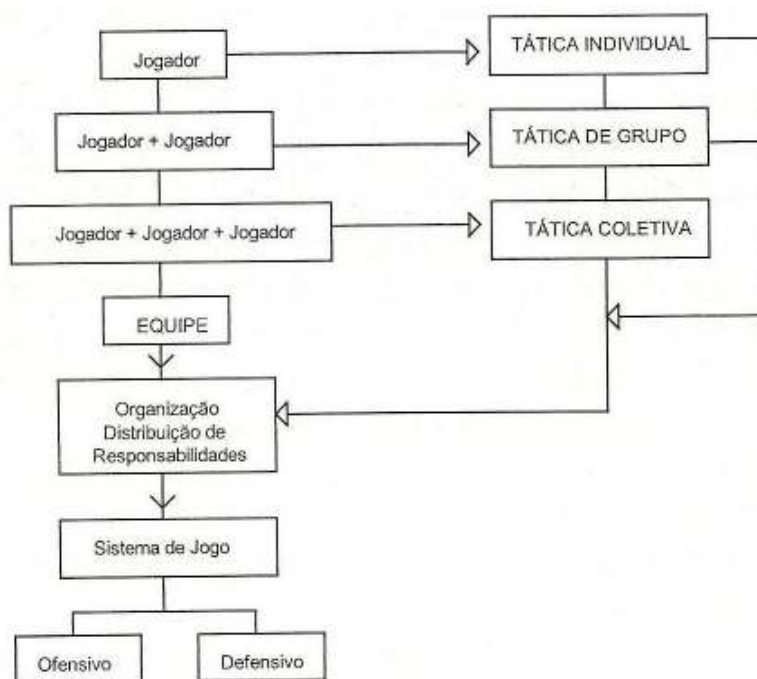


FIGURA 13: Integração de ações como elementos de formação da equipe e sua relação com os sistemas de jogo.

Fonte: FERNANDEZ (1990), citado por GRECO (1995, p.19)

- a) Tática individual: Comportamento de um jogador cuja ação implica em executar uma técnica, em uma situação de jogo, visando com sua ação isolada atingir um objetivo determinado, sendo ele bem definido, o de obter uma vantagem no jogo.
- b) Tática de Grupo: São ações coordenadas, envolvendo três ou mais jogadores (considerando a metade menos um jogador da equipe), através da aplicação de uma sequência de técnicas individuais, visando um objetivo comum.
- c) Coletiva: é a sucessão simultânea de ações de três ou mais jogadores estabelecidos previamente em forma de conceitos, conforme determinado plano de ação que permite relacionar as possíveis respostas do adversário submetendo-as a própria intenção, objetivando resultados ótimos de conjunto que motivem situações vantajosas de ataque.

Concordando com Souza (1999) que o conhecimento das táticas individuais (quando passar, driblar ou chutar) e das táticas de grupo (tabela, blequeios e cruzamentos) possibilita uma conduta cujas possibilidades de êxito são maiores em qualquer situação de jogo, por mais nova ou diversa que seja. Essas situações podem ser vivenciadas tanto na situação de defesa como de ataque.

Segue no QUADRO 18 (GRECO, 1998) características das capacidades táticas relacionadas ao futsal.

QUADRO 18
Características das capacidades táticas relacionadas ao futsal

	FUNÇÃO		
	DEFESA	ATAQUE	GOLEIRO
CARACTERÍSTICAS	INDIVIDUAL • Marcação à distância; • Acompanhamento; • Antecipação; • Aproximação; • Abordagem; • Desarme;	INDIVIDUAL • Quando: possuir, chutar, driblar, conduzir e receber; • Desmarcação; • Levantar marcação, abrindo espaços;	INDIVIDUAL • Situações padronizadas: - Ex.: penalidade máxima, escanteio, tiros livres com ou sem barreira; • Quando realizar: - empunhadura, espalmar, saída do gol, lançar e queda lateral;
	GRUPO • Troca de marcação; • Flutuação; • Cobertura; • Ajuda; • Balanço defensivo;	GRUPO • Tabela; • Bloqueio (contina ou falso bloqueio); • Cruzamento; • Corta Luz;	GRUPO • Distribuição de tarefas nos tiros livres com barreira, cobrança de arremessos laterais e de canto em relação ao colega que fecha a linha de passe ou de chute; • Saída da bola e/ou início de contra-ataque; • Opção ofensiva;
	CONJUNTO • Quanto ao tipo: - individual; - zona; - misto; • Quanto ao espaço: - meia quadra; - meia pressão; - pressão no homem da bola; - 1-2-1; - meio aberto; - 1-1-2;	CONJUNTO • jogo posicional: - 2-2, 2-1-1, 3-1, 1-3; • Jogo com câmbio de formação: - rodízio de 3; - rodízio de 4; • Tática de contra-ataque; • Infiltrações com o pivô no lado contrário; • Jogadas com pivô ("Quanto Centenário");	CONJUNTO • Uso ou não de contra-ataque; • Posição frente a ataque da própria equipe (como libero no 1-3); • Comportamento frente a situações especiais: - pressão; - superioridade numérica; - inferioridade numérica; • Adaptar-se ao sistema defensivo; • Distribuição de tarefas nos tiros livres com barreira; • Opção ofensiva através de um posicionamento predeterminado;

Fonte: GRECO, 1998

Segundo Souza e Leite (1998) as capacidades apresentadas no quadro 18 estão caracterizadas pela necessidade de aspectos inerentes à manifestação destas capacidades no jogo, que são: percepção, antecipação e tomada de decisão.

Estes mesmos autores destacam que para se desenvolver as funções de atacante e defensor sempre com a mesma versatilidade, é necessário que o jogador

sempre acumule experiências em situações de jogo, que examine as informações que se apresentam com mais qualidade, resolvendo-a com as medidas mais adequadas, priorizando o sentido básico do futsal de não sofrer gols e organizando-se para fazê-los.

Santana e Garcia (2007) afirmam que o futsal apresenta uma sistematização interna que abrange ataque, a transição defensiva, a defesa e a transição ofensiva. Como uma importante ação tática no jogo de futsal, o contra-ataque se encontra nesta última, uma vez que exige uma passagem rápida dos jogadores da meia-quadra defensiva para a ofensiva ou ainda de uma situação defensiva para uma de ataque rápido (Santana 2004).

Há indícios de que o contra-ataque tem sido muito utilizado por equipes de futsal de alto rendimento (SILVA *et al.*, FERREIRA [s.d], SANTANA 2007), Andrade Junior (1999) por sua vez afirma que o contra-ataque é a essência do jogo de futsal e que as equipes que o fazem com qualidade dificilmente perdem um jogo. Neste sentido, considera-se importante expor as características do contra-ataque e os seus princípios.

Características do contra-ataque no futsal

Santana (2004 e 2007) colocam que o contra-ataque acontece a partir de quatro situações específicas:

- Interceptação de passe;
- Desarme;
- Defesa do goleiro
- Reposição rápida de uma bola parada quando originada de arremesso de meta ou lateral defensivo.

Estes mesmos autores afirmam que o jogo de contra-ataque tem uma estreita relação com a qualidade do jogo defensivo. Segundo Andrade Junior (1999), este pode acontecer tanto em superioridade como inferioridade numérica.

Princípios para contra-atacar

Santana (2004 e 2007) relaciona alguns princípios que devem ser respeitados nessa fase de jogo:

- A bola deve ser conduzida em velocidade sobre o adversário, pois tende a dificultar o retorno defensivo e deixar o marcador em dúvida;
- O condutor deve usar criatividade;

- Ao optar pelo passe, deve se fazer com segurança, de forma que não permita ao marcador a possibilidade de recuperação defensiva. Para isso, é importante que os receptores se encontrem em linha de passe;
- O receptor deve ter o apoio de um companheiro para que se necessário, posso optar por um segundo passe;
- Quem ataca deve se preocupar em defender, pois a possível perda da bola implicaria em um perigoso contra-ataque do contra-ataque. Assim, não se deve avançar todos os jogadores;
- O goleiro deve se posicionar adiantado, fora da área de meta, à medida que os jogadores da sua equipe contra-atacam, para que possa se tornar um possível inibidor do contra-ataque do contra-ataque, caso sua equipe perca a bola.

O estudo de Santana (2007) analisou 28 jogos da Liga Nacional de Futsal de 2003, contemplando os diferentes tipos de contra-ataque: Individual originado de interceptação de passe, individual originado de desarme, assistido por jogador de linha e assistido pelo goleiro.

Este estudo contabilizou 521 contra-ataques, sendo que 249 deles, que representa 47,79%, foram do tipo individual originados de interceptação de passe; 125 (23,99%), foram individuais originados de desarme, 96 (18,43%), foram assistidos por jogadores de linha e 51 (9,79%), foram assistidos pelos goleiros.

Esses resultados possibilitaram confirmar que uma boa defesa tem influencia direta na realização do contra-ataque, dito por Andrade Júnior.

Alem deste dado, verificou-se também que dos 521 contra-ataques, 60 resultaram em gols, ou que da uma relação de $2,14 \pm 1,46$ gols por partida.

Os estudos de Irokawa (2010) e de Silva *et al.* (2004) confirmam a grande incidência de gols decorrentes de situações de contra-ataque sendo menor apenas que nas situações de jogo organizado.

Baseado nestes estudos, acredita-se que o processo de E-A-T, se oriente pensando nos aspectos táticos da modalidade futsal, considerando sempre os aspectos cognitivos e do conhecimento para que o jogador saiba o que fazer, como fazer e quando fazer.

2.2.5 Aspectos da fisiologia do exercício que caracterizam o futsal

Segundo Alvarez (1998), citado por Barros (2006), A elaboração de um modelo de treinamento específico nos esportes de equipe requer uma análise das exigências físicas, fisiológicas e energéticas impostas na competição. Partindo de seus conhecimentos, pode-se estabelecer programas adequados dirigidos para as qualidades condicionais especiais, propondo um processo de treinamento rigoroso, científico e adaptado às necessidades da modalidade.

Para um bom desempenho na prática do futsal, além dos aspectos técnico-táticos, é importante que se conheçam também as demandas fisiológicas que o jogo solicita do atleta, para que este atinja um melhor rendimento. Sanchez; *et al.* (2005), citado por Barros (2006), afirmam que há uma aleatoriedade e intermitência na ocorrência dos esforços físicos durante o jogo, que exigem do atleta a capacidade de mobilizar, de maneira imediata, grandes quantidades de energia, assim como manifestar uma ótima resistência para recuperar-se destas cargas de trabalho e manter um nível de rendimento de acordo com as demandas competitivas. É importante que se leve em consideração estes aspectos para a elaboração de um bom modelo de treinamento, o futsal tem como uma de suas características um jogo rápido e invasivo, porém, apesar dos “sprints” repetitivos, das disputas de bola, chutes e trocas de sentido estarem vinculados a exercícios anaeróbios, quase toda atividade realizada durante o jogo emprega o metabolismo aeróbio, sendo então uma boa potencia aeróbia o requisito básico para se obter um alto rendimento no jogo. Quanto melhor desenvolvido, de forma mais econômica se efetuará a síntese de (ATP-CP), que representam as fontes de energia mais decisivas nos exercícios de jogos intermitentes (BARROS, 2006). Quanto mais alto o limiar anaeróbio, mais alto será o ritmo médio de jogo que se poderá manter ao longo da partida (MEDINA *et al.*, 2002, citado por BARROS, 2006).

Para Álvarez, Vera e Hermoso (2004), citado por Barros (2006), que pese o caráter intermitente dos esforços no futsal, FC médias tão altas, superiores do que as da maioria das modalidades esportivas coletivas, indicam elevadas exigências de componente cardiovascular requerido pela competição. Primeiro realizado em jogos oficiais de futsal masculino (RODRIGUES, 2008) este estudo de Álvarez, Vera e Hermoso (2004) indica que a intensidade média de oito atletas em cinco partidas foi de $89,5 \pm 1,4\%$ FC_{máx}, sendo que entre a FC_{máx} registrada entre um teste de laboratório e nos jogos avaliados esta foi maior.

Pouca atenção tem sido dada aos estudos dessas questões no futsal, Rodrigues (2008) afirma que, apesar de ser um esporte popular, praticado em todo o mundo, o futsal tem sido pouco estudado, assim, existem poucas informações científicas acerca das demandas impostas aos atletas durante os jogos, sobretudo em jogos oficiais.

Segundo Barros (2006), para Hopkins (1991), um grande número de variáveis fisiológicas muda durante o exercício, mas apenas o consumo de oxigênio, a frequência cardíaca e a concentração de lactato têm sido usados para monitorar sessões em progresso.

Barros (2006), cita Molina (1996), que afirma que em relação ao lactado sanguíneo, os jogadores apresentam no primeiro tempo, concentração média de 4,5 mmol/l e 3,8 mmol/l no segundo tempo.

Nos estudos de Martin – Silva *et al.* (2005) descrito por Rodrigues (2008), foram avaliadas partidas de futsal feminino, este trabalho, apresenta os resultados considerando-se o tempo total do jogo (TT) e o tempo de atuação em quadra (TAQ), que consistiu somente do tempo em que as voluntárias estavam em quadra jogando no banco de reservas e no intervalo entre primeiro e segundo tempo. Em um dos jogos, a intensidade foi de $69 \pm 11\%$ FC_{máx}. Considerando-se o TT, e $89 \pm 3\%$ FC_{máx}. Considerando-se o TAQ. No outro jogo os resultados foram $64 \pm 14\%$ FC_{máx} e $86 \pm 13\%$ FC_{máx}, considerando-se o TT e o TAQ respectivamente. A FC_{máx} foi determinada em um teste de esforço máximo progressivo em cicloergômetro. Os autores desse trabalho concluíram que o futsal feminino pode ser classificado como uma atividade física intensa.

2.3 A questão do gênero

“A bola com suas excelentes possibilidades de interação com as atividades físicas é sempre oferecida aos meninos e as bonecas passivas, às meninas” (FILHO E PEREIRA, 1999)

As questões de gênero no futsal têm sido amplamente discutidas desde que o mesmo surgiu, até os dias atuais, carregando o preconceito incutido pela sociedade por volta da década de 30.

Entenderemos a causa de tamanha exclusão da mulher do ambiente esportivo, sendo o futebol e o futsal umas das principais modalidades de proibição à mulher. Os registros históricos do futebol feminino são escassos, mas retratam e justificam bem essa realidade atual. Ainda, de acordo com Freitas (2004), as anotações da presença feminina no futebol, por autores clássicos, são quase que inexistentes, sendo que as referências encontradas, estavam presentes em notas de rodapé. Segundo a autora, o futebol feminino aparece apenas como complemento da paisagem, como objeto, acessório do futebol, situação preliminar.

De acordo com Souza Jr. e Darido (2002), se compararmos o futebol feminino com o masculino, os autores afirmam que a maior parte das memórias do futebol feminino brasileiro e suas histórias ainda estão por ser contadas. Segundo os mesmos autores, um dos principais empecilhos para a expansão da prática do futebol feminino no Brasil, refere-se ao discurso preconceituoso e estereotipado que predominou durante o último século. Para manter as mulheres afastadas da prática do futebol foram utilizados argumentos de caráter biológico, cultural e psicológico, os quais, a meu ver, se resumem completamente no caráter cultural e moralista, sendo o biológico a válvula de escape deste discurso. Filho e Pereira (1999) também compartilham deste ponto de vista, afirmando que a questão do gênero que se perpetua até hoje foi e é determinada culturalmente, e por este fato ela é reproduzida em todas as formas de manifestação cultural, muito chamativa no meio esportivo, nas aulas de educação física.

Pesquisando a justificativa “biológica” e política, encontramos o Decreto-Lei nº 3.199, do ministério da Educação, art. 54, o qual instituíra: “Às mulheres não se permitirão a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. De acordo com Kessler (2008), no caso do futebol feminino, a proibição incidiu mais precisamente de 1964 até 1979, quando o Conselho Nacional de Desportos revogou a deliberação nº 7/65 que impedia as mulheres de praticar “lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball”. Somente na década de 80 que a prática destes desportos foi liberada.

Será mais discutida a repercussão que o futebol feminino trouxe em meados do século passado para se tornar fácil a compreensão do futsal feminino como modalidade marginalizada, além de não terem sido encontradas referências específicas sobre o futsal feminino na época.

De acordo com Rigo, Guidotti e Amaral (2008), o ano de 1950 foi efervescente no que diz respeito à inserção das mulheres na prática do futebol feminino, que passou a ser alvo de censura e proibição por parte do Conselho Nacional do Desporto (CND). No período entre 1930 e 1940, quando os discursos esportivos se mesclavam aos higienistas, amplia-se a inserção da mulher no universo esportivo, que deixa de ser assistente para ser praticante, atleta do esporte moderno. Ainda de acordo com os autores, em 1950, neste contexto, que a cidade de Pelotas se torna palco da pioneira experiência de organização de duas equipes de futebol feminino, que passariam a ter uma estrutura mais organizada, comparadas à prática do futebol feminino como uma ou outra exibição esporádica, na qual predominava mais o sentido exótico do que o esportivo.

Da mesma forma, segundo Franzini (2005) a prática do futebol feminino também crescia no estado do Rio de Janeiro, porém, alguns desportistas recebiam com estranheza as notícias que chegavam dos subúrbios cariocas. José Fuzeira não relutou em escrever ao presidente Getúlio Vargas para alarmá-lo sobre o que estava acontecendo no Rio de Janeiro e que ,mesmo que as meninas estivessem empolgadas com o esporte, seria um risco colocar em jogo o equilíbrio fisiológico das futebolistas frente à natureza que elas se dispõem de serem mães.

Através das falas dos autores, supõe-se a decadência do futebol feminino, modalidade esta que parecia tão saudável e divertida para as moças que a praticavam. De acordo com Souza Jr. e Darido (2002), em síntese, pode-se afirmar que o futebol feminino passou a ser visto pelo CND como uma prática ilícita somente quando deu sinais de que poderia estruturar-se como uma modalidade esportiva feminina, conquistando mais autonomia perante os homens e fazendo reivindicações que até então eram restritas ao futebol masculino. Acredito que tais práticas de intervenção do CND sejam contraditórias, pois se a prática do futebol feminino foi

proibida segundo o Decreto-Lei nº 3.199, que frisava os aspectos biológicos como os mais alarmantes para a justificativa de proibição, por que será que as exhibições de futebol feminino que ocorriam em todo o país, em sua maioria não estruturadas e com cunho de diversão, não eram fiscalizadas pelo Conselho?

Franzini (2005), ainda comenta que além do machismo e moralismo que essas ditas preocupações com o bem-estar das brasileiras não conseguem esconder, elas revelam que, na verdade, o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas “funções naturais” ara invadirem o espaço dos homens.

Ainda, segundo uma fantástica fala de Franzini:

“[...] Como já foi mencionado, não era outra voz senão a da mítica Ciência com “C” maiúsculo, que “condenava”, “aconselhava”, “recomendava”, “aprojava” tudo o que se relacionasse ao corpo e às práticas corporais, ao sabor (obviamente dissimulado) do tempero ideológico do poder [...]”

Através deste rápido histórico do futebol feminino e sua repercussão na sociedade, se pode entender o porquê da marginalização do futsal e futebol feminino, por mais que nos dias atuais a mulher já esteja presente no mercado de trabalho, no universo esportivo, realizando atividades que antigamente só cabiam aos homens. Seria mais do que esperado que estes preconceitos caíssem por terra, pelo fato de ser tão presente a inserção da mulher na sociedade atual, mas o que pesa mais do que tudo isso é a cultura que remanesce desde a época de proibição destas práticas para a mulher. Portanto, de acordo com Franzini (2005), hoje, passado mais de meio século da perseguição promovida pela ditadura estado novista, a identidade masculina criada e constantemente reafirmada ao longo da história do futebol no Brasil faz com que boa parte das mulheres sequer se reconheça no jogo.

A partir da fala de Franzini, resgato uma observação feita por Stevaux e

Rodrigo (2008) para introduzir a prática de futsal pelo gênero feminino na sociedade atual. Os autores afirmam que durante os treinos ou momentos de lazer, as atletas de futsal feminino se comparam a jogadores famosos de futebol de campo, sem nem ao menos mencionar as jogadoras da seleção brasileira de futebol de campo, nem tampouco as jogadoras de futsal. De acordo com os autores, muitos destes aspectos sociais construídos são influenciados pela mídia, que valoriza o futebol masculino muito além do feminino. Certa ditadura de padrões estéticos, reforçados por muito tempo pela própria educação física escolar, impondo padrões de comportamento para os homens e outros padrões para as mulheres, o que, de forma interessante e contraditória se reflete na fala das próprias jogadoras de futsal discriminadas pela sociedade.

De acordo com Kessler (2008), tanto no quesito patrocinadores, quanto na questão do incentivo, muito da questão histórica ainda é trazido quando se trata da prática do futebol, ou do futsal. A desigualdade do tratamento e a questão dos privilégios e valores como pertencentes aos homens, criam rótulos sexistas que desacreditam a performance feminina.

Neste mesmo sentido, Stevaux e Rodrigo (2008) relatam de uma pesquisa um caso interessante, quando o ex-técnico da equipe de futsal feminina que os autores pesquisaram pediu patrocínio para a equipe quando o possível patrocinador perguntou se seria para um time feminino-feminino ou feminino-masculino. Este ponto é muito bem abordado por Kessler (2008), quando afirma que frequentemente a prática do futebol é permeada por algumas questões, como a feminilidade, maternidade, razões estéticas e saúde. Porém, de acordo com a autora, a maior parte das meninas vai aos treinamentos com camisetas largas, calções, sem maquiagem e sem brincos. Alguns dos motivos que as jogadoras enumeram para o modo de vestir são o conforto e a praticidade. Além disso, a falta de brincos se deve ao risco que ele pode causar de ferimentos, quando em contato com a adversária. O futsal, como todo o esporte coletivo dividindo um espaço comum, apresenta contato físico, portanto mesmo que uma atleta queira portar objetos que poderão por em risco a sua integridade e a da adversária, estes serão retirados antes do início do jogo, pela ênfase que é dada pelos árbitros no desuso de brincos, pulseiras, piercings, presilhas, anéis e etc.

Toda essa problematização histórica se reflete na conduta dos pais com suas filhas, deixando-as longe do esporte o máximo que conseguirem. Alguns pais às vezes nem acreditam que o futsal seja masculino, mas protegem suas filhas dos comentários de outras pessoas, preocupados com a imagem que sua filha irá passar para a sociedade. Segundo Kessler e Zanini (2008), também há pais e responsáveis das meninas que questionam o futsal e não o consideram como outra modalidade qualquer, mas como uma ameaça às tradicionais instituições e a tendências patriarcais vigentes. Silva (1999) também aborda este ponto, afirmando que a maioria das garotas que praticam o futsal nas instituições citadas tem idade superior a 14 anos e isso também pode indicar vários fatores culturais. Provavelmente, em idades inferiores as meninas ainda necessitem de certos “cuidados” dos pais que na maioria dos casos são contrários a essa prática. No entanto, a partir dos 14 anos, seus desejos, ou seja, se realmente quiserem, irão fazer as aulas de futsal.

Além da sociedade como um todo e os pais recriminarem o esporte, ainda contamos com as instituições de ensino e clubes que mal oferecem a prática do futsal para as meninas. As instituições e clubes justificam dizendo que não há muita procura do público feminino pelo esporte e, por isso não oferecem o futsal. Também é de nosso conhecimento o preconceito dos professores/treinadores em relação às meninas. Freitas (2004), em seu trabalho analisa professores e professoras perguntando à eles a relação que eles têm com meninas e meninos que praticam o futebol. Alguns professores se preocupam com a visão dos pais sobre o esporte, outro professor afirma que o esporte mais adequado às meninas seria o futsal, pois exige menos fisicamente de suas praticantes. Esse professor ainda afirma que é mais fácil trabalhar com homens porque é mais prático e que com as meninas, a locomoção para jogos e treinos é sempre problemática pelo fato dos bairros onde se encontram os campos serem perigosos. Outra professora ainda afirma que é difícil trabalhar com as meninas, pois não têm chuteira para praticar o esporte e é muito difícil arrumar para todas as meninas. Já os meninos têm suas próprias coisas.

Por mais que algumas destas justificativas sejam plausíveis, ainda há reais motivos por trás da preferência em se trabalhar com os meninos. Um dos professores diz que os meninos assimilam mais, facilitando seu trabalho. Segundo a

autora acima citada, os professores e professoras de educação física preferem ensinar aqueles que têm preparo anterior adquirido no processo de socialização primária informal. Neste caso, as “peladas” desde a infância contribuem para que os meninos incorporem um hábito predisposto ao futebol, o que facilita e incrementa os resultados do trabalho pedagógico com o sexo masculino.

Freitas (2004), conclui que seja de fundamental importância que os professores e as professoras compreendam que, na maioria das vezes, as diferenças de ordem motora não são de ordem biológica, mas constituídas no universo da cultura, portanto superáveis. Pela análise feita, ficou clara uma visão da menina como alguém menos capaz fisicamente e do menino como alguém capaz. Isso demonstra que muitos professores ainda parecem acreditar no mito da fragilidade feminina, confirmando a aceitação e a reprodução, na sua prática, no processo de socialização diferenciada que recebem meninos e meninas. A autora aponta algumas soluções para estes problemas: empreender a busca de alternativas viáveis para que as meninas pratiquem o futebol assim como os meninos; fazer um trabalho em conjunto entre os profissionais, a família e a comunidade, diminuindo o preconceito existente à prática do futebol pelas meninas; estabelecer parcerias com clubes e entidades para que meninos e meninas tenham o mínimo de conhecimento e vivência neste esporte; repensar a formação inicial e continuada dos professores e professoras de educação física.

Santana e Reis (2003), analisam o perfil das atletas de futsal e o que isso implica no treinamento das mesmas. Avaliando as escolas, os autores perceberam que ali a maioria das meninas iniciou sua prática de futsal, mas que a instituição omite-se da tarefa de democratizar o futsal entre as meninas, tarefa esta que é o seu dever e não mera concessão.

Os autores construíram a TAB. 2 sintetizando o perfil das atletas:

TABELA 2
“síntese do perfil das atletas”

Fatores pesquisados	Perfil das Atletas
Média de idade	Em média 20,55 ($\pm 4,77$)
Principal local de iniciação	Escola (46,4%), seja em aulas de Educação Física ou na escola especializada.
Início da prática sistemática	Em média 13,69 anos ($\pm 3,18$). 62,8% iniciaram na adolescência.
Início do vínculo federativo	Em média 17,12 anos ($\pm 3,28$)
Tempo de prática sistemática	Em média 6,95 anos ($\pm 3,18$)
O que consideram mais relevante nos anos de prática sistemática	O prazer de jogar e de se divertir (32,5%)
Remuneração	32,5% (14 atletas)

Fonte: SANTANA e REIS (2003)

Santana e Reis (2003) inferiram que as atletas importam-se, num primeiro plano, com os sentimentos voltados para si mesmas, num segundo plano, com os fatores técnico-táticos e sociais e, por último, com a atitude de se fazer novas amizades. A partir destes dados, é possível concluir que a preocupação das meninas coma competição e a vontade de ganhar se encontra mais distante do topo da lista, o que não as impede de trabalhar ao máximo para conseguir estas vitórias. A diferença do perfil das meninas se encontra da maneira como elas encaram as competições e como tudo isso as ajuda a permanecer no esporte. Elas procuraram a modalidade porque quiseram e não há demasiada cobrança em vencer as competições a todo o custo, o que diminui e muito o estresse pré-competitivo. De acordo com os autores, conquistar títulos, aparece apenas em terceiro lugar na preferência das atletas, então se deduz que, para a maior parte das atletas, os anos de prática sistemática do futsal deixaram uma imagem mais associada ao componente lúdico esportivo do que ao de resultado. Os autores concluem que, por um lado, uma das contribuições da pesquisa é a possibilidade de que o futsal feminino pode estar, de certa forma, questionando o paradigma atual de iniciação que se adota no futsal masculino. Isso porque o futsal feminino apresenta, mesmos em submeter suas atletas à especialização precoce, evidências de excelência e de um futuro promissor.

Enfim, de acordo com Gonçalves (2009), a realidade do gênero feminino no mundo esportivo não se faz de forma homogênea na sociedade, por mais que as

mulheres tenham conquistado seu espaço na área de educação física, parece que este ainda se configura como sendo prioritariamente masculino, principalmente em se tratando de algumas modalidades esportivas. O fato das mulheres serem vistas como frágeis e voláteis prejudica o desenvolvimento das mulheres em atividades como o futsal que, mesmo sendo ensinada para meninos e meninas nas escolas, ainda causa polêmicas quanto à melhor maneira de ser abordada (KESSLER, 2008). Ainda neste sentido, Filho e Pereira (1999) apontam como a melhor saída para estes problemas a proposição de atividades que estimulem o desenvolvimento através da cooperação mútua, do reconhecimento e respeito às diferenças, práticas mistas entre meninos e meninas, o que não deixa de ser verdadeiro; mas acredito, como professora, que o problema de integração entre meninos e meninas não é tão simples quanto parece. Algumas meninas, por não apresentarem habilidades satisfatórias na prática conjunta com os meninos, se veem deixadas de lado por eles, que só se preocupam em participar da atividade com outros meninos de mesmo nível técnico. Enfim, acredito que a saída mais satisfatória para estes problemas se encontre na análise da turma como um todo. Algumas turmas apresentam características diversificadas, portanto necessitam intervenções diversificadas.

Concluindo a participação feminina no futsal feminino, Kessler (2008) afirma que mesmo verificando os esforços das atletas e dirigentes das equipes de futsal feminino, é de se indagar se em um futuro próximo poderemos acreditar que, conforme mais pessoas depositarem fé no futebol e futsal feminino, a importância da modalidade aumentará a ponto de serem mais valorizadas, de o aumento do número de adeptas proporcionar incentivos que resultem em trabalhos mais duradouros e jogadoras mais aptas; tornando assim a modalidade feminina um atrativo não apenas pela beleza, graça ou simpatia das jogadoras, mas também pela habilidade. De acordo com Silva (2001), pode-se prever-se que, se algumas garotas praticarem o futsal em um mesmo ambiente e durante o mesmo tempo que os garotos, estas terão uma capacidade de tomada de decisão e um conhecimento declarativo semelhante aos deles.

As mulheres ainda lutam por seu lugar ao sol, por um espaço em que

possam desenvolver suas habilidades e um espaço em que possam demonstrar os conhecimentos adquiridos. A fé depositada nelas, longe de ser totêmica, é uma fé que acredita desacreditando, que incentiva desincentivando, deixando as mulheres à margem, entretendo o público enquanto esperam pela atração principal,(KESSLER, 2008).

2.4 Metodologia de ensino: IEU

A proposta IEU + Escola da Bola (EB) de Kröger e Roth (2002) apresenta uma metodologia de ensino baseada no processo de aprendizagem incidental ou latente. Segundo Greco (2005), a proposta tem como objetivo o jogar para aprender, do experimentar jogando. Essa proposta integra o processo metodológico de ensino-aprendizagem-treinamento no conjunto de estruturas inerentes a concepção do sistema de formação e treinamento esportivo, relacionado em um modelo pendular (FIG. 14), referenciado em teorias construtivistas (GRECO, 2005).

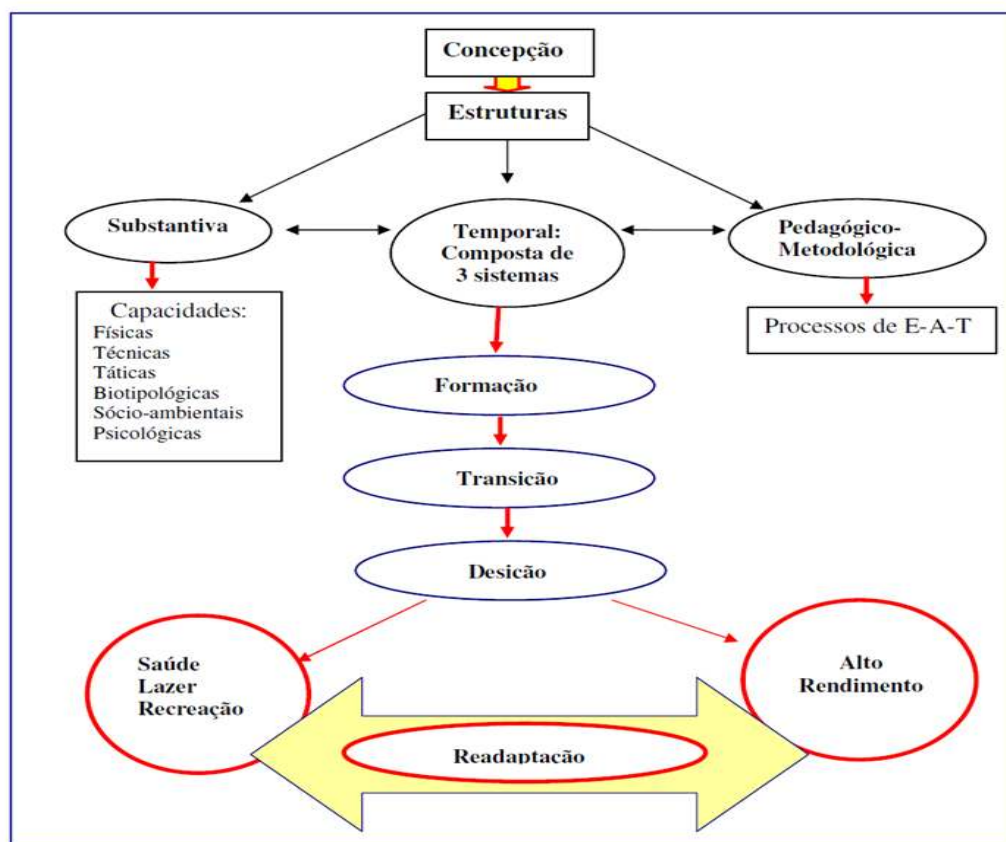


FIGURA 14: O pêndulo das estruturas Substantiva, Temporal e Pedagógico-Metodológica do SFTE e os sistemas inerentes à estrutura temporal.

Fonte: Greco, 1995

É sabido que em qualquer atividade esportiva, não basta dominar os gestos técnicos ou os fundamentos automatizados. Para Greco e Benda (1998) é preciso saber qual a melhor opção tática e qual a melhor técnica exigida por ela, ou seja, a tomada de decisão para cada momento. Assim, primeiro o que fazer, a tática, e depois o como fazer, a técnica. Entretanto isto só ocorrerá segundo estes mesmos autores, quando o jogo como um todo, as suas inter-relações dinâmicas e exigências estiverem compreendidas.

Para que isto aconteça, considera-se necessário que sejam apresentadas tarefas para que os alunos tentem solucionar problemas de forma a estimular a tomada de decisão. Para Greco e Benda (1998) o aluno deve, além de vivenciar, “entender” o jogo e sua dinâmica, analisando a sua própria participação, somente assim ele terá condições de entender os mecanismos técnico-táticos do jogo e a sua participação no mesmo.

Visa-se a aprendizagem de forma rápida e correta, dirigindo para o objetivo de forma precisa e controlada. Possibilitando um contexto no qual para Greco (2001) a criança possa agir de forma variada e adequada a cada situação.

Segundo Greco (1995) fica, então, para o professor a difícil tarefa de descobrir situações de jogo que estabeleçam o equilíbrio entre aprendizagem individual e a dificuldade objetiva, sem ser uma sobre exigência ou uma tarefa monótona.

O desenvolvimento da capacidade de jogo, de aprender a jogar, deve ser entendido como um elemento constitutivo implícito e correlato em um processo amplo de formação da personalidade. A metodologia sugerida visa oportunizar o desenvolvimento de indivíduos criativos técnica e taticamente (GRECO, 2005).

Os projetos da EB e da IEU, de acordo com Greco (2002), podem ser compreendidos como a sistematização de uma proposta pedagógica direcionada a oportunizar uma preparação didático-metodológica da cultura do jogo relacionada com um modelo da aprendizagem incidental onde as crianças aprendem a ter “leitura do jogo”, e a escrevê-las com ações motoras carregadas de intenções táticas, onde a inteligência de jogo e o pensamento tático se desenvolvem paralela e prioritariamente.

O método apresentado, se propõe a inter-relacionar as estruturas funcionais dos Jogos Esportivos Coletivos (JEC) com as capacidades técnicas e táticas comuns a eles. Além disso, Greco (2002) afirma que pretende-se resgatar a importância de considerar parâmetros inerentes à forma de organização da prática (atividades com superioridade, igualdade ou inferioridade numérica, onde pode ser utilizada a função do “curinga”), à variação da organização da atividade (ou seja, o tipo de conteúdo técnico ou tático), às variações táticas (por exemplo, formas de organização do comportamento tático no jogo: jogar aproveitando a profundidade ou a largura da quadra).

Na proposta da iniciação esportiva universal e da escola da bola, pode-se destacar três elementos básicos, ou seja, elas seguem um “A B C” no processo de E-A-T. São eles:

“A”: O jogo;

“B”: O treino da coordenação; e

“C”: O treinamento das habilidades

Dentro de toda esta perspectiva, segue-se nesta proposta a seqüência do desenvolvimento a partir da capacidade de jogo ao treinamento da tático e do desenvolvimento da aprendizagem motora ao treinamento da técnica.

Assim, o desenvolvimento da capacidade de jogo ao treinamento da tático se dá através do desenvolvimento das capacidades táticas (CT), estruturas funcionais (EF) e jogos para desenvolver a inteligência (JDI). QUADRO 19.

QUADRO 19
Capacidade de jogo ao treinamento tático e as idades para desenvolvimento

Capacidades táticas	6-10 ANOS
Estruturas Funcionais	A partir dos 8 ANOS
Jogos para desenvolver a Inteligência	A partir dos 8 ANOS

Sendo as capacidades táticas (KRÖGER E ROTH, 2002) orientadas por jogos dirigidos a:

- Acertar o alvo: Tarefas táticas em que se deve lançar, chutar, combater, disparar etc. Uma bola para um alvo, de modo que atinja um local escolhido.
- Transportar a bola para o objetivo: Tarefas táticas em que se objetiva transportar, jogar, levar a bola a um objetivo determinado.
- Tirar vantagem tática no jogo: Tarefas táticas em que o importante é, por meio do jogo conjunto com o colega, conseguir um ponto, um gol ou até “preparar” o ponto, ou o gol para o colega converter etc.
- Jogo Coletivo: Tarefas táticas em que o importante é receber a bola do colega ou passar a bola para este.
- Reconhecer Espaços: Tarefas táticas em que é importante reconhecer as chances para se chegar ao gol.
- Superar o Adversário: Tarefas táticas em que, no confronto com o adversário, consegue-se assegurar a posse da bola.
- Oferecer-se e Orientar-se: Tarefas táticas em que o importante é, no momento exato, obter uma ótima posição.

As estruturas funcionais por sua vez, se consideram nas situações de jogo de 1x1, 1x1+1, 2x1, 2x2+1, 3x3. Nesse sentido, Greco (1998) divide o processo de treinamento em três fases:

- Inicial: ênfase nos processos incidentais de aprendizagem através de atividades com estruturas funcionais do jogo, dos 8 aos 12 – 14 anos.
- Posicional: ênfase na percepção de sinais relevantes específicos às diferentes posições no jogo, através das estruturas funcionais, nos 14 aos 16 anos.
- Situacional: ênfase na melhoria dos processos de tomada de decisão, nas diferentes posições sem especialização, através das estruturas funcionais dos 16 anos em diante.

Os JDI, então, são atividades e jogos que resgaram as brincadeiras de rua das crianças, tendo como objetivo a solução de problemas.

Silva (2007) afirma que é importante ressaltar que o método situacional, encontrado na literatura, se baseia no desenvolvimento dos jogos situacionais/estruturas funcionais, citadas acima. A grande vantagem deste método, segundo Greco (1998), se baseia na proximidade das ações e situações apresentadas como as situações reais do jogo competitivo formal, possibilitando o aluno a conhecer o jogo em suas diferentes fases e planos, conforme estruturas típicas do mesmo

O desenvolvimento da aprendizagem motora ao treinamento técnico é feito a partir do desenvolvimento das capacidades coordenativas e do treinamento das habilidades.

Para Greco (2001) as capacidades coordenativas se destacam pelo fato de exigirem quatro operações fundamentais para a ação motora: As operações Mnêmicas, Perceptivas, Efetoras e Cognitivas. São também pré-requisito para o treinamento das técnicas específicas dos esportes.

Existe uma série de condicionantes que limitam o desenvolvimento das capacidades coordenativas que segundo Greco 2001, são coordenação Intra e intermuscular, condição dos analisadores, situação da aprendizagem experiência e repertório de movimentos anteriores, capacidade de adaptação e reorganização motora, idade e sexo, nível de fadiga e as condições ambientais nas quais se realiza a atividade.

Para Roth 1998, citado por Greco 2001, o treinamento da coordenação segue a seguinte formula:

Habilidade Simples + Variação + Condições dificultadas
(Percepção) (Motricidade)

Com relação as condições da motricidade, tem-se os fatores de pressão que podem ser sistematizado em (GRECO, 2001; KRÖGER E ROTH, 2002):

Pressão de tempo: Tarefas coordenativas nas quais é importante a minimização do tempo ou maximização da velocidade.

- Pressão de Precisão: Tarefas coordenativas nas quais é necessária a maior exatidão possível.
- Pressão de Complexidade: Tarefas coordenativas nas quais devem ser resolvidas uma série de exigências sucessivas.
- Pressão de Organização: Tarefas coordenativas nas quais se apresenta a necessidade de superação de muitas (simultâneas) exigências.
- Pressão de Variabilidade: Tarefas coordenativas nas quais existe a necessidade de superar exigências em condições ambientais variáveis e situações diferentes.
- Pressão de Carga: Tarefas coordenativas nas quais ocorrem exigências de tipo físico-condicionais ou psíquicas.

Para Greco e Benda (1998) na iniciação esportiva Universal, o treinamento da coordenação deve proceder:

- Do fácil para o difícil;
- Do conhecido para o desconhecido;
- Da percepção geral para a específica;
- Da tomada de decisão geral para a específica.

Sendo que dentro desta perspectiva, de 6 a 8 anos, deve-se utilizar apenas um elemento, de 8 a 10 anos 2 elementos e de 10 a 12 anos 3 elementos.

O treinamento das habilidades então objetiva a melhoria das formas básicas de movimento para o manejo da bola.

As habilidades técnicas para Kröger e Roth (2002), se definem e são representadas pelos seguintes conceitos:

- Controle dos ângulos: Oferecer/viabilizar tarefas sensório-motoras, em que o objetivo seja de regular e conduzir, de forma precisa, a direção de uma bola lançada, chutada ou rebatida.
- Regulação e aplicação da força: oferecer/viabilizar tarefas sensório-motoras em que o importante seja conduzir/regular de forma precisa a força de uma bola lançada chutada ou rebatida.
- Determinar o momento do passe: apresentar tarefas sensório-motoras em que possa ser determinado o espaço, o momento espacial para passar, chutar ou rebater uma bola de forma precisa.
- Determinar as linhas de corrida e tempo da bola: apresentar/exercitar tarefas em que o importante seja determinar com precisão a direção e a velocidade de uma bola no momento de correr e pegá-la.
- Oferecer-se: apresentar/exercitar tarefas em que o importante seja preparar ou iniciar a condução de movimento no momento certo.
- Antecipar a direção do passe: apresentar/exercitar tarefas sensório-motoras em que o importante seja determinar as corretas direção e distância de uma bola passada, antecipando-a corretamente.
- Antecipação defensiva: apresentar/oferecer tarefas sensório-motoras em que o importante seja antecipar, prever a real posição de um ou vários defensores.
- Observar o deslocamento: apresentar tarefas sensório-motoras em que o importante seja o jogador perceber os movimentos, deslocamentos de um ou vários adversários.

Estas três formas de conteúdo e suas atividades são um modelo de ensino-aprendizagem-treinamento, apesar de conterem pequenas diferenças, não são contrárias entre si. Elas se interagem e se completam, representando individualmente uma parte importante do processo.

2.5 Conhecimento Tático

Matias & Greco (2010) afirmam que nas modalidades esportivas de alta estratégia, tais como o futsal, o componente cognitivo centra-se nos processos de seleção de resposta e por meio da cognição, o atleta realiza a “leitura de jogo”.

Neste sentido, Tavares, Greco e Garganta (2006) colocam que “a capacidade para prever e “ler” as intenções dos adversários e formular uma resposta apropriada baseada em aspectos estratégicos, táticos e técnicos, tem sido considerada como crucial para o rendimento nos JEC”.

Para Garganta (2000) a capacidade de leitura do jogo e de execução das habilidades técnicas depende do entendimento do jogo, não se tratando, portanto, de um problema sensorial ou meramente técnico, mas de uma questão que é, antes de tudo, conceptual.

O jogador aparece então como um ser pensante que segundo Garganta (2002) em um ponto de vista qualitativo, tem suas ações táticas distinguidas de todas as outras, pois faz seu apelo superior aos processos intelectuais. Del Rey *et al.* (1987), citado por Garganta (2002), afirma que “os indivíduos se diferem na sua habilidade para processar informação em função da sua perícia.”

A cognição é um conceito comum para designar todos os processos ou estruturas que se relacionam com a consciência e o conhecimento, entre eles, a percepção e o pensamento (DORSCH *et al.*, 2001 citado por MATIAS & GRECO, 2010)

Para Greco (1999) a cognição constitui-se por um conjunto de processos psicológicos (antecipação, percepção, atenção, tomada de decisão, entre outros) que condicionam a aquisição e o desenvolvimento do conhecimento técnico-tático, tanto declarativo quanto processual. (QUADRO 20).

QUADRO 20
Processos Cognitivos.

Processo	Definição
PERCEPÇÃO	A percepção é o processo de extração de informação do meio ambiente (Forgus, 1971). Morgan (1977), Marina (1995) e Laguna (2005) citam que a percepção permite dar significado as coisas e objetos, percebe-se a partir do que se sabe, assim a percepção está em interação com o conhecimento (Greco e Souza, 1999; Paula <i>et al.</i> , 1999). Barbanti (2003) compreende a percepção como processo pelo qual o indivíduo se torna consciente dos objetos e das relações no mundo circundante, na medida em que essa consciência depende dos processos sensoriais. Greco (1995, 2004, 2009a) divide a percepção em externa e interna. A <i>externa</i> diz respeito à percepção do espaço, forma, tamanho, distância da ação de um indivíduo, enquanto que a <i>interna</i> <i>abrange</i> a informação sobre a própria pessoa.
ATENÇÃO	A atenção é um estado intenso e seletivo da percepção (Samulski, 1992; 2002b; 2009b). No processo perceptivo, a atenção torna-se importante, pois quando se recebe vários estímulos do ambiente é preciso interpretá-los e compreendê-los, identificados como estímulos-sensórios. A atenção faz o "papel de filtro", para que somente uma pequena quantidade desses estímulos sensoriais torne-se evidente na percepção. A atenção, apoiada na experiência, focaliza o que se deseja perceber (Forgus, 1971; Marina, 1995; Paula, 2000). Konzag (1981) citado por Greco (1999) e Samulski (2002b) diferencia a atenção em concentrativa (ou concentrada), distributiva e capacidade de alternância da atenção. <i>Atenção concentrativa</i> compreende a focalização da atenção em um determinado objeto ou em uma ação. É a capacidade de dirigir conscientemente a atenção a um local específico no campo da percepção. <i>Atenção distributiva</i> é considerada a distribuição da concentração sobre vários objetos. A intensidade da atenção distributiva é menor em comparação com a atenção concentrativa, pois são observados simultaneamente vários objetos e ações. Por capacidade de <i>alternância da atenção</i> compreende-se a orientação rápida e adequada a situações complexas, por meio de uma boa adaptação da direção, da intensidade e do volume da atenção em função das exigências do meio ambiente. A alternância da atenção é regulada por comandos voluntários. Em muitas situações é preciso ter também a capacidade de manter um alto nível de concentração durante um longo período de tempo sem perder a intensidade da atenção.
ANTECIPAÇÃO	Greco (1999) define antecipação como um processo de perceber e avaliar. É a resposta que ocorre antes mesmo do estímulo, que normalmente seria responsável pelo início da resposta (Doron e Parot, 2002). Ela é baseada em experiências anteriores sendo refletida nas diferentes formas de manifestação humana (Greco, 1995). Nitsch (1986) citado por Samulski (2002a, 2009a) cita que uma pessoa pode antecipar intencionalmente os resultados de uma ação (as metas da ação), as consequências (efeitos da ação) e os valores da ação (sentido da ação), como também antecipar todo o transcurso da ação (aspecto instrumental).
MEMÓRIA	A memória é a capacidade de adquirir, conservar e restituir informações (Dorsch <i>et al.</i> , 2001; Doron e Parot, 2002). A memória se reflete no processo de armazenamento e recuperação de experiências. A memória não deve ser considerada como um armazém de informações, mas sim, como uma riquíssima fonte de operações e acontecimentos (Marina, 1995). Em função do tempo que separa a apresentação de uma informação da sua evocação, foram distinguidas (Doron e Parot, 2002): memória sensorial (ultra curto prazo), curto prazo e a memória de longo prazo. A <i>memória sensorial</i> é uma forma transitória de armazenamento entre os sentidos e a memória de curto prazo. É responsável por registrar uma grande quantidade de informações e por guardá-las em breve espaço de tempo, conserva as características físicas do estímulo durante menos de um segundo. As informações selecionadas pela memória sensorial são transferidas para o segundo estágio da memória, ou seja, para memória de curto prazo. A <i>memória de curto prazo</i> oferece um armazenamento temporário para as informações transferidas da memória sensorial. É o estágio da memória que apresenta uma retenção de informações em intervalos breves (aproximadamente 30 segundos) e uma capacidade limitada a ± 7 itens. A <i>memória de longo prazo</i> é, por fim, o terceiro estágio. O que a maioria das pessoas acredita ser a memória propriamente dita. É o armazenamento de longo prazo, o armazenamento para a vida toda (Hockenbury e Hockenbury, 2003). Na memória de longo prazo as informações são retidas de forma organizada (Glassman e Hadad, 2006). Segundo Marina (1995) a memória é essencial nos Jogos Esportivos Coletivos, pois é a chave de acesso das informações.
PENSAMENTO	Paula e colaboradores (1999) e Greco (1999; 2006a), apoiados em Sternberg (1997), citam a existência de dois tipos de pensamento: convergente e divergente. O <i>pensamento convergente</i> aplica-se quando o atleta procura resolver um problema com uma sequência definida e hierárquica de alternativas, quando é evidente a solução mais adequada. Já o <i>pensamento divergente</i> é empregado em situações que não apresentam uma clara hierarquia de ações, há várias soluções diferentes e possíveis. O pensamento convergente está ligado à inteligência do atleta e o pensamento divergente ligado à criatividade. Essas duas formas de pensamento não são excludentes, pelo contrário, relacionam-se entre si e uma oferece subsídios à outra.
INTELIGÊNCIA	A inteligência se define como uma capacidade mental que permite raciocinar, planejar, resolver problemas, pensar de maneira abstrata, compreender idéias complexas e aprender (Marina, 1995; Flores-Mendoza e Nascimento 2001; Colom, 2006). Sternberg (1997) afirma que a inteligência é constituída por três tipos de habilidades mentais: analítica, criativa e prática. A <i>inteligência analítica</i> se refere ao processo de aprendizagem na solução de problemas. É o processo de seleção de uma estratégia para solução de problemas e sua adequada aplicação. A <i>inteligência criativa</i> é a capacidade de se defrontar com situações novas e nestas usar o conhecimento e habilidades existentes. É a relação de uma informação nova com uma já existente ou armazenada. Já a <i>inteligência prática</i> seria a capacidade que o ser humano tem de se adaptar dependendo da situação e do meio onde se encontra, o significado dela é correspondente ao contexto cultural que se encontra o indivíduo.
TOMADA DE DECISÃO	A tomada de decisão supõe o processo de selecionar uma resposta em um ambiente de múltiplas respostas possíveis (Sanfey, 2007) e consiste em determinar as possibilidades de sucesso ao se analisar certos resultados entre diferentes possibilidades (Greco, 2006b). Quando se decide perceber ou não um sinal, através dos processos cognitivos, já se realiza uma tomada de decisão (Greco, 2006b). Greco (1995, 2006a, 2006b) cita que a tomada de decisão envolve processos cognitivos já mencionados: percepção, atenção, antecipação, memória, pensamento, inteligência e a própria tomada de decisão. A tomada de decisão no esporte, por parte do praticante, se solidifica pela efetuação de uma habilidade motora (Dantas e Manoel, 2005) e é relacionada ao contexto da situação (Greco, 2001; Raab, 2005; 2007).

FONTE: Matias & Greco 2010

Quando um atleta se defronta com problemas que exigem soluções num sistema de múltiplas referências, nos quais existem pressões e solicitações fisiológicas e funcionais, condicionam-se paralelamente também as suas funções psicológicas, especificamente os processos cognitivos.

Os processos cognitivos segundo Greco e Chagas (2002) se definem como desenvolvimento da interpretação e organização de informações na consciência, através de funções intelectuais, e a formação de conceitos para resolução do problema.

Para Bianco (1999) alguns desses processos não se apresentam de forma separada, mas como um todo de forma a se expressar em um ato motor específico, sinônimo de comportamento tático, (FIG. 15).



FIGURA 15: Modelo simplificado de processamento da informação (TEMPRADO & FAMOSE, 1993)
Fonte: Tavares, Greco & Garganta, 2006, p.287

Dessa forma, temos que cognição e ação estão intrinsecamente relacionados, representando “o que fazer” até o momento de “como fazer”, processos estes que se concretizam mediante a tomada de decisão e execução motora.

Segundo Greco (1999) psicologicamente falando, a ação é a menor unidade de estudo do comportamento humano orientada a um objetivo assim como influenciada pelas expectativas da pessoa sobre determinada situação. Para este autor, a somatória dos processos cognitivos nos permite adquirir os conhecimentos (declarativo e processual) necessários à execução da tarefa e resolução de problemas.

Segundo Marina (1995), citada por Greco (2006a) e Morales e Greco (2007), o conhecimento se origina nos processos de percepção e de pensamento, para ele, conhecer é sempre referir o novo ou desconhecido com o velho ou conhecido oportunizando assim, a aquisição e compreensão dos processos psíquicos.

Para Souza e Greco (1997) e Greco (2003), a aquisição do conhecimento tático se caracteriza pela capacidade do jogador de relacionar, de forma satisfatória, as suas próprias alternativas e planos de ação assim como do adversário, em uma situação de jogo, de forma a utiliza-los adequadamente para que se obtenha êxito.

Souza (1999) e Greco (2006b), afirmam que a aprendizagem dos conhecimentos táticos está diretamente relacionada ao domínio dos princípios táticos individuais e grupais. Matias & Greco (2009) colocam que o conhecimento tático do atleta não é um conhecimento geral mas sim um conhecimento que o atleta tem da própria modalidade.

Na psicologia cognitiva, o conhecimento distingue-se em duas formas de manifestação, o conhecimento declarativo (saber o que fazer) e o conhecimento processual (saber como fazer). (Paula, Greco e Souza, 2000; Greco 2003, 2006a, 2006b; Silva e Greco 2009; Tavares, Greco e Garganta 2006; Morales e Greco 2007;)

- Conhecimento declarativo: São os fatos que podem ser declarados, constituído de um corpo organizado de informações fatuais. Sua organização tem a forma de séries de fatos conectados e passíveis de descrição. Determina a possibilidade de escolha, constituída de um corpo organizado de informações fatuais (Exemplo: Data de Nascimento. Falar qual a melhor decisão: passar ou lançar); (GRECO, 2006 b)
- Conhecimento processual: Envolve algum grau de habilidade que aumenta em consequência da prática, até que o desempenho necessite de pouca atenção consciente, isto é, através do processo de ensino-aprendizagem, ocorra a automatização. A representação do conhecimento não declarativo resulta da experiência em executar um procedimento, uma ação. (GRECO, 2006a)

Segundo Greco (2006a) ambas as formas de conhecimento “CTD e CTP” interagem na procura de soluções ambientais. Sonnenschein (1987), citado por Greco (2006b), coloca como base para a realização de qualquer comportamento tático nos esportes, o conhecimento técnico e tático detidos pelo atleta. Este mesmo autor, formulou uma modelo teórico definindo os elementos constitutivos da ação tática a partir da estrutura do conhecimento técnico-tático.

Este modelo relaciona as capacidades cognitivas: percepção, tomada de decisão e a estrutura do conhecimento, (FIG. 16).

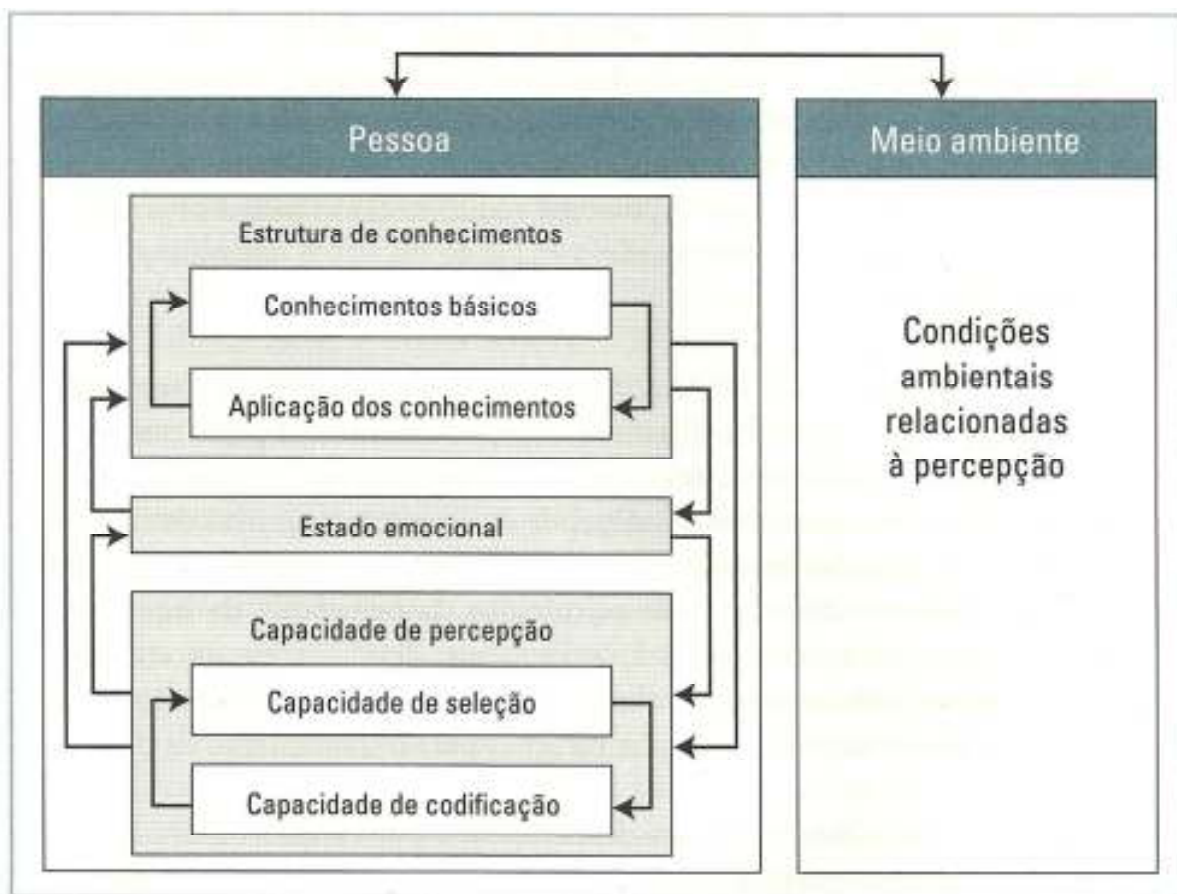


FIGURA 16 - O modelo do processo de percepção (SONNENSCHIN, 1987, p. 46).
Fonte: Samulski 2009

Como pode ser observado na figura, há uma interação entre a capacidade de seleção e a capacidade de codificação da informação e de sinais relevantes como inerentes a capacidade de percepção do atleta. Esta capacidade por sua vez

interage com a capacidade de decisão, a qual se baseia na capacidade de elaboração de planos de ação e a capacidade de execução dos mesmos. Ambas as capacidades, perceptiva e de decisão, se relaciona dependendo diretamente do conhecimento técnico-tático possuído pelo atleta.

Greco (2009) destaca que a tomada de decisão e um comportamento tático adequado, são aspectos indissociáveis.

Assim Greco (2006a e 2006b), propõe um modelo que relaciona o conhecimento (CTD e CTP) e os diferentes processos cognitivos que definem o comportamento tático, nomeando-o de modelo pendular (FIG.17).

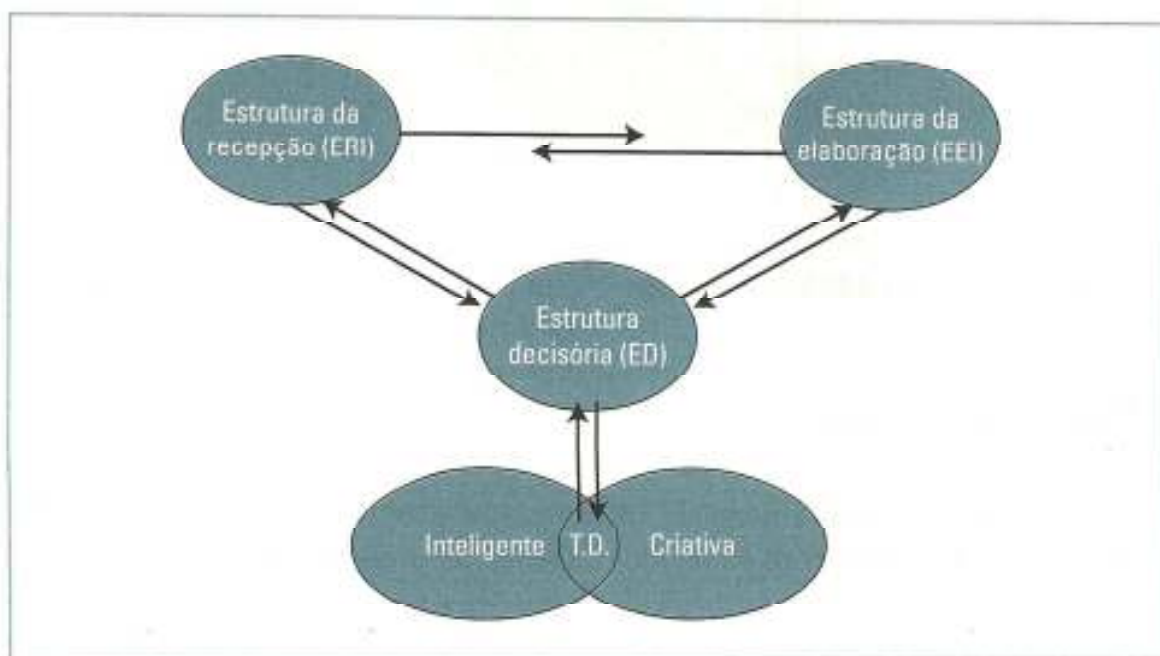


FIGURA 17: As três estruturas da tomada de decisão e suas interações.

Fonte: Samulski 2009 p.132

Greco 2009, afirma que para descrever um processo de tomada de decisão é importante se considerar, primeiramente, quais as estruturas e processos se relaciona com ela, além de saber qual a função que as possíveis estruturas realizam e como elas relacionam entre si.

Assim, temos no modelo pendular três estruturas que se interrelacionam: a de recepção, a de elaboração de informação e a estrutura de decisão, que segundo Greco (2009), interage de forma dinâmica e recíproca, com base no conhecimento técnico-tático do atleta.

Assim, a estrutura do conhecimento é composta pelo conhecimento declarativo e processual, os quais segundo Greco (2006), ao balançar para os lados pretende indicar que a recepção de informações e as decisões ocorrem de forma paralela, simultânea, durante a troca entre as estruturas perceptivas e de elaboração da informação; a estrutura da recepção é formada por três processos cognitivos: atenção, percepção e antecipação. A estrutura da elaboração de informações é constituída pelo pensamento convergente e divergente.

Forma-se uma rede de conexões paralelas, com trocas de informações que possibilitam ao indivíduo a partir do seu conhecimento organizar os sinais, codificá-los, relacionando o novo com o velho.

De acordo com a FIG. 18, temos que as estruturas de recepção e de elaboração de informação em relação com a estrutura do conhecimento oportunizam uma tomada de decisão que pode ser considerada inteligente e/ou criativa.

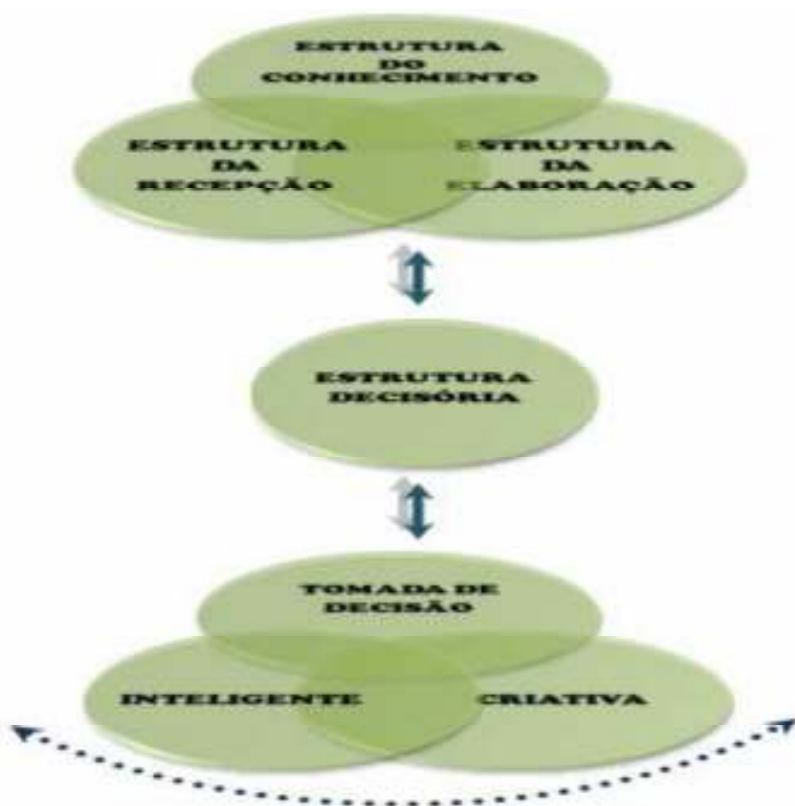


FIGURA 18: Modelo Pendular da tomada de decisão (Adaptado de GRECO, 2006a, 2006b, 2009 b)
Fonte: Matias & Greco 2010

Diretamente relacionada ao conhecimento técnico-tático, encontra-se a memória que segundo Greco (2003) é a estrutura da mente que se caracteriza por ser responsável pelo processo de armazenar informação em localizações e setores específicos do córtex. Para ele, esta capacidade permite ao indivíduo alterar e variar seu comportamento em função das experiências motoras.

Greco (2003) cita o modelo para memória de Atkinson e Shiffrin 1971, o qual é composto de três armazenadores: sensoriais, de curto prazo e de longo prazo.

A memória é então responsável por transcrever os fatos e situações que já aconteceram e os que estão acontecendo, utilizando para isso dois processos para recuperação da informação: a recordação e reconhecimento.

Recordação: envolve os processos de busca ou recuperação que são sucedidos por um processo de tomada de decisão. Trata-se de produzir uma informação que deve ser lembrada. (GRECO, 2003).

Reconhecimento: o indivíduo deve decidir entre as relações das informações que lhe apresentam, deve comparar, recordar se já as viu, as quais se assemelham, etc. (GARDNER, 1994 citado por GRECO 2003).

A memória compõe então a estrutura de processamento da informação, apresentada ao lado direito do movimento do pendulo. Esta estrutura é composta pela tríade dos processos memória-pensamento-inteligência.

Pensamento tático é o processo intelectual que ordena e sistematiza a procura de soluções na situação de competição (THIESS *et al.*, 1986 citado por GRECO, 1998)

O pensamento tático por sua vez, caracteriza, segundo Greco (1995), “a capacidade de o esportista relacionar em uma situação de competição as alternativas e os planos de ação próprios e dos adversários e utilizá-los em uma forma adequada para obter êxito”.

Greco (2006b) afirma que na psicologia cognitiva são consideradas duas formas de pensamento: convergente e divergente.

- Convergente: adquire significado quando as estratégias precisam levar a pessoa a encontrar uma solução ótima. É exigido para resolver um problema que tem uma resposta correta definida ou uma hierarquia clara de alternativas de solução (GRECO 2006b).

- Divergente: São processos de pensamento que envolvem a produção de diversas alternativas. (STERNBERG, 2000 citado por GRECO, 2006b).

Marina (1995), citado por Greco (2009a) define percepção afirmando que “a percepção permite dar significado as coisas e aos objetos”, isto é, por meio da percepção torna-se possível dar sentido, significado ao conhecimento preceptivo. Este mesmo autor, ainda destaca duas operações relacionadas à percepção:

- Identificação da informação, isto é, captação de um objeto em sua totalidade
- Reconhecimento de semelhanças e diferenças.

Na estruturas de recepção, a interação, a troca de informações entre os componentes percepção-atenção-antecipação é evidente, assim busca-se articular recepção, codificação, comparação, projeto e imaginação necessários à antecipação para que haja a transferência de informações que já se conhece, podendo prever e antecipar a partir do que se conhece.

Greco (2009a), afirma que um atleta só poderá corresponder às exigências do jogo quando tiver uma ampla e qualitativa experiência adquirida ao longo dos anos e, principalmente, a capacidade de perceber e processar os sinais relevantes da ação, de forma a poder regulá-la rapidamente.

Assim, no decorrer do jogo os atletas devem orientar suas ações em relação ao objetivo pretendido, devem ser capazes de perceber de diversas formas a situação do meio ambiente que os rodeia através do qual se relacionam.

Nos esportes, o processo de percepção deve ser considerado analisando-se dois aspectos que se inter-relacionam e se complementam (GRECO, 2009a):

- Percepção externa: Forma como as informações sobre o meio ambiente são percebidas.
- Percepção interna: Informação sobre o próprio indivíduo.

A percepção externa tem um papel muito importante, segundo este mesmo autor, nos JEC, apoiando-se na percepção visual, consistindo em perceber o espaço, a forma, o tamanho, a distância e a direção da ação.

Podendo ser classificada também em parâmetros variáveis e invariáveis, sendo o primeiro relacionado ao próprio movimento, ao colega, adversário e bola e o segundo aos elementos constantes a cada modalidade como como de jogo, regras, gol, arbitro, etc. (KONZAG & KONZAG, 1981, citado por GRECO 2003). (FIG. 19).

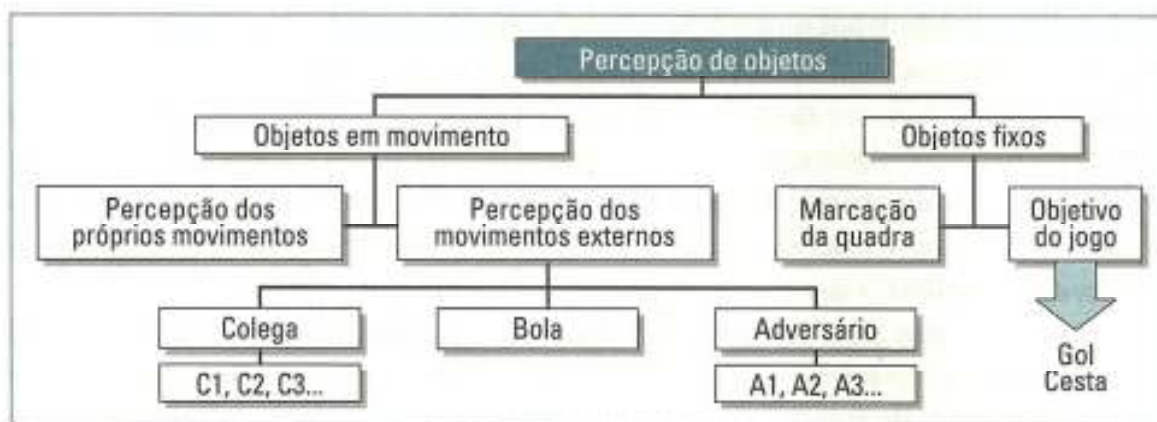


FIGURA 19: Percepção de objetos nos jogos esportivos (KONZAG & KONZAG, 1981, p.22)
Fonte: Adaptado por Samulski 2009.

Greco (2003) coloca que não existe percepção sem estímulo, mas o estímulo não determina por completo a percepção, Marina 1995, citado por este autor, existe um jogo denominado de “olhar inteligente” e é esse olhar que caracteriza o processo perceptivo, sendo que a percepção antecipa, previne, utiliza informação adquirida, reconhece e interpreta aproveitando com eficácia o conhecimento armazenado na memória.

Nos JEC, a busca de informações, o olhar inteligente caracteriza-se pela descoberta dos sinais relevantes, aqueles parâmetros que os peritos definem como importantes para elaborar com mais velocidade e qualidade as informações, e desta forma ter mais “tempo” para realizar a ação.

Quanto a tomada de decisão, para Greco (2006b), ela consiste em determinar as probabilidades de êxito que se tem quando se consideram certos resultados e se avaliam as alternativas relativas entre si.

Greco (2009b) coloca que os eixos de comunicação e de interação das estruturas inerentes à tomada de decisão apóiam-se no conhecimento técnico-tático que o atleta detém e que adquire no processo de ensino-aprendizagem-treinamento, no jogo, na competição, etc.

Segundo Greco (2006b) o processo decisório não é somente o momento final onde ocorre uma simples execução motora. Ele se apresenta em todas as estruturas e funções do modelo. Segundo Greco (2006a) quando se decide perceber ou não um sinal, através dos processos do pensamento já está se tomando uma decisão.

No modelo, observa-se que a tomada de decisão pode gerar um comportamento que pode ser inteligente e ou criativo, pois toda decisão criativa é um ato inteligente, uma vez que segundo Greco (2009b) os pré-requisitos da criatividade, do comportamento criativo, de acordo com Guilfor (1950) citado por este mesmo autor, são: a novidade, a adequação e a flexibilidade.

Marina (1995), citado por Greco (2009b), afirma que “o ser humano é captador inteligente de informação, e um fantástico criador de conhecimento”. Este mesmo autor coloca que a característica essencial da inteligência consiste na invenção e na promulgação dos fins.

Na tomada de decisão, vista pelo modelo pendular, não são descartadas as decisões que possam ocorrer via percepção-ação, nela resgata-se e realça-se a ideia formulada por Hofmann (1993), citado por Greco (2009b), do controle antecipatório do comportamento, a partir da influencia do conhecimento técnico-tático sobre a probabilidade e o cálculo das consequências das possíveis ações a serem concretizadas.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

Pesquisa do tipo pré-experimental, de delineamento com testes pré e pós-tratamento de um grupo. (THOMAS, NELSON E SILVERMAN, 2007).

3.2 Design da Pesquisa

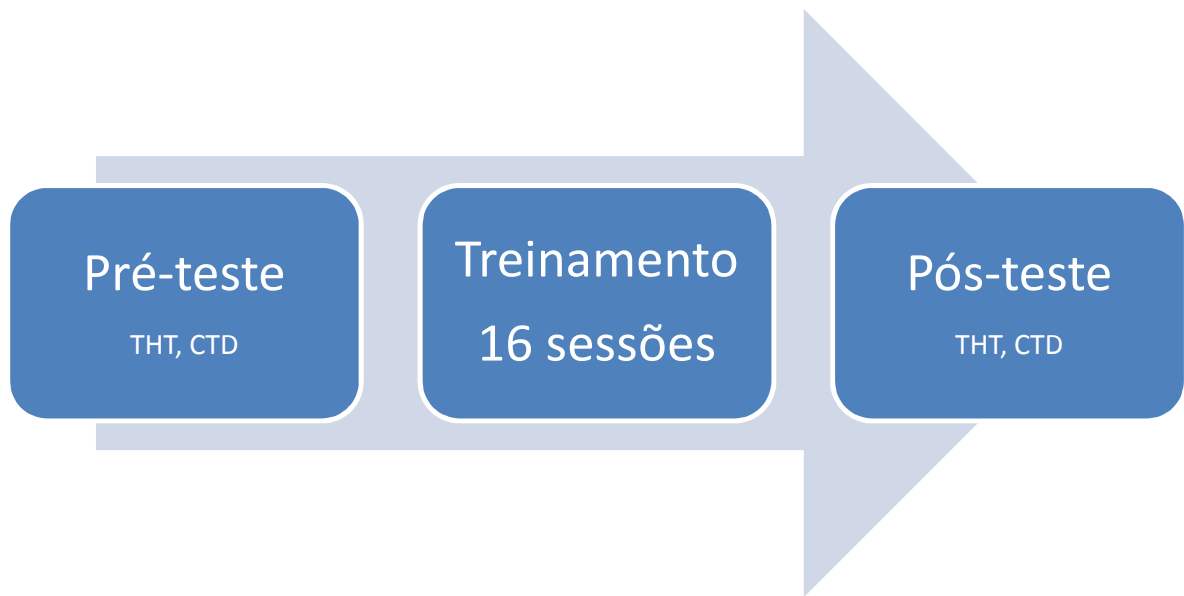


FIGURA 20: Desenho da Pesquisa

3.3 Amostra

Participaram deste estudo 20 alunas de uma turma de futsal feminino ($22,5 \pm 2,89$) da Universidade Federal de Minas Gerais.

3.4 Materiais e Métodos

O teste de conhecimento tático declarativo em futsal (TCTD:F), proposto por Souza (2002) e o teste de habilidades técnicas (THT), proposto por Greco (2002), foram utilizados para determinar o nível do CTD e o o nível das Habilidades Técnicas (HT) respectivamente.

Posteriormente foram realizadas 16 sessões de treinamento usando a proposta da Iniciação Esportiva Universal (GRECO & BENDA, 1998), durante 8 semanas, com uma frequência de duas vezes por semana e com uma duração de aproximadamente uma hora.

As sessões foram filmadas usando uma câmera Sony DCR-SR45 e categorizadas conforme o protocolo proposto por Stefanello (1999) adaptado para o futsal por Saad (2002) e dessa maneira controlar que o método IEU estava sendo desenvolvido adequadamente.

3.5 Procedimentos

A amostra será submetida a 16 sessões de treinamento, divididas em 8 semanas, duas vezes por semana. Cada sessão terá 1 hora de duração aproximadamente.

Serão aplicados pré-teste do TCTD e THT, em todas as voluntárias.

As sessões de treinamento serão filmadas, categorizadas e analisadas, com análise inter avaliador e intra-avaliador.

Foram realizadas 2 sessões de pré-teste, dividido em dois dias e a seguir 16 sessões de E-A-T. Ao termino dessas sessões foram realizados pós-testes, aplicados em um dia e em sequência a análise dos resultados com análise dos dados por meio de estatística descritiva.

3.6 Análise estatística

Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva (média, desvio padrão, mínimo e máximo, delta, variância e desvio padrão). O teste não paramétrico de Wilcoxon foi usado para determinar diferenças entre os escores do pré-teste e pós-teste nas variáveis CTD e habilidades técnicas. O nível de significância de 0,05 foi assumido em todos os casos.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Apresentação da categorização das sessões de treinamento



FIGURA 21: Categorização das sessões de treinamento

Observa-se na (FIG. 21) que os conteúdos abordados foram estruturados conforme as propostas IEU (GRECO & BENDA, 1998) e EB (KRÖGER & ROTH, 2002), dando uma maior ênfase à utilização dos jogos para o desenvolvimento da inteligência e da criatividade tática (JDICT) e das estruturas funcionais (EF). O tempo destinado nos JDICT foi de 17688 segundos e para as EF foi de 16501 segundos. O restante do tempo foi destinado para o trabalho das habilidades técnicas (8407 segundos), das capacidades táticas (9586 segundos) e das capacidades coordenativas (7710 segundos).

4.2 Nível de desenvolvimento das habilidades técnicas

A TAB. 3 descreve os valores obtidos pelas participantes na bateria THT (média, mediana e desvio padrão).

TABELA 3
Análise descritiva do teste de Habilidades Técnicas (THT)

		THT					
Prova		Pré-teste			Pós-teste		
		Média	Mediana	Desvio Padrão	Média	Mediana	Desvio Padrão
Precisão - Acertar o alvo	Mão Dominante	89,2857	100,0000	12,87731	91,6667	100,0000	12,07615
	Mão não Dominante	79,7619	75,0000	15,03963	85,7143	100,0000	16,90309
	Pé Dominante	53,5714	50,0000	25,35463	60,7143	50,0000	26,89264
	Pé não Dominante*	19,0476	0,0000	27,27724	39,2857	25,0000	31,19638
Equilíbrio-Precisão	Mão Dominante	14,4762	15,0000	2,83935	14,7619	15,0000	2,52794
	Mão não Dominante	13,0000	14,0000	2,68328	13,4286	14,0000	2,18109
Condução de Bola	Mão Dominante	1015,0476	987,0000	140,07943	1005,333	987,0000	98,6191
	Mão não Dominante	1097,3333	1063,0000	142,27169	1105,0000	1048,0000	222,62727
	Pé Dominante*	1316,5238	1205,0000	311,62343	1198,286	1153,0000	233,2422
	Pé não Dominante	1408,4286	1365,0000	313,85914	1302,8571	1235,0000	256,58377
Coordenação-Espaço-Tempo		2266,0952	2253,0000	308,28703	2227,8571	2242,0000	221,49499
Lança, Recebe e Dribla		3353,381	3300,0000	414,15534	3422,2381	3401,0000	475,73153

* Teste não paramétrico de Wilcoxon $p \leq 0,05$.

O teste não paramétrico de Wilcoxon confirmou diferenças significativas entre os escores do pré-teste e do pós-teste nas provas, acertar o alvo com o pé não dominante ($Z = -2,194$ e $p = 0,028$) e condução de bola com pé dominante ($Z = -2,138$ e $p = 0,033$).

A partir dos resultados obtidos, acredita-se que a diferença ocorrida no teste de acertar o alvo com o pé não dominante, se deva a pouco ou nenhuma experiência motora das alunas com a modalidade futsal e exercitação do pé não dominante seja o fator que exerce maior influência nos resultados, uma vez que nas sessões de treinamento foram realizados exercícios para o desenvolvimento da ambidestria.

Em contra-partida, para se justificar a melhora no pé dominante, infere-se que devido a dificuldade de condução com o pé não dominante, houve uma preferência na utilização do pé dominante durante as sessões de treinamento, o que poderia justificar uma melhora em apenas um dos membros.

Nas outras provas, não houve diferença significativa. Acredita-se que a pequena quantidade de sessões de treinamento e o pouco tempo de prática com a mão, tenham sido fatores determinantes para o resultado obtido.

TABELA 4

Análise em percentil dos valores agrupados do pré-teste no Teste de Habilidades Técnicas (THT)

THT		Pré-teste											
Prova	Percentil	Frequência de pontuação						Frequência de participantes					
		25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100
Acerto o Alvo	Mão dominante	75,0000	75,0000	100,0000	100,0000	9		12		39,1		52,2	
	Mão não dominante	75,0000	75,0000	100,0000	100,0000	15		6		65,2		26,1	
	Pé dominante	25,0000	50,0000	75,0000	100,0000	6	6	8	1	26,1	26,1	34,8	4,3
	Pé não dominante	0,0000	0,0000	25,0000	75,0000	12		5	4	52,2	21,7	17,4	
Equilíbrio e Precisão	Mão dominante	12,5000	15,0000	16,0000	20,0000	5	10	3	3	21,7	43,5	13	13
	Mão não dominante	11,5000	14,0000	15,0000	17,0000	5	9	4	3	21,7	39,1	17,4	13
Condução de bola	Mão dominante	899,0000	987,0000	1088,0000	1282,0000	5	6	5	5	21,7	26,1	21,7	21,7
	Mão não dominante	1025,5000	1063,0000	1193,0000	1483,0000	5	5	4	6	21,7	21,5	17,4	26,1
	Pé dominante	1114,0000	1205,0000	1442,0000	2314,0000	5	6	5	5	21,7	26,1	21,7	21,7
	Pé não dominante	1175,5000	1365,0000	1571,5000	2376,0000	5	6	5	5	21,7	26,1	21,7	21,7
Coordenação Espaço-Tempo		2006,5000	2253,0000	2434,5000	3003,0000	5	6	5	5	21,7	26,1	21,7	21,7
Lança, Recebe e Dribla		3082,5000	3300,0000	3682,0000	4735,0000	5	6	5	5	21,7	26,1	21,7	21,7

TABELA 5
Análise em Percentil dos valores agrupados do pós-teste no Teste de Habilidades Técnicas (THT).

THT													
Pós-teste													
Prova	Percentil	Frequência de pontuação				Frequência de participantes				Percentual de participantes			
		25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100
Acerte o Alvo	Mão dominante	75,0000	75,0000	100,0000	100,0000	7		14		30,4		60,9	
	Mão não dominante	75,0000	100,0000	100,0000	100,0000	10		11		43,5		47,8	
	Pé dominante	50,0000	50,0000	75,0000	100,0000	11		7	3	47,8		30,4	13
	Pé não dominante	12,5000	25,0000	75,0000	100,0000	5	6	9	1	21,7	26,1	39,2	4,3
Equilíbrio e Precisão	Mão dominante	13,5000	15,0000	16,0000	19,0000	5	8	4	4	21,7	34,8	17,4	17,4
	Mão não dominante	12,5000	14,0000	15,0000	17,0000	5	10	3	3	21,7	43,5	13	13
Condução de bola	Mão dominante	929,0000	987,0000	1053,0000	1202,0000	5	6	5	5	21,7	26,1	21,7	21,7
	Mão não dominante	963,0000	1048,0000	1176,5000	1837,0000	5	6	5	5	21,7	26,1	21,7	21,7
	Pé dominante	1051,5000	1153,0000	1296,5000	2069,0000	4	6	5	5	17,2	26,1	21,7	21,7
	Pé não dominante	1109,0000	1235,0000	1469,5000	1792,0000	5	5	4	6	21,7	21,7	17,4	26,1
Coordenação Espaço-Tempo		2082,5000	2242,0000	2420,0000	2562,0000	5	6	5	5	21,7	26,1	21,7	21,7
Lança, Recebe e Dribla		3094,0000	3401,0000	3743,5000	4152,0000	5	6	5	5	21,7	26,1	21,7	21,7

Ao analisar as (TAB. 4 e 5), pode-se observar que no teste de Acertar o Alvo, utilizando tanto mãos como pés, dominantes ou não dominantes, apesar de apenas o teste com pés não dominantes apresentar diferença significativa, houve uma evolução e uma tendência a homogeneização da amostra, assim como o teste de Equilíbrio-Precisão com as mãos dominantes. Entretanto Backes (2009) em seu estudo, encontra que houve apenas modificações no teste de Acertar o Alvo com a mão dominante, uma queda com a mão não dominante, mas com os pés, este estudo corrobora com o estudo deste autor.

Os outros testes como observaram na tabela, tiveram pequenas modificações entre pré e pós-teste.

4.3 Apresentação dos dados do TCTD

Na TAB. 6 observa-se a descrição dos valores obtidos pelas participantes no teste de CTD (média, mediana e desvio padrão).

TABELA 6
Análise descritiva dos resultados obtidos no Teste de Conhecimento Tático Declarativo.

TCTD			
Testes	Média	Mediana	Desvio Padrão
Pre-teste	149,8150	154,5000	49,39720
Pos-teste	216,9850*	224,5000*	41,14756

* Teste não paramétrico de Wilcoxon $p \leq 0,05$

O teste não paramétrico de Wilcoxon confirmou diferenças significativas do pré-teste para o pós-teste nos escores do teste do CTD ($Z = -3,752$ e $p = 0,000$). Os resultados confirmam que o método de E-A-T aplicado foi eficiente para melhora do conhecimento declarativo do jogo de futsal. Acredita-se que tal fato tenha ocorrido pela ênfase dada aos aspectos táticos cognitivos nas sessões de

treinamento. O que corrobora com os estudos de Giacomini (2007) que ao analisar o CTD, de jogadores relacionados a sua posição em quadra, encontrou que jogadores de meio campo e atacantes possuem maior nível, assim como jogadores que jogam nas laterais obtiveram os piores resultados. Este autor justifica o resultado devido às cenas apresentadas e pelo espaço de atuação de cada jogador, tendo o meia que resolver constantemente problemas tendo que tomar decisões difíceis, já o lateral tem o limite do campo que o restringe de criar outras alternativas.

Na TAB. 7, pode-se observar os resultados do teste agrupando os participantes em relação aos valores obtidos no teste.

TABELA 7
Análise em percentil, dos valores agrupados, do Teste de Conhecimento Tático Declarativo

TCTD					
Percentil	25	50	75	100	Testes
Frequencia de pontos	112	154,5	183,2	265,5	Pré-teste
	186,2	224,5	249,5	275,8	Pós-teste
Frequencia de participantes	5	5	5	5	Pré-teste
	5	5	5	5	Pós-teste
Percentual de participantes	25	25	25	25	Pre-teste
	25	25	25	25	Pós-teste

Apesar de ser uma turma heterogenia. Observou-se uma tendência a homogeneização da turma diminuindo a variância entre pré-teste (153,5 pontos) e pós-teste (89,6 pontos), comparando a pontuação do percentil 25 com a pontuação do percentil 100. Acredita-se que esta homogeneização não ocorreu completamente devido ao tempo de treinamento não ter sido suficiente. Estudos como de Giacomini (2007), Vilela (2009) e Matias (2009), concluem que o tempo de prática é de

fundamental importância para o desenvolvimento do conhecimento tático declarativo, assim se submetidas a um tempo maior de treinamento, acredita-se, que as mesmas obteriam pontuações maiores e obtendo também uma maior homogeneização da turma.

CONCLUSÃO

Este estudo analisou e descreveu a metodologia de ensino-aprendizagem-treinamento utilizada nas aulas da disciplina futsal feminino, vinculada ao Projeto Segundo Tempo universitário. Além disso, procurou relacionar esse método com o desenvolvimento do conhecimento tático declarativo e com as habilidades técnicas.

Verificou-se que o método utilizado, dá ênfase na aplicação de jogos para desenvolver a inteligência e na aplicação de estruturas funcionais, priorizando o aprendizado de forma incidental.

Concluiu-se a partir do teste de conhecimento tático declarativo, baseado em filmagem, que a metodologia aplicada foi eficiente para o desenvolvimento deste parâmetro. Lima (2008) em seu estudo, submete dois grupos GE1 E GE2, a 15 sessões de treinamento do método situacional e tradicional e do método tradicional seguido do situacional respectivamente. Encontrou então o seguinte resultado: No GE1, verificou-se um aumento gradativo do conhecimento passando de 94,8 no pré-teste para 96,4 no pós-teste 1 após ser submetido ao método de E-A-T situacional, para 99,4 no pós-teste 2 após o método tradicional. O GE2 possuiu um perfil diferente, obtendo uma média de 83,3 pontos no pré-teste e, após ser submetida ao tratamento experimental X2 (método tradicional), obteve uma média de 78,9, já após o tratamento experimental X1 (método situacional), conseguiu um resultado de 95,9 pontos em média. Sendo, com relação à experiência prévia na prática de voleibol, o tempo de prática nessa modalidade é maior para o GE2 em comparação com o GE1. Este resultado infere que o método de E-A-T situacional parece ser mais eficiente para o desenvolvimento o conhecimento tático declarativo, reforçando os resultados encontrados neste estudo.

No teste de conhecimento tático declarativo, a amostra demonstrou um comportamento heterogêneo, entretanto houve uma tendência a homogeneização da turma. Acredita-se que com mais sessões de treinamento conseguiríamos uma turma mais homogenia. Entretanto, seria necessária a realização de outro estudo, com maior número de sessões de treinamento para confirmação desta hipótese.

Com relação as habilidades técnicas, em apenas dois testes, obteve-se

uma melhora significativa. Em nenhum dos testes realizados com a mão, a metodologia de treinamento foi eficiente para provocar melhoras significativas, o que nos levou a inferir que devido a especificidade da modalidade ser com os pés, a prática realizada com a mão não foi suficiente para promover os ganhos. Entretanto, a amostra também demonstrou uma tendência a homogeneização

Nos testes de precisão com pé não dominante e no teste de condução com o pé dominante, a metodologia de ensino aplicada foi suficiente para melhora. Acreditamos que estes resultados procederam pelo nível de experiência motora muito pequena com os pés e do tempo de prática executado com eles. Já nos exercícios de habilidade técnica e capacidades coordenativas optou-se por treinar a ambidestria das alunas.

Considera-se então que o método não foi eficiente para o desenvolvimento das habilidades técnicas, uma vez que em apenas dois dos testes obtemos diferença significativa. Acredita-se que o número de sessões de treinamento não tenha sido suficiente para se obter melhora neste parâmetro, assim aconselha-se que outros estudos sejam feitos para que se comprove esta hipótese.

É importante deixar claro que os resultados encontrados neste estudo não podem ser generalizados a outra faixa etária, gênero e método de ensino-aprendizagem-treinamento, uma vez que só diz respeito ao grupo analisado.

REFERENCIAS

ÁLVAREZ, J. C. B. El entrenamiento de los deportes de equipo basados em estudios biomecanicos (análisis cinemático) y fisiologicos (frecuencia cardíaca) de la competicion. **Lecturas:** educacion física y deportes revista digital, Buenos Aires, v. 11, 1998.

ÁLVAREZ, J. C. B; VERA, J. G.; HERMOSO, V. M. Análisis de la frecuencia cardíaca durante la competición em jugadores profesionales de fútbol sala. **Apuntes de Educación Física y Deportes**, v. 77, p. 71-78, 2004.

AMARAL, R.; GARGANTA, J. A modelação do jogo em futsal. Análise sequencial do 1x1 no processo ofensivo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.5, n.3, p. 298-310, 2005.

ANDRADE JUNIOR, J.R. **O jogo de futsal técnico e tático na teoria e na prática**. Curitiba: Expoente, 1999.

ARAÚJO, T.L. *et al.* Demanda fisiológica durante o jogo de futebol de salão, através da distância percorrida. **Revista da Associação dos professores de Educação Física de Londrina**, Londrina, v. 11, n. 19, p. 12-20, 1996.

ARJONES, L. F. R. **Análise do método tradicional e do método sistêmico na iniciação ao futsal**. Monografia apresentada ao Departamento de Esporte da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Esporte. São Paulo, 2008.

ATKINSON, R.C.; SCHIFFRIN, R.M. Human memory: a proposed system and its control processes. In: KENNETH, W.S.; SPENCE, J.T. (Eds.) **The psychology of learning and motivation: advances in research and theory**. New York: Academic Press, 1971. v. 2.

BACKES, R. M. **Efeitos de um processo de ensino nas habilidades técnicas no futsal**. 2009. 65f. Monografia (Especialização em Treinamento Esportivo Sequencial) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

BARBERO, J. C. Análisis cuantitativo de la dimensión temporal durante la competición em fútbol sala. **Revista Motricidad**. European Journal of Human Moviment, v.10, p.143-163, 2003.

BARBIERE, F. A. *et al.* Análise cinemática da velocidade da bola e do desempenho dos chutes com a bola parada e em deslocamento realizados com o membro dominante e não dominante no futsal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA, V e SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, XI, 2007, Rio Claro. **Motriz** (suplemento). Rio Claro: Motriz, 2007. v. 13. p. S160-S160.

BARROS, L. F. N. P. **Limiar de Lactato em teste de quadra**: validade em jogadores de futsal. 2006. 80f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

BAYER, C. **La enseñanza de los juegos deportivos colectivos**. Barcelona: Editora Hispano-Europea, 1986.

BIANCO, M. A. **Importancia da Capacidade Cognitiva no Comportamento Tático dos Esportes Coletivos**: uma Abordagem no Basquetebol. Brasília: Publicações INDESP. 1999.

BRAZ, J. G. **Organização do Jogo e do Treino em Futsal**: Estudo comparativo acerca das concepções de treinadores de equipas de rendimento superior de Portugal, Espanha e Brasil. Dissertação (Mestrado) - Ciência do Desporto na área de especialização de treino de alto rendimento desportivo. Porto, 2006.

CAMPOS, L. N. L. **Descrição dos passos para construção de um teste de conhecimento tático declarativo no basquetebol**. 2009. 50f. Monografia apresentada para obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: CBFS: <http://www.futsaldobrasil.com.br/2009/>. Acesso em: 02 maio 2010. Disponível em: CBFS: <http://www.futsaldobrasil.com.br/2009/cbfs/regras.php#tab1/>. Acesso em: 09 maio 2010.

DEL REY, P.; WUGHALTER, E.; CARNES, M. Level of expertise, interpolated activity and contextual interference effects on memory and transfer". **Perceptual and Motor Skills**, v.54, p. 467- 76, 1987.

DELEPLACE, R. Logique du jeu et conséquences sur l'entraînement a la tactique. Conférence. In: **COLLOQUE DES SPORTS COLLECTIFS**. Paris: INSEP. 1994.

DORSCH, F.; HÄCKER, H.; STAPF, K.H. **Dicionário de Psicologia Dorsch**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FERNANDEZ, E.E. **De la técnica individual a los sistemas de juego pasando por la táctica colectiva**. Valladolid. Espanha. Comunicación técnica 128. Federacion Española de Balomano. Año XVII. V. 10. 1990.

FERREIRA, R. L. **Futsal e a Iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

FERREIRA, P. **Caracterização da finalização em equipes de futsal**. [s.d]. Disponível em: <http://www.profutsal.com.br/estudos.php/>. Acesso em: 24 jul. 2010.

FERREIRA, W. G. **Comparação entre o método tradicional e o método escola da bola no treinamento de futsal em crianças de 08 a 10 anos**. 2005. 80f. Monografia (Especialização em Treinamento Esportivo). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.

FILHO, E. F.; PEREIRA, F. S. Motivos para a prática de futsal: um estudo comparativo entre gêneros. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M.; GRECO, P.J. (Org.). **Temas Atuais IV**. Belo Horizonte: Editora Health, 1999. p. 185 – 205.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho?” Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. De História**, São Paulo, v. 25, n. 50, jul.-dez., 2005.

FREITAS, L.L. Gênero e futebol feminino: preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da educação física. In: **Reunião da ANDEP**, 27^a, 2004. Disponível em: [http:// www.andep.org.br](http://www.andep.org.br). Acesso em: 15 jun. 2010.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Editora, 1994.

_____.; PINTO, J. O Ensino do Futebol. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). **O Ensino dos Jogos Desportivos**. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física – Universidade do Porto, 1994. p. 97-137.

_____. A formação estratégico – tática nos jogos desportivos de oposição e cooperação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para crianças e jovens**. Razões e finalidades. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004. p. 217-233.

_____.; PINTO, J. O ensino do futebol. In: GRAÇA, A. & OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: FCDEF, 1998. p. 95-135.

_____. Para um teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A. & OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: FCDEF, 1998. p. 11-25.

_____. O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos. In: _____. (Ed.) **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Porto: Universidade do porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 2000. p. 51-61.

_____. O treino da tática e da técnica nos jogos esportivos a luz do compromisso cognição-acção. In: BARBANTI, J.; BENTO, J.; MARQUES, A.; AMADIO, A. (Org.). **Esporte e Atividade Física**. Interação entre Rendimento e Qualidade de Vida. São Paulo: Manole, 2002. p. 281-382.

GIACOMINI, D. S. **Conhecimento Tático Declarativo e Processual no Futebol: Estudo Comparativo entre Jogadores de Diferentes Categorias e Posições**. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Treinamento Esportivo) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

GIOSTRI, P. G. **Categorização das sessões de ensino-aprendizagem-treinamento de uma equipe de handebol**. 2009. 61 f. Monografia de obtenção do título de licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

GONÇALVES, M. L. **O gênero feminino e o mundo esportivo**. 2009. 46 f. Monografia de Graduação para obtenção do título de licenciatura plena em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

GRAÇA, A. & OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: FCDEF, 1998. p. 95-135.

GRECO, P. J. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos**: aplicação no handebol. 1995. 224. f. Tese (Doutorado em Educação Psicologia Educacional) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

_____. (Org.) **Iniciação Esportiva Universal 2**: Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 1998. 307 p.

_____. Cognição e Ação. *In*: SAMULSKI, D. (Ed.) **Novos Conceitos em Treinamento Esportivo**. Belo Horizonte: CENESP, UFMG, 1999. p. 119-153.

_____. Metodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. *In*: GARCIA, E. S.; MOREIRA, K. L. **Temas Atuais VI**. Belo Horizonte: Health. 2001. p. 48-72

_____. O ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes coletivos: Uma análise inter e transdisciplinar. *In*: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. (Org.). **Temas Atuais VII**. Belo Horizonte: Health, 2002. p. 53-78.

_____. Processos cognitivos: dependência e interação nos jogos esportivos coletivos. *In*: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. (Org.). **Temas Atuais VIII**. Belo Horizonte: Health, 2003. p. 41-59

_____. Iniciação Esportiva Universal e Escola da Bola: Uma integração das duas propostas. *In*: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. (Org.). **Temas Atuais X**. Belo Horizonte: Health, 2005. p. 33-62.

_____. Conhecimento tático-técnico: eixo pendular da ação tática (criativa) nos jogos esportivos coletivos. **Rev. Bras. Ed. Fis. Esporte**, v. 20, n. 5, p. 210-212, 2006a.

_____. Conhecimento tático-técnico: modelo pendular do comportamento e da ação nos esportes coletivos. **Rev. Bras. Psicol. Esporte Exercício**, v. 0, n.1,p. 107-129, 2006b.

_____. Percepção. *In*: SAMULSKI, M.D. (Ed.). **Psicologia do Esporte**: conceitos e novas perspectivas. Barueri: Editora Manole, p. 57-84, 2009a.

_____. Tomada de Decisão. *Em*: SAMULSKI, M.D. (Ed.). **Psicologia do Esporte**: conceitos e novas perspectivas. Barueri: Editora Manole, p. 107-142, 2009b.

_____.; BENDA, R. N. (Org.) **Iniciação Esportiva Universal** : da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 1998. 230 p. v.1

GRECO, P.J.; CHAGAS, H.M. Considerações teóricas da tática nos jogos desportivos coletivos. **Rev. Paulista Ed. Fís.**, v. 6 (jul/dez), p.47-58, 1992

_____, SOUZA, P.R.C. Desenvolvimento da capacidade tática no futsal. In: GRECO, P.J.: *et al.* (Org.). **Temas Atuais II**; Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health, p.23-42, 1997.

GRÉHAIGNE, J. F. **Football de Mouvement**. Vers une aprouche systématique du jeu. Thèse de doctorat en Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives. Université de Bourgogne: UFR-STAPS, 1989.

GROSSER, M.; NEUMAIER, A. **Techniktraining**. BLV. Sportwissen Munchen. R. F. Alemanha, 1982.

GUILFORD, J. P. Creativity. **American Psychologist**, n. 5, p. 444-454, 1950.

HOFFMANN, J. **Vorhersage und Erkenntnis**. Göttingen: Hogrefe. R.F. Alemanha, 1993.

HOPKINS, W. G. Quantification of training in competitive sports. Methods and Applications. **Sports Medicine**, Auckland, v. 31, n. 5, p. 315-320, 2001.

IROKAWA, G. N. F. *et al.* Caracterização das circunstâncias e setores de finalização do jogo de futsal: um estudo da fase final da copa do mundo de futsal-FIFA 2008. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 15 - N° 144 - Mayo de 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 25 jun. 2010.

KESSLER, C. S. **Elas estão com a bola toda?** Uma visão sobre a prática do futsal feminino em Santa Maria-RS. Fazendo gênero 8 – Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, 25 a 28 ago. 2008.

_____; ZANINI, M. C. O uso do corpo e um breve panorama sobre o futsal feminino em Santa Maria – RS. **Educação Física em Revista**., v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/viewpdfinterstitial/887/810/> Acesso em: 20 jun. 2010.

KONZAG, G., KONZAG, I. Anforderungen an die kognitiven Funktionen in der psychischer Regulation sportlicher Spielhandlungen. **Theorie und Praxis der Körperkultur**, ano 31, p. 20-31, 1981.

KONZAG, I. A formação técnico-tática nos jogos desportivos. **Futebol em Revista**, n. 14, Set., p.41-45, 1985.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da Bola**: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo: Phorte, 2002. 208 p.

LIMA, C. O. V. **Desenvolvimento do conhecimento tático declarativo e processual no processo de ensino-aprendizagem-treinamento do voleibol escolar**. 2008. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Ciências do Esporte) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MARINA, J.A. **Teoria da Inteligência Criadora**. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

MARTIN – SILVA, L.; COELHO, D.; BRINER, M.; CONDESSA, L.A.; MORTIMER, L. A. C. F.; ARAÚJO – FERREIRA, A. P.; SILAME-GARCIA, E. Intensidade de jogos oficiais de futsal feminino. **Revista Mineira de Educação Física**, v. edição especial, n. 2, p. 519-527, 2005.

MATIAS, C. J. A. S. **O conhecimento tático declarativo e a distribuição de jogo do levantador de voleibol: da formação ao alto nível**. 2009. 260f. Dissertação (Mestrado em Educação Física: Ciências do Esporte) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

_____. GRECO, P. J. Desenvolvimento e validação do teste de conhecimento tático declarativo para o levantador de voleibol. **Arquivos em Movimento**, v. 5, p. 61 - 80, 2009.

_____. GRECO, P. J. Cognição e Ação nos Jogos Esportivos Coletivos. **Ciências & Cognição** (UFRJ). , v.15, p.252 - 271, 2010.

MEDINA, J.A. *et al.* Necesidades cardiovasculares y metabólicas del fútbol sala: análisis de la competición. **Apunts de Educación Física y Deportes**, v. 67, p. 45-51, 2002.

MESQUITA, I. Proposta Metodológica. In: GRAÇA, A. & OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: FCDEF, 1998. p. 153-199.

MOLINA, R. **Lactato sanguíneo em partida de futsal: relações com o condicionamento físico e com o desempenho**. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1996.

MORALES, J. C. P.; GRECO, P. J. A influência de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento no basquetebol sobre o nível de conhecimento tático processual. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, p. 291-299, 2007.

MOREIRA, V. J. P.: **A influência de processos metodológicos de ensino – aprendizagem – treinamento (E-A-T) na aquisição do conhecimento tático no futsal**. 2005. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Treinamento Esportivo). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.

MORENO, J.H. **Análisis de las estructuras del juego deportivo**. Barcelona: INDE Publicaciones. 1994. 184p.

MORENO, J. H. Análisis de los parámetros espacio y tiempo en el fútbol sala. La distancia recorrida, el ritmo y dirección del desplazamiento del jugador durante un encuentro de competición: Los casos de J. Gay (defensa), C. Marrero (cierre), J. Beto (pivote), J. Limones (ala) y J. Clavería (portero). **Apunts Educación Física y Deportes**, v. 65, p. 32-44, 2001.

MOUTINHO, C. A estrutura funcional do Voleibol. In: GRAÇA, A. & OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: FCDEF, 1998. p. 137-152.

MUTTI, D. **Futsal: da Iniciação ao Alto Nível**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2003.

PALERBAS, P. **Contribution à um Léxique Commenté em Science de l'acion motrice**. Paris: INSEP, 1981. 317p.

PASSARO, E. S. **Desenvolvimento das capacidades coordenativas como base do aprendiz da técnica em iniciantes em futsal**. Monografia apresentada ao Centro Universitário Claretiano para obtenção do título de graduado em Educação Física. Batatais, 2005.

PAULA, F. A. P.; GRECO, P. J.; SOUZA, P. R. C. Táticas e processos cognitivos subjacentes a tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos. In: Emerson Silami Garcia; Kátia Lemos Moreira. **Temas Atuais V**. Belo Horizonte: Health. 2000. p. 11 - 27.

PEDAGOGIA DO FUTSAL. Disponível em: <http://www.pedagogiadofutsal.com.br/habilidade04.asp>. Acesso em: 23 jun. 2010.

QUEIROZ, C. M. Para uma teoria do ensino/treino futebol. **Ludens**, v.8, n. 1, p. 25-44, 1983.

RIGO, L. C.; GUIDOTTI, L. Z. T.; AMARAL, M. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, maio 2008.

RODRIGUES, V. M.: **Intensidade de jogos oficiais de futebol. 2008**. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Ciências do Esporte). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ROTH, K. Wie verbessert man die koordinativen Fähigkeiten? In: Bielefelder Sportpädagogen (Hrsg.), **Methoden im Sportunterricht** (S. 84-101). Schorndorf: Hofmann. 1998.

SAAD, M. A. **Futsal: iniciação, técnica, tática: sugestões para organizar sua equipe: incluindo as novas regras e mais 40 jogadas ensaiadas**. Santa Maria: MaS Editor, 2000.

SAAD, M. A. **Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do Futsal**. 2002. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Teoria e Prática pedagógica em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desporto, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

SAAD, M. A. **Futsal: iniciação técnica e tática: sugestões para organizar sua equipe**. 2. ed. Santa Maria: MaS Editor, 1997.

SAMULSKI, D.M. **Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas**. Barueri: Editora Manole, 2009.

SANCHES,V. C.; BORIM, J. M. **Historia e evolução do futsal feminino no Brasil e no Paraná**. Disponível em: http://www2.unopar.br/unopar/sites/futsalfeminino/.../historia_futsal.pdf . Acesso em: 20 abr. 2010.

SANCHEZ, J.S.; *et al*. La resistência a la velocidad como factor condicionante del rendimiento del futbolista. **Apunts de Educació Física y Desportes**, Catalunya, p. 47-60, 2005.

SANTANA, W. C. **O modelo estratégico-tático do jogo de futsal na ótica de técnicas de sucesso e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem-treinamento de jogadores jovens**. 2006. Projeto de Qualificação (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, 2006.

_____. **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização**. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. ; GARCIA,O. (2007). A incidência do contra-ataque em jovens de futsal de alto rendimento. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 1, p.153-62. Disponível em: <http://revistas.ufg.br/>. Acesso em: 25 jun. 2010.

_____.; REIS, H. H. B. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Rev. Bras. Ciência e Mov.**, v. 11, n. 4,p. 45-50, 2003.

SCHMIDT, R. A. A schema theory of discrete motor skill learning. **Psychological Review**, v. 82, p. 225-260, 1975.

_____.; WRISBERG, C. A. **Aprendizagem e Performance Motora: Uma abordagem da aprendizagem baseada na situação**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SCHMIDT, R.A. **Aprendizagem e Performance Motora: dos princípios à prática**. São Paulo: Movimento Ltda, 1992.

SILVA, M. V. **Comparação do Nível de Conhecimento Tático entre os gêneros no Futsal**. 2001. 45 f. Monografia (Especialização em Treinamento Esportivo) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.

SILVA, M. V. **Processo de Ensino-Aprendizagem-Treinamento no Futsal: Influencia no Conhecimento Tático Processual**. 2007. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Treinamento Esportivo) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

_____.; GRECO, P. J. A influencia dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no desenvolvimento da inteligencia e criatividade tática em atletas de futsal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, v. 23, n.3, p. 297-307, jul./set, 2009.

_____.; *et al.* Ações ofensivas no futsal: uma comparação entre as situações de jogo organizado, de contra-ataque e de bola parada. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, ano 4, n. 2, p. 199, 2004. (Suplemento).

SOARES, B. H.; TOURINHO FILHO, H. Análise da distancia e intensidade dos deslocamentos, numa partida de futsal, nas diferentes posições de jogo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 20, p. 93-101, 2006.

SONNENSCHIN, I. **Wahrnehmung und taktisches Handeln im Sport. Betrifft Psychologie & Sport Sonderband 10**. Köln. R. F. Alemanha: B.P.S. Editora, 1987.

SOUZA, P. R. C.; GRECO, P. J. Desenvolvimento da Capacidade Tática no Futsal. In: GRECO, P. J. *et. al.* **Temas Atuais II**; Educação Física e ESPORTES. Belo Horizonte: Editora Healthy, 1997. p. 23-42.

_____. **Proposta de Avaliação e Metodologia para Desenvolvimento do Conhecimento Tático em Esportes Coletivos: a exemplo do Futsal**. Brasília: Publicações INDESP. 1999.

_____. **Validação de testes para avaliar a capacidade de tomada de decisão e o conhecimento tático declarativo em situações de ataque no Futsal**. 2002. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Treinamento Esportivo) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002.

SOUZA JR.,O. M.; DARIDO, S. C. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Revista Motriz**, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2002.

SOUZA, P.R.C., LEITE, T.M.F: Futsal. In: GRECO, P. J. **Iniciação Esportiva Universal 2: Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 1998. p. 171-203.

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artemed, 2000.

STEVAUX, R.C.; RODRIGO, C. **As questões de gênero no futsal feminino**. VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, Caxambu-MG, 21-24 nov. 2004. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere2008/anais/.../771_759.pdf Acesso em: 17 jun. 2010.

TANI, GO; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

TAVARES, F. Análise da estrutura e dinâmica do jogo nos jogos desportivos. In: BARBANTI, J.; BENTO, J.; MARQUES, A.; AMADIO, A.(Org.). **Esporte e Atividade Física**. Interação entre Rendimento e Qualidade de Vida. São Paulo: Manole. 2002. p. 129-143.

_____.; GRECO, P. J.; GARGANTA, J. Perceber, conhecer, decidir e agir nos jogos esportivos coletivos. In: **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

TEIXEIRA, F. **Educação física**: Futebol de Salão. São Paulo: Saraiva, 1979. v. 1.

TEODORESCO, L. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**.. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

THIESS, G.; SCHINABEL, G. **Grundbegriffe des trainings**. Berlin Oriental: Sportverlag, 1986.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VILELA, H. C. **Conhecimento Tático Declarativo, Processual e Processo de Ensino-Aprendizagem-Treinamento no Futebol**: da Categoria Juvenil do Vila Nova Futebol Clube – GO no ano de 2008. 2009. 160 f. Monografia (Mestrado em Educação Física Treinamento Esportivo) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

TOLUSSI, F. C. **Futebol de Salão**. 3. ed. São Paulo: Hemus, 1986.

VOSER, R. C. **Iniciação ao Futsal**: abordagem recreativa. Canoas: ULBRA, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e
Terapia Ocupacional.

MANUAL DE TESTES: HABILIDADES TÉCNICAS - THT

Prof. Dr. Pablo Juan Greco. EEFFTO-UFMG

TESTE 1: “ACERTAR O ALVO”

Objetivo: avaliar o nível de precisão na execução da habilidade chute /lançamento

Tarefa: O participante deverá acertar um alvo pontuado de 100 (centro do alvo) a 25 pontos (região periférica), decrescendo de 25 em 25 pontos. Para se acertar o alvo deve-se primeiramente lançar a bola de handebol com as mãos (utilizando mão dominante e mão não dominante), no segundo momento chutar a bola de futsal com os pés (utilizando pé dominante e pé não dominante). Ou seja, utiliza-se mão dominante (MD) e mão não dominante (MND), bem como, pé dominante (PD) e pé não dominante (PND). Em todos os procedimentos são utilizadas as mesmas bolas. A tarefa é subdividida em dois procedimentos:

- Arremesso com as mãos MD/MND: bola de handebol feminina (bola H1)
- Arremesso com os pés / chute PD/PND: bola de futsal (bola Max200)

Instruções:

Você tem duas tentativas para Arremessar / Chutar a bola com MD/MND e PD/PND de maneira que você possa atingir o alvo que fica na sua frente, se for possível, tentar acertar no centro. O objetivo é você conseguir a maior quantidade de pontos em cada arremesso.

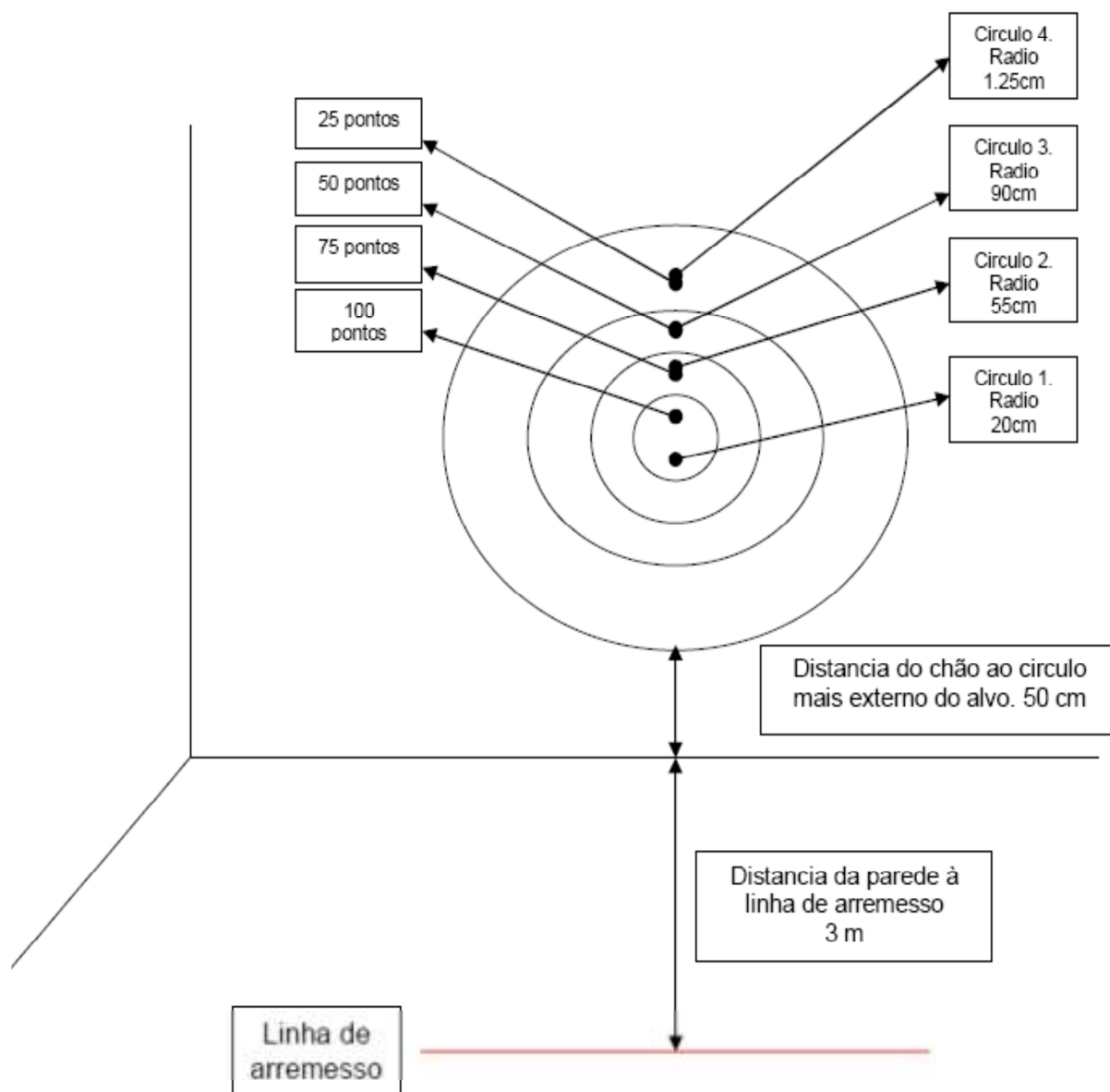
Avaliação

Cada aluno terá duas tentativas de arremesso para cada procedimento. Cada tentativa deve ser realizada com mãos e pés (MD/MND-PD/PND). Será registrado na planilha o total de pontos atingido pelo participante em cada procedimento.

Construção

O alvo pode ser construído com diferentes materiais, recomenda-se, porém que seja construído em forma de banner. A seguir se apresentam (figura 1) as diferentes medidas que devem se considerar no momento da sua construção e utilização nos diferentes locais onde o teste for aplicado.

Figura 1. Construção e medidas do alvo.



TESTE 2: “TESTE DE EQUILÍBRIO E PRECISÃO NO BANCO/TRAVE”

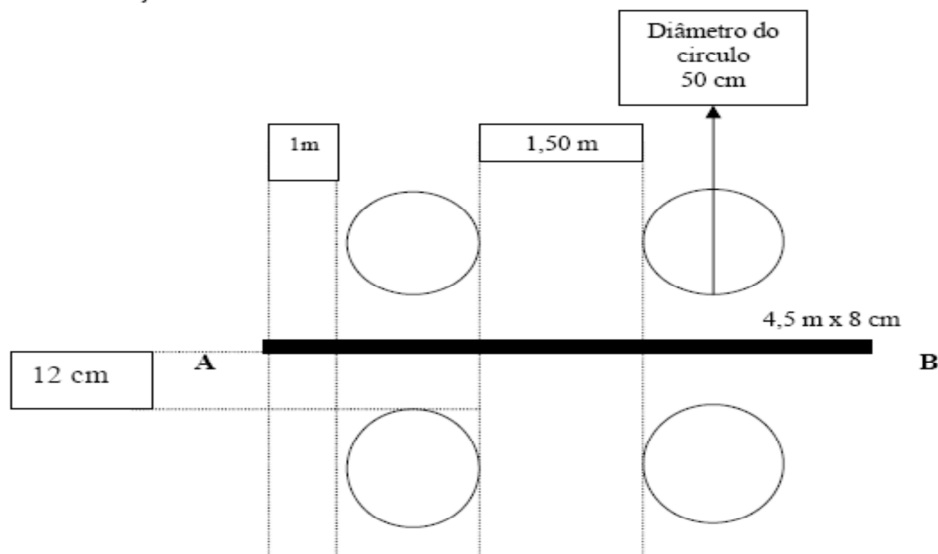
Objetivo: Analisar o nível de precisão em situação de pressão de tempo.

Tarefa: o participante deve deslocar-se de A para B sobre um banco sueco invertido (4,5 m x 8 cm), quicando uma bola de basquete no chão em locais demarcados com quatro arcos de 50 cm de diâmetro, utilizando a sua mão dominante (MD) e mão não dominante (MND). Cada arco foi colocado a 12 cm do banco. Esta medida deve ser tomada da parte mais externa deste. Caso o aluno caia do banco, deverá retomar o teste no ponto de início do mesmo, desconsiderando a sua queda.

Instruções: Após o sinal de já, o participante deverá deslocar-se de A para B andando sobre a tábua de (4,5 m largura x 6 cm) (a mesma do KTK, a tabua maior), quicando uma bola de basquete no chão em locais demarcados com quatro arcos de 50 cm de diâmetro, utilizando a sua mão dominante. Cada arco foi colocado a 12 cm da parte mais externa do banco. Caso o aluno caia da tábua, deverá retomar o teste no ponto de início do mesmo, desconsiderando a sua queda. O participante terá 30 segundos para realizar a tarefa, considerando-se o número de vezes que na passagem acerta a bola nos arcos. O participante deverá driblar a bola continuamente.

Avaliação: Será registrado o número de vezes que o aluno consegue acertar a bola dentro da delimitação dos arcos em um tempo de 30 segundos a partir da saída do aluno do ponto inicial.

Figura 2. Construção do teste.



TESTE 3: “CONDUÇÃO DE BOLA COM PÉ E MÃO”

Objetivo:

Pressão de tempo na realização de uma habilidade técnica.

Tarefa:

O participante posiciona-se atrás da linha de partida com uma bola de basquetebol ao sinal de já ou um apito, começa a se deslocar conduzindo a bola (driblando) com as mãos, sendo que duas tentativas são com a mão dominante e a mão não dominante, superando os obstáculos. Após atingir o ultimo obstáculo, o participante deixa a bola no chão e volta no ponto de partida correndo pelo lado direito dos obstáculos. O mesmo procedimento será feito com os pés com a bola de futsal usando o pé dominante e o pé não dominante. Tanto com a bola de basquetebol quanto com a bola de futsal usa-se a mão dominante (MD) e mão não dominante (MND), bem como o pé dominante (PD) e o pé não dominante (PND).

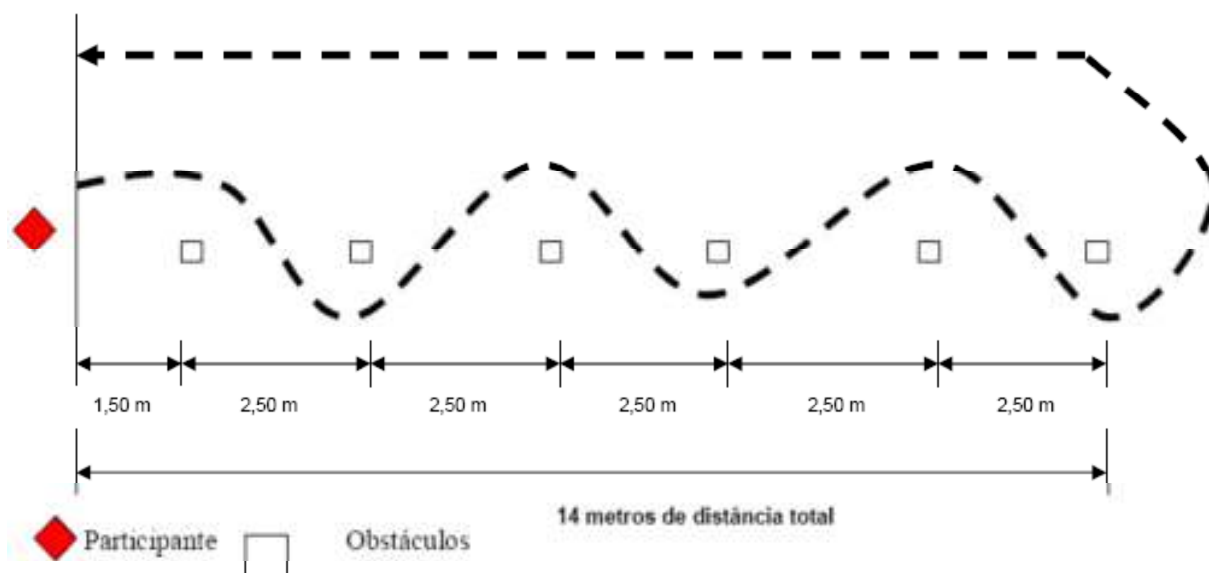
Instruções:

“Após o sinal de já, iniciar o dribling de condução da bola (utilizando primeiro MD e MND, e depois PD e PND) pelo lado esquerdo do primeiro obstáculo e continuar driblando superando os obstáculos descrevendo um zigue – zague, ao chegar no ultimo obstáculo, deverá deixar a bola no chão e voltar correndo no ponto de partida, lembre-se que tanto o percurso de ida quanto de volta devem ser realizados com a maior velocidade possível”.

Avaliação:

Será registrado o tempo (segundos e centésimos de segundo) investido pelo participante desde o momento de dar o sinal de já, até sua volta no ponto de partida. O participante tem direito a duas tentativas com MD – MND e PD-PND, registrando-se as duas tentativas na planilha de dados.

Figura 3. Construção do teste e posicionamento dos diferentes elementos.



TESTE 4 “COORDENAÇÃO ESPAÇO – TEMPO”(Modificado de Jung, 2002)

Objetivo:

Percepção espaço- tempo na realização de uma habilidade técnica.

Tarefa:

O participante posicionado a frente de um cone deverá no momento de escutar o comando de “já” ou de um apito, pegar um cartão do grupo de cartões que fica 50 centímetros a sua frente, virá-lo e observar qual é número que tem desenhado nele. Imediatamente, deve girar e sair em direção do cone que tem o mesmo número observado no cartão. A distância a percorrer é de 3 metros até encostar a mão no correspondente cone. Rapidamente o aluno deve voltar no local de partida para repetir o processo, até acabar de virar todos os cartões. Os cartões devem ficar no chão descrevendo uma fila, em ordem aleatória e, de maneira, que o participante não consiga ver o número que tem desenhado neles.

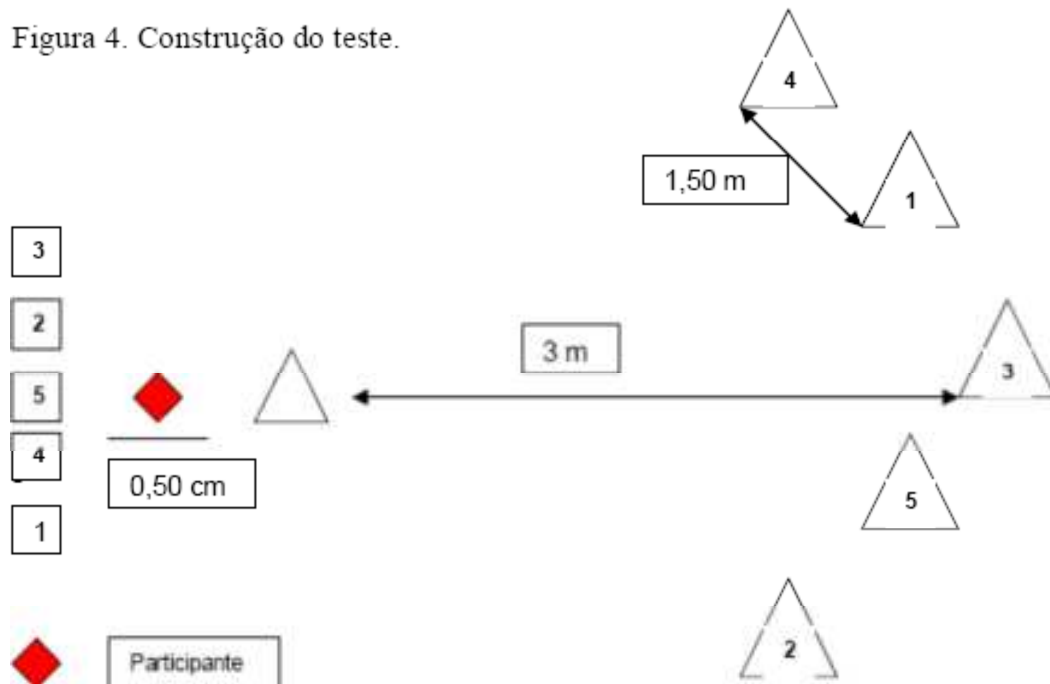
Instruções:

“Após o sinal de já, o mais rápido possível, pegue um cartão do chão, observe o número que tem desenhado, deixe-o no chão, gire e corra até o cone que tem esse número, encoste nele e volte no local de partida para pegar outro cartão e repetir o processo”.

Avaliação:

O tempo gasto pelo participante será registrado em segundos e centésimos de segundo. Na hipótese que o participante erre no momento de encostar-se ao cone o intento não será validado. Serão dadas duas tentativas para cada participante.

Construção: A seguir apresenta-se o gráfico do teste



TESTE 5 “LANÇA, RECEBE E DRIBLA”.

Objetivo

Pressão de tempo, precisão, complexidade, variabilidade e carga na realização de uma habilidade técnica.

Material

01 bola de voleibol

01 bola de basquetebol

01 bola de futsal

01 bola de handebol

Alvo (pode ser empregado o mesmo do teste 1.)

Trena

Fita crepe para as marcações

Cronômetro

Descrição da tarefa

O executante na zona de recepção após um estímulo sonoro (apito ou sinal de “já” ou “vai”) deve pegar uma das bolas, lançar dentro do alvo, após acertar receber a bola sem entrar na zona de passe. Após receber a bola vinda da parede o executante deve ir driblando/conduzindo a bola pela zona de deslocamento e colocar a mesma parada no solo após a linha, retornar e pegar a próxima bola até que se conclua as 4 bolas. O tempo de execução da tarefa começa junto ao apito e termina quando o executante coloca da ultima bola após a linha de deslocamento.

Observações

O executante só pode sair para a fase de drible depois de acertar no alvo marcado na parede, caso não acerte o mesmo deve recuperar a bola, voltar para a zona de recepção e lançar novamente até acertar no alvo. Neste caso a cronometragem não deve ser interrompida.

Figura 5. Construção do teste.

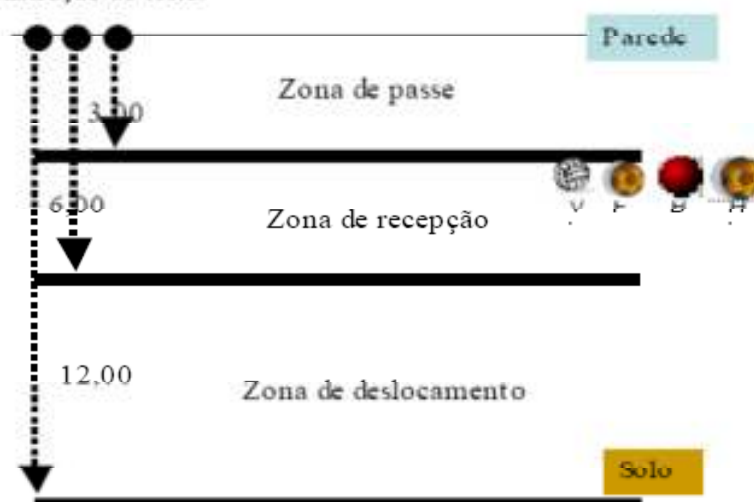
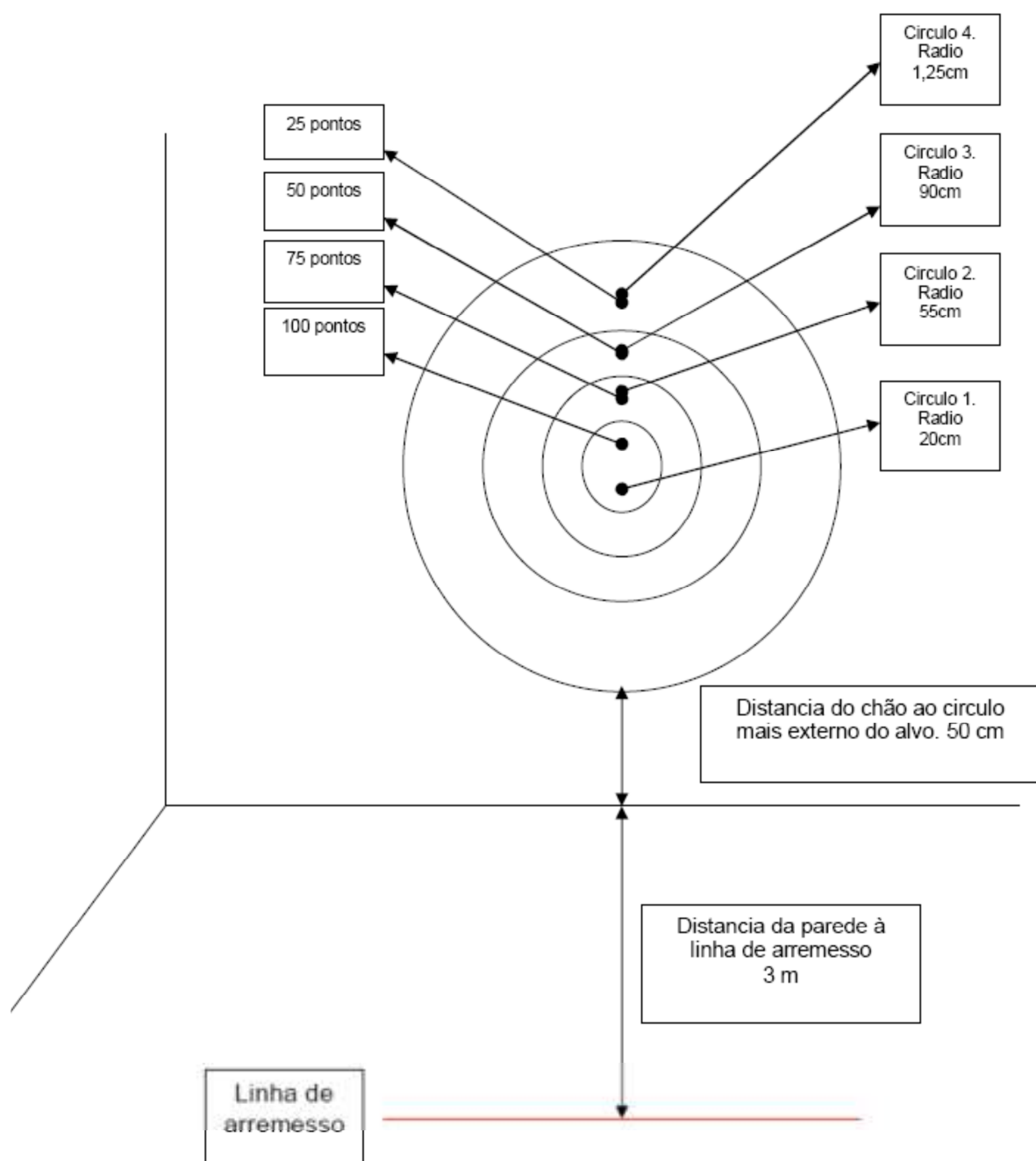


Figura 6. Alvo a ser empregado no teste número 5.



TESTE 6: “COORDENAÇÃO ESPAÇO – TEMPO – PRECISÃO”

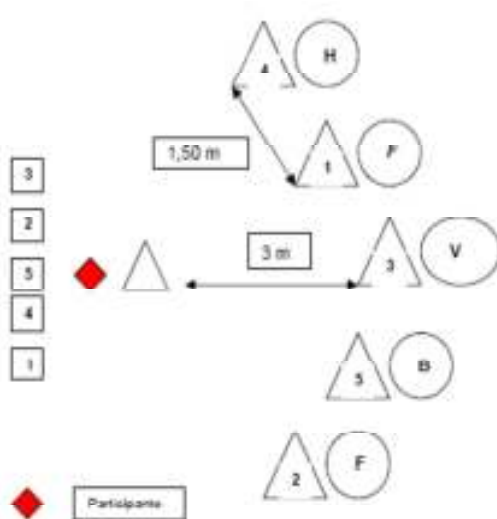
Tarefa: O participante posicionado a frente de um cone deverá no momento de escutar o comando de “já”, deslocar-se (0,50cm) para pegar um cartão do grupo que fica a sua frente, deverá virar o mesmo para observar qual é número que tem nele desenhado. Imediatamente deve girar e sair correndo em direção do cone (a 3 metros de distância) com o mesmo número, encostar nele e pegar uma bola (que pode ser de handebol, futebol, voleibol, basquete ou futsal). Ao chegar ao cone o participante deverá pegar a bola que estiver aí posicionada, e deverá arremessá-la ou chutá-la em direção a um alvo posicionado no chão a 3 m da linha dos cones. A bola de basquete deve ser lançada com a técnica de passe de peito, a de handebol com um lançamento em apoio, a de futebol e futsal com chute e a de voleibol com a técnica de “toque por cima”. Após o lançamento/chute, o aluno retorna a pegar um novo cartão, até completar o total de bolas. Será cronômetrado o tempo gasto para todas as ações e somado o número de pontos que o participante conseguir nos lançamentos/chutes. Os pontos são registrados pelo observador considerando o local que a bola cai (faz contato) pela primeira vez no solo. São duas tentativas por participante.

Os cartões devem ficar no chão descrevendo uma fila, em ordem aleatória e, de maneira, que o participante não consiga ver o número que tem desenhado.

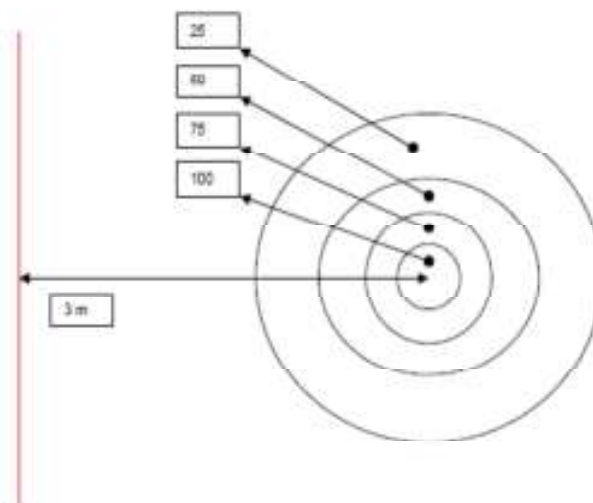
Instruções; “Após o sinal de já, o mais rápido possível, pegue um cartão do chão, observe o número que tem nele desenhado, deixe-o, gire e corra até o cone que tem esse número, pegue a bola e faça a ação (passe ou arremesso) que a bola indica procurando acertar o centro do alvo. Feita ação volte no local de partida para pegar outro cartão e repetir o processo”.

Avaliação: Será cronômetrado o tempo total gasto e somado o número de pontos que o aluno atingir e o tempo empregado. Na hipótese que o participante erre no momento de executar a tarefa, o intento não será validado. Serão dadas duas tentativas para cada participante.

Construção: A seguir apresenta-se o gráfico do teste



H: bola de handebol
F: bola de futsal
V: bola de voleibol
B: bola de basquetebol
F: bola de futebol



ANEXO 2



Folha de Resposta para o Teste de Conhecimento Tático Declarativo em situações de Ataque no Futsal.

CENA 01	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 02	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 03	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 04	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 05	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 06	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 07	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 08	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 09	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
4-JUSTICATIVAS:					

CENA 10	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 11	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 12	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 13	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 14	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 15	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 16	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 17	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 18	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
4-JUSTICATIVAS:					

CENA 19	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 20	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 21	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 22	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 23	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 24	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

CENA 25	DECISÃO				
	PV ()	AD ()	AE ()	DCE ()	DCD ()
JUSTICATIVAS:					

ANEXO 3

GABARITO TESTE CONHECIMENTO TÁTICO NO FUTSAL

CENA	SCORE TD	SCORE SR CD
01	3	3 = 5
02	1	2 = 5
03	1	2 = 5
04	4	1 = 10
05	1	3 = 5
06	1	2 = 2,5
07	2	2 = 10
08	3	3 = 5
09	1	2 = 5,5
10	1	2 = 5,3
11	5	3 = 5
12	4	3 = 5
13	5	3 = 4,5
14	4	3 = 5
15	1	3 = 5
16	1	2 = 5,5
17	2	3 = 5
18	2	3 = 5
19	1	2 = 10
20	2	2 = 10
21	3	2 = 10
22	3	3 = 5
23	2	3 = 5
24	3	3 = 5
25	5	3 = 10